NA 3. PÁGINA: «O CASO DE BERLIM» POR ATTICUS

Diário de Lisboa

FUNDADOR: JOAQUIM MANSO DIRECTOR: A. RUELLA RAMOS
TERÇA-FEIRA, 4 DE MARÇO DE 1969 N.º 16 596 ANO 48.º UM ESCUDO

DECOR
A MELHOR DECORAÇÃO
AV. ÁLVARES CABRAL, 46 — LISBOA

POSSÍVEL AVISO DE NIXON À U. R. S. S.

WASHINGTON, 4 — (R.) — A decisão do presidente Nixon de realizar esta noite uma conferência de Imprensa provocou especulação sobre um possível aviso á União Soviética acerca dos riscos de uma confrontação entre o Leste e o Oeste por causa de Berlim.

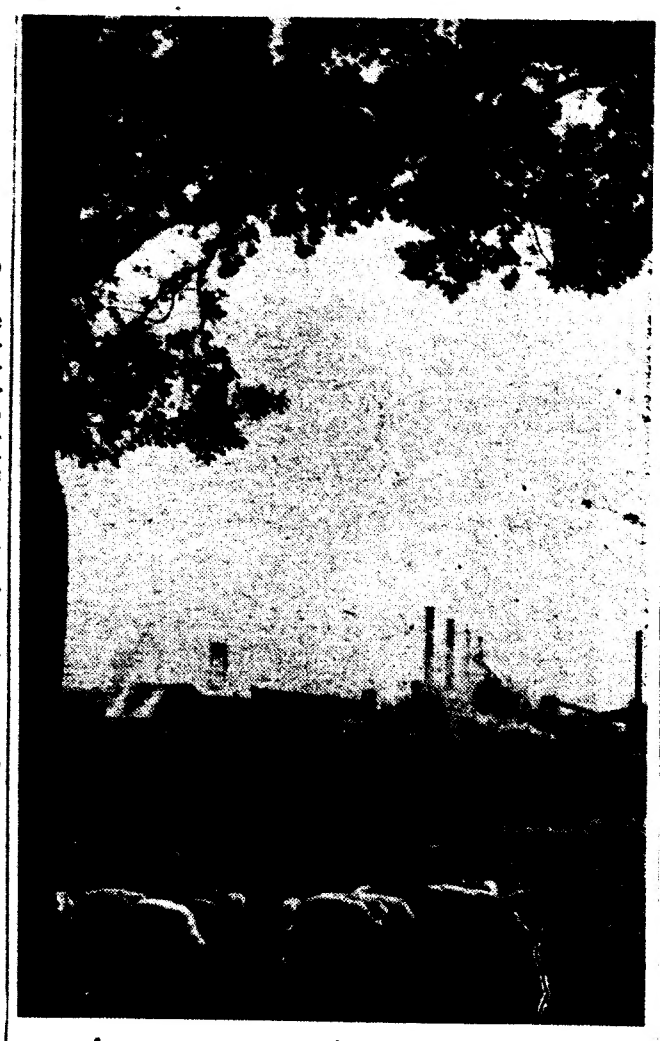
A conferência, durante a qual o presidente comentará a sua viagem á Europa Ocidental, devia inicialmente efectuar-se depois de amanhã, dia a seguir á planeada eleição presidencial alemã em Berlim-Oeste.

Contudo, sem explicação,

(Continua na última página)

ALGURES NO MUNDO

um repórter do Diário de Lisboa



A carne e o aço: as riquezas do Luxemburgo

Como vive um país pequeno

por Mário Zambujal

LUXEMBURGO — Está um friozinho de catorze graus negativos na branca manhã em que chego à capital do Grão-Ducado do Luxemburgo, um minúsculo país de 2586 quilómetros quadrados (metade do Algarve) em que as distâncias extremas são de 82 quilómetros (norte-sul) e 57 quilómetros (este-oeste). Tudo está coberto de neve e cai mais neve. Tomo conhecimento de que foi cortado o tráfego em algumas estradas, especialmente para o Norte, onde vive parte da colónia portuguesa. Os trabalhos na construção civil, em que se empregam muitos outros nossos compatriotas, estão suspensos devido ao frio.

Não se trata na realidade de um problema grave. Mais ou menos rigorosos, os Invernos trazem sempre as baixas temperaturas, a neve, o gelo, as momentâneas paralisações em alguns sectores do trabalho. Não será isso que afectará o nível económico deste pequenino Estado europeu, cuja população é menos de metade da de Lisboa: cerca de trezentos e trinta mil habitantes, dos quais oitenta mil são estrangeiros.

Os portugueses são cerca de três mil. Este

(Continua na pág. seguinte)

HOJE 28 PAGINAS VISADO PELA CENSURA

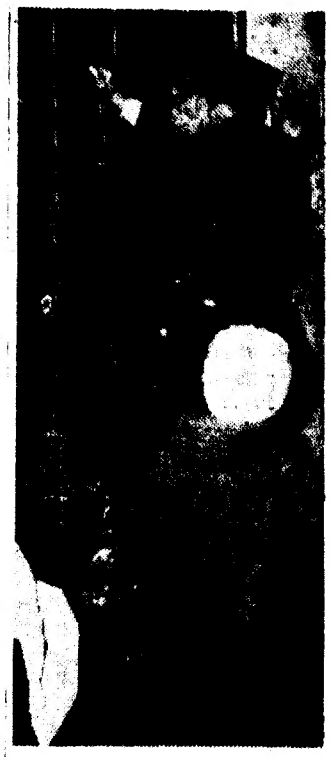
Edição da noite

Descida na Lua em Junho (prevê o general Philips)

CAPE KENNEDY, 4 — (F. P.) — «Creio que aumentaram nitidamente as nossas possibilidades de sermos os primeiros a pôr pé na Lua» — declarou ontem em Cape Kennedy o dr. Wernher von Braun, «pai» do superfoguetão «Saturno 5», portador da nave «Apolo 9».

«Com efeito» — precisou pelo seu lado o general Samuel Philips, director do programa «Apolo» — «É possível que a N. A. S. A. decida suprimir a fase constituída pela experiência da «Apolo 10», durante a qual o «Módulo Lunar» deveria ser colocado em órbita muito baixa (16 km) á volta da Lua, para passar directamente ao programa do voo da «Apolo

(Continua na 11.ª página)



Com 72 anos de idade e 43 de profissão, este é o sr. Casimiro — o mais velho guarda-nocturno de Lisboa e figura popular entre os seus colegas, como entre os noctívagos da baixa velha lisboeta. Homem de muita vida e de muitas histórias, vai a caminho das suas 17 000 noites de Lisboa — e, por uma destas noites, ele falou-nos da sua vida e contou-nos algumas das suas histórias (Ler reportagem de JOSÉ CARLOS DE VASCONCELOS na pág. 7)

BENFICA-AJAX

EUSÉBIO não treinou — SIMÕES e TONI, estão aptos

PARIS, 4. — (Especial para o «Diário de Lisboa») — **O Benfica, tal como estava previsto, treinou esta manhã num pequeno campo de futebol localizado no Trianon. Durante uma hora, os jogadores fizeram exercícios: pequenas corridas, toques com bola e ginástica de descontracção.**

Eusébio não treinou. Mas, apenas por precaução, ele não acompanhou os colegas, uma vez que o departamento clínico do Benfica o dá como apto para a partida de amanhã. Igualmente, Toni e Simões são considerados como «recuperados», visto não se terem ressentido dos «toques» sofridos no jogo contra o Sporting.

Por seu lado, o Ajax fez uma «finta»: anunciando que treinava ao fim da tarde, fê-lo de manhã, no Estádio de Collombes. Por isso, poucos assistentes tiveram ensejo de «espiar» os holandeses...

Rinus Michelüs divulgou a «linha» do Ajax, exactamente a mesma que actuou na Luz.

Da Holanda, deslocam-se 40 000 adeptos do Ajax, nos mais variados meios de transporte. Exemplo: 25 aviões e 500 autocarros. Além das ligações ferroviárias normais (que são numerosas) prevêem-se diversos comboios especiais.

Isto comprova o grande entusiasmo que rodeia o decisivo embate de amanhã.

(Ler mais noticiário na página 21)

Dois ministros (da Saúde e das Obras Públicas) estiveram esta manhã nas velhas instalações do Hospital de S. José que mais sofreram com o sismo, obrigando á transferência de 377 doentes para outros locais. «Vão ser tomadas mais providências» — prometeram. (Ler notícia na página 20)

LUXEMBURGO o "anão de aço"

Como vive um país pequeno

(Continuação da pág. anterior)

número é, evidentemente, muito menor do que se observa noutros países — nomeadamente na França e na Alemanha — para onde a mão-de-obra nacional se tem evadido há alguns anos a esta parte. Mas há que ter em conta as dimensões geográficas e populacionais do Grão-Ducado, que conferem à presença desses três milhares de portugueses uma relativa importância. Afinal de contas, e em números redondos, constata-se que é portuguesa uma de cada cem pessoas que vivem no Luxemburgo.

CADA LUXEMBURGUÊS «PESA» TREZE TONELADAS (DE AÇO)

Como é possível a um país de tais dimensões não só viver seguro na sua independência, como ocupar lugares de vanguarda em todos os índices de prosperidade?

Efectivamente, as estatísticas mostram que o Luxemburgo iguala, ou mesmo supera, as sociedades europeias economicamente desenvolvidas, nos números que habitualmente definem o nível de vida das populações. Assim, desde o automóvel (aqui um por cada cinco habitantes!) ao consumo de carne, de leite, de energia eléctrica e à média de divisões por habitação, o Grão-Ducado afirma-se com um desenvolvimento que o coloca entre os mais prósperos países da Europa.

Esta riqueza advém-lhe, essencialmente, da siderurgia. A produção anual de aço é da ordem dos 4,5 milhões de toneladas, o que equivale a 13,5 toneladas por habitante, número cuja importância melhor se compreenderá se tivermos presente que as industrializadas nações vizinhas (Alemanha, Bélgica e França) não atingem uma tonelada por habitante.

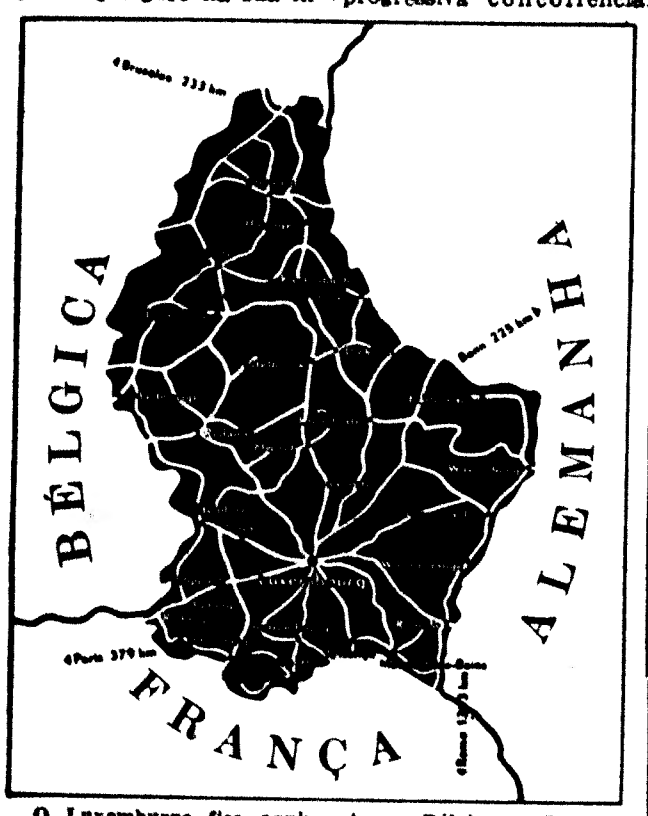
Foi-me proporcionada uma visita a uma das grandes fábricas da ARBED (Aciéries Réunies Burbach Esch Dudelange) em Esch-sur-Alzette, a cerca de vinte quilómetros da cidade do Luxemburgo. A ARBED que tem como principal societária a Société Générale Belgique, possui quatro gigantescas fábricas, e a sua produção anual é de quatro milhões de toneladas, cerca de noventa por cento do total do país.

O Luxemburgo exporta cerca de setenta por cento desta produção.

«A nossa indústria siderurgica está em crise» — disseram-me, no entanto.

Essa crise deriva de uma progressiva concorrência. Outros países estão a apetrechar-se neste sector e verifica-se, actualmente, uma mais rápida evolução da oferta do que da procura.

No entanto, os luxemburgueses precaveram-se a tempo contra os riscos de uma indústria virada para um só sector. Riscos que são evidentes: qualquer crise nessa indústria significa a crise do próprio país. Daí que o Grão-Ducado procure, de há alguns anos para cá, novas fontes de prosperidade. A abertura das portas aos capitais estrangeiros, para uma política de diversificação e reconversão industriais, atraiu especialmente os americanos, que viram assim a oportunidade de entrarem nos domínios da Benelux — a associação económica formada pelo Luxemburgo, a Bélgica e a Holanda — conseguindo, assim, mais uma penetração no Mercado Comum.



O Luxemburgo fica aqui: entre a Bélgica, a França e a Alemanha

ALGURES NO MUNDO

um repórter do Diário de Lisboa

MÁRIO ZAMBUJAL

HELICÓPTEROS PARA SULFATAR AS VINHAS

Dez por cento da população activa trabalha na agricultura, mas as autoridades luxemburguesas esperam que em breve essa percentagem esteja reduzida a metade. Isso resulta de um constante esforço de mecanização, que nas mais apetrechadas indústrias, como pude verificar na ARBED, atingiu grande desenvolvimento no automatismo e na electrónica

A agricultura beneficia dessa preocupação de mecanizar, e é elucidativo o facto de haver a média de um tractor por 16 hectares de terra cultivada. No vale do Mosela, a região vinícola, as vinhas são sulfatadas com helicópteros.

Apenas cerca de metade do solo luxemburguês tem tido aproveitamento agrícola, mas procura-se desenvolver a produção nas terras do Norte. Aí tem sido largamente aplicado um fertilizante que os agricultores locais podem comprar a um décimo do preço a que sai para o estrangeiro.

Ao fim e ao cabo, é verdade que tudo isto junto não passa de uma «grande herdade», mas, afinal de contas, são pouco mais de trezentas mil pessoas a comer as batatas, o pão e a carne. E até dá para exportar. Assinale-se, aliás, que o sector agrícola está especialmente orientado para a criação de gados, cujo valor é de cerca de oito vezes maior que o do produto vegetal.

Está muito desenvolvida a indústria dos lacticínios, e o próprio leite é um valor de exportação. Existem modernas centrais para preparação e acondicionamento do leite, e numa dessas unidades encontram-se, em missão permanente de vigilância e inspecção, dois soldados dos Estados Unidos. Razão: vai do Luxemburgo grande parte do leite que consomem as tropas americanas estacionadas na Alemanha.

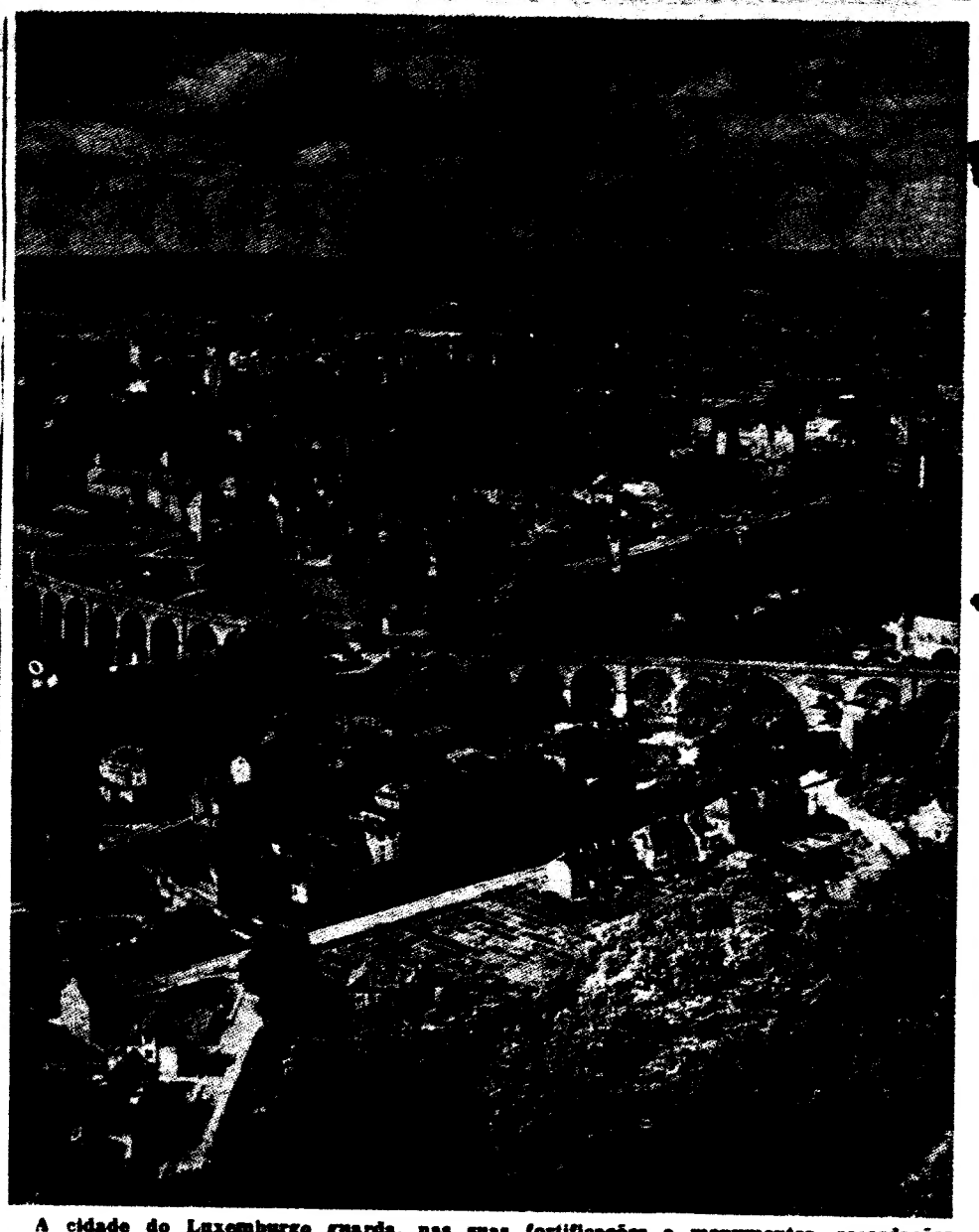
Membro do Mercado Comum e de outras associações económicas internacionais, o Luxemburgo é, ainda, a actual sede da N. A. T. O., embora não tenha, praticamente, forças armadas.

É TUDO «LOGO ALI»

O meu cicerone numa viagem através do Grão-Ducado disse-me, a certa altura: «Se quer ir ao estrangeiro é só escolher: estamos a cinco quilómetros da fronteira com a França, a vinte da Bélgica, a trinta da Alemanha...»

Esta pequenez geográfica marca a vida do Luxemburgo. Terá inconvenientes, mas também tem grandes vantagens, pois a maioria dos problemas também são à escala do país. Fácil lhe será ter boas ligações por estrada ou via férrea, pois todas as distâncias entre as localidades não vão além das dezenas de quilómetros. Por outro lado, quase todas as pessoas se conhecem e os problemas individuais beneficiam de uma maior atenção, relativamente ao que se passa nas grandes sociedades populacionais.

Pode dizer-se que o Luxemburgo está para a Europa como uma aldeia está para qualquer país. Mas não se vive mal cá na aldeia.



A cidade do Luxemburgo guarda, nas suas fortificações e monumentos, recordações quase milenárias

«25 Desenhos do Brasil» apreciados pelo Chefe do Estado

O Chefe do Estado visitou, esta manhã, no Palácio Foz, a exposição do artista Mário de Oliveira, intitulada «25 Desenhos do Brasil», que ali se encontra patente desde o passado dia 20 de Fevereiro.

O Chefe do Estado, que se fazia acompanhar do almirante Henrique Tenreiro, foi recebido pelos srs. drs. Clemente Rogeiro, Caetano de Carvalho, eng.º Álvaro Roquete e Francisco Avillez.

Encontrava-se presente o artista, bem como o conselheiro de Imprensa da Embaixada de Espanha, D. Alonzo Sabino Fueyo.

O ministro da Marinha nos E. U. A.

WASHINGTON, 4 — (A. N. I.) — O ministro português da Marinha, contra-almirante Pereira Crespo, foi ontem recebido pelo secretário da Marinha dos Estados Unidos, John Chafee, antigo governador do Estado de Rhode Island.

O contra-almirante Pereira Crespo, que chegou no domingo a Washington, por via aérea, vai a caminho do Japão, onde representará o Governo português na cerimónia do lançamento á água do maior petroleiro do mundo, o «Universe Portugal».

Entretanto, a senhora de Spiro Agnew, esposa do vice-presidente dos Estados Unidos, ofereceu ontem um chá em honra da filha do chefe do Estado português, senhora D. Natália Tomás, que igualmente se encontra em Washington em trânsito para Tóquio, em representação de sua mãe, senhora D. Gertrudes Tomás, que vai ser a madrinha do referido petroleiro.

Lacerda (lacónico) partiu para Madrid

Depois de uma semana de repouso em Portugal, partiu esta manhã, por via aérea, para Madrid, o político brasileiro dr. Carlos Lacerda.

Abordado pelos jornalistas, recusou-se a fazer qualquer declaração, limitando-se a prometer: «*Voltarei em breve, e, nessa altura, será talvez mais oportuna uma conversa entre nós*».

O antigo governador do Estado da Guanabara seguiu acompanhado dos seus amigos Sérgio Cosati e Tannay de Faria.

A seguir:

ENTRE A HISTÓRIA E A TELEVISÃO

ASILO DE SÃO JOÃO

No dia 11, ás 21 e 30, reune-se a assembleia geral ordinária do Asilo de S. João, na sede, Travessa do Loureiro, 8, para apreciar o relatório e as contas do último ano. No caso de não haver número legal de sócios, a assembleia reunir-se-á, de novo, no dia 21, á mesma hora.

BANCO DO ALENTEJO
também no ESTORIL

O CASO DE BERLIM

Por ATTICUS

Na origem daquilo a que chamamos a «questão de Berlim» há um facto que, sob todos os pontos de vista, é bastante curioso: é que não devia haver lugar para que se falasse de uma tal «questão». O estatuto da antiga capital alemã foi estabelecido pelos vencedores da Alemanha, em termos o mais precisos possíveis, que se não prestem a quaisquer controvérsias.

Berlim foi tratada pelos «Grandes Aliados» completamente á parte, logo que estes se ocuparam da partilha das suas zonas de ocupação após a derrota da Alemanha, nomeadamente na Comissão Consultiva da Europa (C.C.E.), criada em Moscovo, no mês de Outubro de 1943, aquando da Conferência dos ministros dos Negócios Estrangeiros aliados (Cordell Hull, Anthony Eden, Molotov), comissão cuja tarefa era a de estudar os problemas que surgiriam na Alemanha após a derrota.

UM FACTO CAPITAL

O primeiro documento oficial, o Protocolo, onde se estabeleciam as zonas de ocupação, fazia uma nitida distinção entre estas e Berlim. Ao falar das zonas de ocupação, este documento especificava: «e da administração da Grande-Berlim.» Não se tratava, pois, de uma zona de ocupação especial. Isso não faria sentido, pois Berlim estava situada na zona de ocupação soviética. Tratava-se apenas, — por razões que vamos ver de seguida — da «administração» da cidade, que, de facto, fazia parte da zona soviética.

O Protocolo em questão, assinado a 12 de Setembro de 1944, pela C. E. E., em Londres, devia entrar em vigor a partir da data em que a Alemanha assinasse a sua capitulação. Este Protocolo constituía, pois, o documento de base respeitante a Berlim. O artigo 1.º deste documento dizia que a Alemanha ficaria dividida em três «zonas de ocupação» (a França ainda não era tomada em consideração) e que «um território (área) *especial* de Berlim» ficaria a ser conjuntamente ocupado pelas três potências.»

O «ESTATUTO ESPECIAL» DE BERLIM

A palavra «ocupação» não se presta a confusões. Todo o peso da questão assentava na palavra *especial*. Com efeito, o artigo 2.º do Protocolo de 12 de Setembro de 1943 punha em evidência o carácter especial do estatuto de Berlim. Este artigo, ao definir a zona soviética, especificava que esta zona seria ocupada «com excepção do território de Berlim» para o qual estava previsto um «sistema *especial* de ocupação». E o artigo 5.º explicava que este «sistema especial de ocupação» consistia num sistema de administração da cidade em comum. O artigo 5.º previa a criação de uma «autoridade de comando interaliado», sob a designação russa de «Kommandatura», encarregada da «Administração em comum da Grande-Berlim», a qual se encontrava dividida em três sectores. E foi neste espírito que a C. E. E. precisou, a 14 de Novembro, o traçado das fronteiras das zonas de ocupação aliadas e das dos três sectores de Berlim (que deveriam posteriormente passar a quatro, com a inclusão do sector francês).

Finalmente, os acordos dos «Grandes Aliados» referentes ao estatuto de Berlim estavam ligados aos acordos de Potsdam, na medida em que faziam parte do conjunto do sistema por estes previsto quanto á administração da Alemanha durante a ocupação pelos Aliados.

PORQUÊ UM ESTATUTO ESPECIAL

Em princípio não havia nenhuma razão para abrir excepções para a antiga capital alemã, que se encontrava na zona de ocupação soviética. Mas o seu «estatuto especial» foi efectivamente estabelecido por razões especiais, no quadro do regime da ocupação da Alemanha e da sua administração aliada em comum.

Com efeito, se Berlim foi dotada de um estatuto especial, foi unicamente porque tinha sido escolhida como sede do Conselho de «Contrôle» Aliado, isto é, do organismo supremo criado pelos vencedores para a administração em comum da Alemanha durante o período da ocupação. Doutro modo, teria sido inconcebível que os russos tivessem podido admitir um «estatuto especial» para Berlim, situada precisamente no coração da sua zona de ocupação, quando a tomada da antiga capital do Reich pelo Exército Vermelho constituía o mais belo troféu da sua vitória.

UMA SITUAÇÃO PROVISÓRIA

O caso de Berlim explica-se, pois, pelo facto de o estatuto especial da cidade ser de carácter provisório. Este estatuto estava ligado ao regime de ocupação da Alemanha, o qual era também provisório, e ligava-se muito especialmente ao mecanismo do Conselho de «Contrôle» Aliado, encarregado da administração da Alemanha.

Os signatários dos acordos referentes a Berlim reconheciam tão bem a ligação entre o estatuto da cidade e o regime de ocupação, que se esforçavam por evitar as lamentáveis consequências que poderiam resultar dessa ligação no caso de o estatuto de Berlim continuar a subsistir depois de o regime de ocupação vir a ter fim. O documento de 14 de Novembro de 1944, acima citado, referente ao estatuto de Berlim confirmado pela declaração dos quatro comandantes aliados na Alemanha, assinada em 5 de Junho de 1945, em Berlim — o qual era documento complementar da capitulação da Alemanha — estipulava, no artigo 8.º: «O regulamento (previsto pelo documento em questão) *é válido pelo período de ocupação*», etc. E adiante. «*Será objecto de acordo especial o regulamento para o período seguinte.*» O que significa que o estatuto especial de Berlim era limitado no tempo, estando a sua duração condicionada pela duração do regime de ocupação, e que seria revisto no fim deste regime e substituído por um outro «acordo especial» sem mais nenhuma relação com o estatuto de Berlim.

O facto é que o estatuto especial de Berlim não teria já razão de ser, visto que o Conselho de «Contrôle» Aliado, que escolhera a cidade para sua sede, deixaria de existir no fim do regime de ocupação. O «regulamento» previsto neste ultimo caso pelos novos «acordos especiais» entre os aliados deveria lógicamente implicar o regresso de Berlim á zona de ocupação soviética, da qual se tinha destacado por razões conhecidas. Por maioria de razão, assim deveria ter acontecido quando o regime de ocupação veio a resolver-se na separação da Alemanha em duas, pela criação do Estado alemão de Oeste, á qual se seguiu a criação do Estado Alemão de Leste.

Se tudo se tivesse passado em conformidade com os acordos de Potsdam, a Alemanha sairia da guerra como um Estado unido, Berlim voltaria a ser a capital — e não haveria já lugar a qualquer «estatuto especial» Mas, dado que a Alemanha foi dividida, a cidade de Berlim pelo facto de fazer parte da zona de ocupação soviética, que se converteu em Republica Democrática Alemã, deveria pertencer a este Estado. Traduzindo esta noção na realidade, a RDA fez a sua capital no sector soviético de Berlim.

A «questão de Berlim» surgiu assim. Para os soviéticos e alemães do Leste o conjunto da antiga capital alemã deveria, efectivamente, fazer parte integrante da RDA. Mas este ponto de vista não é secundado nem pelos ocidentais nem pelos alemães do Oeste. Aliás nem Moscovo nem Berlim Leste se firmam já muito sériamente neste entendimento, desejosos, sem duvida, de evitar agravos inuteis.

A tese do Governo federal alemão situa-se nos antípodas desta. No entender de Bonn, Berlim constituiria uma «zona á parte» e como tal continua a ser tratada. Constitui, pois, um segundo «estado» da Alemanha Federal, tal como as outras antigas zonas de ocupação ocidental. É em virtude desta tese que o Governo de Bonn tem sempre tratado Berlim-Oeste como fazendo parte da Republica Federal. É também em virtude desta tese que o mesmo Governo pretende hoje proceder á eleição do novo pre-

(Continua na pág. seguinte)

Nota do dia

RECUPERAR O POSSIVEL

QUEM TEM CULPAS NA BRANDOA? A pergunta tem um certo sabor, tanto mais que vai fazer-se um inquérito à Câmara (é de Oeiras) e a Câmara, por seu turno, vai também ou está também a fazer ela o seu inquérito, este à procura dos proprietários das construções consideradas clandestinas apesar de toda a gente as ver. E daqui, a outra pergunta, no mesmo estilo da primeira: quem tem casas na Brandoa?... Porque, se não se sabe quem tem culpas, também parece que não se sabe, por muito estranho que pareça, quem é que por lá tem casas, das tais, ditas clandestinas.

Clandestinas quer dizer, como o leitor já suspeitou, qualquer coisa que não tem nada com o fazer-se às escondidas sem ninguém saber. Quer dizer mesmo quase o contrário disto, ou seja, casas clandestinas são umas que não se fazem às escondidas e, pelo contrário, se fazem à vista de toda a gente, mas, como o cão do poeta, não têm licença nem pagam imposto. Quer dizer: nasceram das tristes ervas, começaram ali rasteirinhas, ninguém dava por elas, foram crescendo, crescendo como cresce a figueira-do-inferno e, mal as criaturas da fiscalização nem chegavam a dar por elas, iam elas já nos sete andares.

E agora? Ora bem, agora, ao que parece, vão ser demolidas. O quê? As casas ou as fiscalizações? Parece que as casas, porque as fiscalizações, essas são de pedra e cal, e bem seguras nas sapatas. Mas, em boa verdade, haviam de demolir-se as fiscalizações? Ninguém pensa nisso, pois quando muito se pensa que elas haveriam de ser corrigidas e chamadas à ordem. Ora, é exactamente isso que pensamos também das construções. Estão lá, fazem falta, quando muito deverá aplicar-se-lhes a mesma receita que se preconiza para as fiscalizações: corrigi-las, aproveitá-las e metê-las na ordem.

O que não se entende é este súbito acordar de pruridos. Não nos passaram procuração os proprietários ou construtores, na sua maior parte dessa estirpe a que, na gíria de fiscais e mais gente do mesmo meio, pitorescamente se chama «patos bravos». Mas eles fizeram as casas, elas estão de pé e entraram no mercado em condições de interessar certas camadas de consumidores. Acham que o remédio é deitar abaixo indiscriminadamente? Em boa verdade, parece-nos que não. Do que se trata, em primeiro lugar, é de ver quais é que podem ficar de pé e quais é que hão-de ir abaixo.

Daí por diante, apurar outra consequência. Talvez seja, e é, andar ao contrário, mas é o que parece inevitável. E isso será o de acertar os arruamentos, passar aquilo tudo à régua sobre a planta, mandar demolir o que estiver fora das linhas necessárias, mandar fiscalizar a segurança das que puderem salvar-se, instalar sistemas de abastecimentos e esgotos, pavimentar as ruas, pôr a funcionar a pequena cidade-satélite que já hoje, melhor ou pior, dá abrigo parece que pelo menos a doze mil pessoas.

O resto corre o risco de parecer demagogia. Não podemos ser, apenas, deliberadamente, contra os clandestinos, contra os fiscais, contra as câmaras, contra os que foram ali arrumar a sua vida por não acharem onde melhor o pudessem fazer. Não adianta deitar foguetes nem bichas-de-rabear, mas adianta encontrar fórmulas razoáveis de equilíbrio que sirvam a uns sem prejudicar aos outros, quer dizer, que sirvam a todos ao mesmo tempo. Pode parecer difícil, estranho e confuso, mas evidentemente é por aí que vale a pena procurar o único caminho que parece possível. Sem atiçar nem açular quem quer que seja contra quem for.

OH, NO MAR DA PALHA!

Um palco excelente para o «Grande Prémio T. V. da Canção Portuguesa» (edição 1970) era a fragata do Mercado de Abril, onde Leonel Coelho montou a sua luxuosa petisqueira. Mas com uma condição: autores, intérpretes e orquestra só voltariam a pisar terra firme se o público assim entendesse. Caso contrário, Mar da Palha com eles!

Uma vez no Mar da Palha, a meio caminho da cala do Barreiro, várias hipóteses:

a) — Proibição de atentar contra o ouvido colectivo pelo espaço de cinco anos;

b) — A mesma proibição enquanto houvesse fragata;

c) — Idem enquanto a bacia do Tejo fosse o que é hoje;

d) — Idem enquanto houvesse rios.

Segundo advertência dum conhecedor, subsistiria o perigo de os enfragatados organizarem ràpidamente o «Festival da Canção do Mar da Palha». Ao que eu respondi sem qualquer hesitação:

— Está tudo pensado, meu velho. Compra-se uma canhoneira!

FERNANDO ASSIS PACHECO

Crédito Universitário
BANCO DO ALENTEJO

CURSO LICEAL
DIURNO E NOCTURNO
CICLO PREPARATÓRIO — ADM. INSTITUTOS
Bem apetrechados laboratórios
ESCOLA SÃO VICENTE Rua do Paraíso, 28
(CAIS DA PRAIA APOLÓNIA) Telefs. 865904-871955-872589
EXTº MARQUÊS de POMBAL R. Carrilho Videira, 10
(JOSÉ MORAIS SOARES) Telefs. 834698-820221

O CASO DE BERLIM

(Continuação da pág. anterior)

sidente da Republica Federal em Berlim-Oeste.

Uma terceira tese é a das potências ocidentais. Porque estas não reconhecem a validade da tese de Bonn. Se o fizesse, teriam igualmente que reconhecer que os acordos assinados durante a guerra com os seus aliados russos nunca existiram e que seria concebivel transformar Berlim-Oeste em capital definitiva da Republica Federal: isto é, transformar uma cidade situada no coração de uma Alemanha na capital da sua oposta.

Se Berlim fosse uma «zona á parte», isso deveria ter sido especificado pelos aliados aquando da partilha das zonas de ocupação. A prova de que não é assim está em que até o próprio Governo federal admite a presença de tropas de potências ocidentais em Berlim-Oeste em virtude do antigo «estatuto especial» da cidade Ainda mais: é a estas potências que o Governo federal se refere, em todas as circunstancias as considerando responsáveis pela segurança da cidade

Tudo isto é tão verdade que basta o simples facto de as tropas das potências ocidentais estarem em virtude do antigo estatuto da cidade, presentes em Berlim-Oeste para provar que a cidade não faz parte da Republica Federal

UM ANACRONISMO QUE PERDURA

A verdade é que a tese válida hoje é a das potências ocidentais, embora constitua um anacronismo, pois representa a *sobrevivência* do antigo estatuto de Berlim. Segundo esta tese, o regime dos três sectores da antiga capital continua em vigor sem terem nada em conta o facto de que já não subsistem os motivos por que esta cidade foi dotada de «estatuto especial».

Só que, entretanto, o regime sofreu uma transformação profunda. Na época, a presença das tropas aliadas em Berlim simbolizava a administração quadripartida da Alemanda ocupada, visto que o organismo central desta gestão, o Conselho de «Contrôle» Aliado, escolhera a antiga capital para sede. Hoje, as três potências ocidentais continuam nos seus antigos sectores da cidade para lhes assegurarem a segurança e para defenderem a liberdade e independência da população, embora nunca tivesse sido posto este problema.

Contudo, na prática, este novo estado de coisas é unânimemente reconhecido. Os primeiros que teriam motivos para contestar seriam os alemães de Leste e os russos. Mas estes nunca levantaram dificuldades a tal respeito.

A unica crise de Berlim foi a do «bloqueio». Mas não foi devida ao estatuto da cidade; foi devida ás divergências entre os ocidentais e os russos acerca do conjunto do problema alemão. Desde então nunca mais se conheceram crises de Berlim nem derivadas de qualquer atitude dos ocidentais em defesa das suas posições em Berlim-Oeste, nem derivadas de qualquer tentativa dos russos para desalojar os ocidentais dessas posições. De modo que se as coisas ficassem por aí nunca mais teria havido crises de Berlim, enquanto o destino da antiga capital alemã continuasse em suspenso.

UMA CRISE CURIOSA

As crises periódicas de Berlim que todos nós conhecemos surgem por razões filiadas na tese de Bonn; isto é, filiadas numa tese que é rejeitada não só pelos russos e pelos alemães de Leste como pelos ocidentais. Isso dá-se de cada vez que o Governo de Bonn tenta levantar novamente a discussão sobre a «questão de Berlim», reconfirmando a sua tese por um gesto espectacular — como a próxima eleição do novo presidente da República Federal, a qual terá lugar em Berlim-Oeste

Crises tão curiosas quanto injustificadas, porque os ocidentais sempre tentaram, em cada uma dessas ocasiões, fazer compreender ao Governo de Bonn que o antigo estatuto de Berlim continua imutável. Dito por outras palavras: que a cidade não faz parte da República Federal. Em todas as conferências ao mais alto nível, a questão de Berlim era tratada isoladamente, isto é, sem qualquer relação com o problema alemão, que era, afinal, o verdadeiro tema central destas conferências

Não restam duvidas de que, se fossem só os russos e os ocidentais a decidir de uma regulamentação definitiva da «questão de Berlim» já se teria conseguido chegar a um acordo. Os americanos são os ultimos a opor-se a tal. Um jornal como o «Washington Post» escrevia, a 26 de Janeiro de 1948: «Não há boa lógica em procurar manter o nosso posto avançado em Berlim. Desde que decidimos criar um Governo alemão ocidental nada mais temos a fazer em Berlim».

Era nisso que pensavam, sem dúvida o presidente Eisenhower e Kruschtchev, nos seus encontros em Camp David, quando reconheceram que a situação em Berlim era «anormal»

Mas há muitissimo tempo que os russos não insistem neste ponto. E é o Governo de Bonn que impede todo o arranjo, embora ridicamente ele nada tenha a dizer sobre a matéria.

UMA CRISE CONFUSA

A crise de Berlim volta à baila de cada vez que o Governo Federal procede a qualquer gesto visando a provar que Berlim-Oeste pertence à República Federal e de cada vez que a República Democrática Alemã e os soviéticos reagem a este gesto denunciando-o como uma «provocação». Se não reagissem, reconheceriam a tese de Bonn, que poderia ir muito longe. No dia, por exemplo, em que o Governo Federal proclamasse Berlim-Oeste sua capital teriamos o conflito aberto com a União Soviética.

Esta situação, já suficientemente explosiva, mais se agrava com o facto de os ocidentais tomarem posição favorável ao Governo Federal, se bem que não aprovem a tese de Bonn, dispostos a aceitar todos os riscos, e, muito embora se não trate da defesa do estatuto de Berlim da defesa da sua própria tese.

Tal é o imbróglio de Berlim sob o seu aspecto actual, imbróglio que compete aos ocidentais e aos russos desfazer. Não se trata, com efeito, de uma querela sem solução. Não se lhe vê objecto, visto que o fundo da crise é a insistência de Bonn em fazer prevalecer a sua tese, que nem uns nem outros reconhecem.

Posto isto, trata-se de evitar o pior. Porque se pode chegar ao pior, devido à solidariedade dos aliados. Washington, Londres e Paris consideram-se no dever de seguir Bonn, embora se sentissem felizes se não se encontrassem em tal situação. Os americanos foram os primeiros a aconselhar o Governo Federal a renunciar à eleição presidencial em Berlim, receando precisamente as consequências perigosas de um tal gesto. Mas Bonn não quis saber disso, sabendo que os seus aliados só tinham a resignar-se com a sua atitude. Assim se passaram, efectivamente, as coisas.

É, pois para evitar as consequências lamentáveis (para todo o mundo) da insistência de Bonn que se esforçam Moscovo e Washington. Os russos querem fazer entender aos americanos que não se trata de tocar no estatuto de Berlim: que apenas se opõem à pretensão do Governo Federal de tratar Berlim-Oeste como fazendo parte da República Federal. Enquanto os americanos têm que encontrar razões para justificarem o apoio que não podem recusar ao Governo Federal, uma vez que a prensaça das potências ocidentais em Berlim-Oeste não está em jogo.

ATTICUS

UMA SOCIEDADE TAUROMÁQUICA NA MOITA

MOITA DO RIBATEJO, 1 — Com elevado número de accionista reuniu-se a assembleia da Sociedade Moitense de Tauramaquia, para apreciação e aprovação da referida Sociedade.

Presidiu o sr. Luís Costa Santos, secretariado pelos accionistas João Cândido Carvalho de Oliveira e Silva e Rafael Galamas.

Após vários accionistas terem feito uso da palavra, o presidente pôs em discussão a legalização da Sociedade, o que foi aprovada por unanimidade.

Seguidamente procedeu-se á eleição dos corpos gerentes para o corrente ano, tendo sido eleitos:

ASSEMBLEIA GERAL — Vítor Brito de Sousa, Amilcar Carvalho de Oliveira Parreira e Isidro Carvalho de Oliveira.

DIRECÇÃO — José Luís de Almeida Oliveira, João Serafim Figueira Baptista e João Pereira Neves.

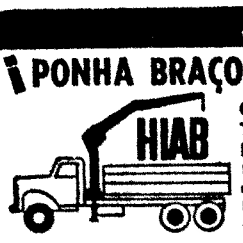
CONSELHO FISCAL — Luís Costa Santos, José Figueira Baptista e Luís Augusto Almeida Pereira.

VIDA SOCIAL

EM VIAGEM

Acompanhado de sua esposa, seguiu para Paris, o alfalate José Luís.

¡PONHA BRAÇOS HIAB NO SEU CAMION!



O CARREGADOR HIAB ELEVA, TUDO; ATÉ OS SEUS LUCROS! DEFENDA-SE, COMPRANDO BRAÇOS A PREÇOS FIXOS!

ROLIM COMERCIAL, S. A. R. L.
R. Vitorino Damásio, 3 - Tel. 66 81 73 - Lisboa
R. Passos Manuel, 51 - Tel. 3 44 33 - Porto

Encerramento de estradas em Manteigas

MANTEIGAS, 4 — Como é hábito anualmente, no dia 1 de Março, a Administração-Geral dos Serviços Florestais, mandou encerrar todas as suas estradas das 12 ás 12,30 horas. Acontece porém, que nesta vila existe um bairro bastante habitado, pertença da Caixa Sindical, situado nos domínios da estrada florestal de S. Sebastião.

É de lamentar que os seus moradores tivessem de esperar meia hora ou então, os mais apressados, tivessem de atravessar outros terrenos particulares, sujeitos á linguagem dos seus proprietários, além de outros prejuízos pessoais causados pela escassez de tempo para o almoço.

Não poderiam os referidos Serviços Florestais, mandar colocar o guarda com os referidos sinais depois do cruzamento do bairro?

P. S. P. DE VISEU

VISEU, 4 — Em substituição do capitão Luís Fernando da Fonseca, que deixou há dias as suas funções, foi nomeado comandante da P. S. P. de Viseu o capitão Carlos Alberto Coelho de Sousa que desempenhava o mesmo cargo em Leiria,

Manhã na praça

MELHORAMENTOS NO MERCADO DE 24 DE JULHO

É altura de referirmos os melhoramentos que beneficiaram o Mercado de 24 de Julho. Em tempos, assinalámos as más condições das escadas de acesso ao piso superior, gastas, esburacadas e de corrimãos partidos. Não era sem certo temor que subiamos ou descíamos aquelas escadas, duplamente perigosas pelo seu mau estado de conservação e por se encontrarem sempre pejadas de detritos de hortaliça. Um passo menos cuidadoso e não seria brincadeira!

O perigo, se não está anulado, foi diminuído. Depois da reparação ficaram em estado de novas e, por-

— Pode conferir. O troco está certo!

menor agradável, quando as pisámos mostravam-se limpas, o que não era hábito ás 11 horas da manhã.

Estes dois factos levaram-nos a desistir de tratar, pelo menos por hoje, do problema do coelho. Não há coelho morto nos mercados. A dona de casa tem de o comprar vivo, a 23$00 o quilo, e esperar que o matem e esfolem se tiver repugnancia ou lhe faltar coragem de o fazer. Porque, segundo dizem as vendedeiras, não podem vender o coelho morto na tabela que lhes querem impor. Mesmo a 36$00, dizem, pouco ou nada ganham. Terão razão? Tentaremos averiguar isso numa das próximas semanas. Entretanto, congratulamo-nos com as obras levadas a cabo nas escadas do Mercado de 24 de Julho!

PREÇO DOS PRODUTOS

Vimos o quilo dos alhos a 8$00; das cebolas, a 4$40; das cenouras, a 3$50; do tomate, a 18$00; das favas, a 9$00; das azeitonas, a 6$50 e 10$00; do tremoço, a 3$20; dos pimentos, a 18$00; e da ervilha de pão, a 6$00.

O molho dos rabanetes vendia-se a 33$50; dos bróculos, a 15$00; da beterraba, a 6$50; do alho francês, a 10$00; dos agriões, a 1$50; dos espinafres, a 5$00; das nabiças, a 12$00; e dos grelos, a 8$50.

A couve lombarda estava a 9$00; a couve portuguesa, a 1$50, 4$00 e 6$00; a alface, a 1$50, 2$00 e 4$00; o nabo, a $50 e 1$00; a couve-flor, a 5$00 e 8$00; e a murciana, a 12$00.

PEIXE

O quilo da garoupa estava a 24$00; do cachucho, a 13$50; do goraz, a 16$00 e 20$00; do peixe-espada, a 14$40 e 15$00; da pescada negra, a 18$00; do peixe-galo, a 15$00; do pargo, a 18$00, 28$00 e 30$00; da pescada congelada, a 14$00; do tamboril, a 10$00 e 11$00; do polvo, a 10$00; da xaputa, a 8$00; do imperador, a 5$30; da sardinha, a 10$00; do carapau, a 10$00; das lulas, a 22$50; do mero, a 13$50; do pombo, a 11$90; do linguado, a 47$00; do safio, a 16$00; da lagosta, a 210$00; da ameijoa, a 30$00; da conquilha, a 10$00; do camarão, a 50$00; do burrié, a 12$00; das gambas, a 70$00; do berbigão, a 3$00; do robalo, a 36$00; do sável, a 28$00; da caldeirada, a 11$00; da eirós, a 28$00 e 29$00; da sarda, a 12$00; das ovas, a 25$00 e 30$00; do pregado, a 30$00; dos ruivos, a 14$00; das bogas, a 14$00; do chicharro, a 14$00; dos meros, a 17$30; dos chocos, a 13$00; das fanecas, a 10$00; e do cachucho, 13$00.

CRIAÇÃO

Vimos o quilo do frango vivo a 21$50; da galinha viva, a 18$00 e 20$00; e do coelho vivo, a 23$00. No capítulo da criação morta limpa, verificámos que a tabela do frango marcava 27$00 e 28$00, e da galinha, a 24$00 e 26$00. A duzia dos ovos estava a 12$70, 13$80, 14$20, 14$70, 15$20 e 15$40.

FRUTA

O quilo das bananas estava marcado a 10$00, 12$40 e 13$00; do ananás, a 12$40; das tangerinas, a 9$00 e 9$50; dos pêros «golden», a 13$00, 14$00 e 15$60; da laranja, a 4$50 e 7$80; das pêras, a 14$30 e 18$20; do limão, a 7$80; do pêro encarnado, a 14$30; e do pêro bravo-de-esmolfe, a 15$60 e 22$00.

FLORES

A duzia dos lírios vendia-se a 25$00; dos cravos, a 30$00; dos goivos, a 40$00 e 50$00; das tulipas, a 40$00 e 60$00; dos jarros, a 25$00; das camélias, a 25$00; e dos narcisos, a 20$00.

DONA DE CASA

PRIMEIRAS EXIBIÇÕES

• NO TIVOLI

TÍTULO: «Jogo Perverso» («The Magus» — 1968).
REALIZAÇÃO: Guy Green.
INTERPRETES: Anthony Quinn, Michael Caine, Candice Bergen e Anna Karina.

A pergunta que todo o público fazia ontem á saída, do filme era: percebeu? Pois bem, não percebi nada porque não há nada a perceber. Por muito que se repitam as citações de Eliot e se recite um poema chinês da geração Tang-qualquer-coisa, na verdade o filme de Guy Green não deixa de ser um perfeito descalabro. Autor de um «Quarto Interdito» pouco sensato e de um «Sebastian» bastante prometedor, Green tenta uma obra de problematização metafísica (onde começamos a ser nós? Onde termina o jogo? Onde está a verdade?) que está muito além das suas possibilidades. O resultado é perfeitamente ridículo. Impossível contar — só visto E do domínio da interpretação, Anthony Quinn dá-nos uma grande nostalgia (calculem!) dos seus bons tempos de Papa, Michael Caine toma vários banhos, Anna Karina bebe leite e Candice Bergen passeia a sua beleza invulgar. Um caos. Há ainda uns nazis que aparecem nas capelas onde um indivíduo marcou encontro com uma pequena, na sua boa fé, é cKlaro, mas devem ser nazis retardados, que ficaram da ultima guerra e ainda talvez nem saibam que ela acabou.

Fixe-se o nome do autor do argumento: John Fowles. Este enredo é um candidato muito sério ao título do pior do ano.

Em complemento, mais um desenho animado da série James Hound que é com certeza uma das mais tristes que tenho conhecido: total ausência de imaginação.

E. P. C.

NOTÍCIAS DOS ESTÚDIOS

■ **Já não contracenam com Harry Belafonte os actores Edward G Robinson e Ida Kaminska, no filme «The Angel Levine», extraído de um conto de Bernard Malamud. Robinson será provàvelmente substituído por Zero Mostel, mas ainda não se sabe quem tomará o lugar da actriz polaca Kaminska.**

■ **Vai começar-se a rodar em cinerama o filme «Canção da Noruega», dedicado á vida do compositor Grieg. «A Canção da Noruega será rodado na Inglaterra, na Dinamarca e na Noruega e tem como realizador Andrew Stone.**

■ **A actriz Lilli Palmer é a principal intérprete do filme intitulado «A Resistência», realizado por Ibanez Serrador, segundo se anuncia de Madrid.**

■ **Vai começar em breve a rodagem do filme «A Flor do Cacto», a realizar por Gene Saks. Ingrid Bergman e Walter Matthau serão os principais intérpretes.**

■ **O «Pradikat Besonders Wertvoll», o maior prémio da cinematográfica da Republica Federal Alemã, foi este ano atribuído ao filme de Paolo Pasolini «Teorema».**

■ **Fernandel volta ao cinema para interpretar um dos principais papéis da película «Le Retour», dirigida por Henri Colpi e baseada num romance de Magdalena Frick.**

■ **Steve Mac Queen, depois do êxito obtido no filme «Bullit», aceitou rodar nova película, que terá por título «Yards at Assendorf» que vai ser realizada por John Sturges.**

■ **«Change of Habit» é o próximo filme a rodar por Elvis Presley. Nesta película narra-se o caso de um jovem médico que nutre uma forte amizade por uma freira (papel desempenhado por Mary Tyler Moore).**

■ **William Holden, Bourvil e Virna Lisi são os principais intérpretes da película «A Arvore de Natal», que Terence Young está a rodar no castelo de Taulanc.**

Steve McQueen é o principal intérprete do filme «The Thomas Crown Affair», película dirigida magistralmente por Norman Jewison, o laureado realizador de «No Calor da Noite». McQueen surge na figura de um elegantíssimo homem de negócios, contracenando com Faye Dunaway, a famosa «Bonnie» do filme «Bonnie and Clyde»

A revista

«Elas é que sabem!»

– êxito no ABC

Entre os números de maior projecção da revista que José Miguel apresenta com êxito no popular Teatro ABC, destaca-se o quarteto final, «A oferta da estátua», um dos mais extraordinários quadros de crítica apresentado em teatro de revista nas últimas décadas.

O texto, de aguda observação e humor, nas melhores tradições portuguesas, é servido por quatro excelentes interpretações de Ivone Silva, Nicolau Breyner, Henriqueta Maya e José de Castro que nas vestes caricaturais dos bonecos de barro vidrado de Bordalo (a «Ama», o «Zé Povinho», a «Varina» e o «Guarda») ergueram um quarteto de muita actualidade, recheado de crítica oportunfssima, aberta e sadia.

O número, aplaudido delirantemente, todas as noites, é um dos francos motivos de agrado deste espectáculo a todos os títulos notável, que a crítica responsável e o público acolheram com entusiasmo.

«RI-TE, RI-TE»

– EM BREVE

NO MONUMENTAL

«Ri-te, ri-te» é a nova revista para o palco do Monumental, original dos populares «Parodiantes de Lisboa», sob a direcção de montagem de Rui e Hernani Martins, com figurinos de Mário Alberto.

Os ensaios de poema prosseguem sob a direcção de Camilo de Oliveira que, depois do triunfo alcançado em «Lisboa é sempre mulher», volta a ser o director deste novo espectáculo.

A parte coreográfica, composta de um corpo de baile de 25 figuras internacionais, é dirigida pelo conhecido coreógrafo Paulo José a quem ficou a dever-se o êxito dos bailados da revista «Pois, pois! »

Em OLIVAIS SUL o «DIÁRIO DE LISBOA» é vendido pelo nosso agente ANTÓNIO VALENTE

NOS PALCOS DO MUNDO

A tragédia em um prólogo e dois actos, do romancista Alberto Moravia, «O Deus Kurt», foi apresentada em estreia mundial no «Teatro Stabile dell'Aquila».

★

Ingmar Bergman inaugurou um novo método teatral. Contratado pelo Teatro Real de Arte Dramática de Estocolmo para encenar a peça «Woyzeck», de George Buchner, decidiu autorizar o público a assistir aos ensaios todos os dias, das 10 ás 14 horas, declarando que não estava a ser um inovador, pois Molière fez o mesmo com «L'Impromptu de Versailles».

★

Jean-Pierre Bisson é simul. taneamente autor, encenador e um dos intérpretes de «A Manhã Vermelha», peça em forma de oratoria que se estreou no «Theatre de Plaisance». Este espectáculo, com seis personagens, pretende protestar contra «o aniquilamento de uma certa geração».

TEATRO LAURA ALVES
— T. 864756 —
Às 21.45 h. (ADULTOS)
EM ÚLTIMAS REPRESENTAÇÕES
VASCO MORGADO apresenta
O êxito que Lisboa aplaude
O JOVEM MENTIROSO
Magnífico triunfo de um elenco de consagrados e jovens lado a lado

TEATRO MONUMENTAL
HOJE, não há espectáculo. Descanso oficial da Companhia
AMANHÃ, ás 21.45 h.
QUANDO ELA SE DESPIU
(Adultos)

CASA da COMÉDIA
R. S. Francisco Borja, 22
T. 677299
Última semana
HOJE, às 22 h.
A CAIXA DE PANDORA de Fernando Amado
(M. 12 anos)
subs. pelo Fundo de Teatro

CINEMA NO COLISEU
HOJE, às 21 e 15
(Maiores de 12 anos)
Grandioso programa duplo com os filmes
«BAILARINA»
«O PRÍNCIPE GUERREIRO»
Quinta-Feira: NOVO PROGRAMA

ABC
ELAS É QUE SABEM
HOJE, às 20.45 e 23 h
(ADULTOS)

NOVO CASINO ESTORIL
HOJE E AMANHÃ
últimas apresentações

LES CINQ PÈRES
FAMOSOS COMEDIANTES DA CANÇÃO
THE TONELY'S
ORIGINAIS ACROBATAS FANTASISTAS
ESMERALDA AMOEDO

PARIS JAZZ BALLET
UM "COCKTAIL" DE COREOGRAFIA MODERNA
OS "SHEIKS" JIRINA'S COMBO
JORGE COSTA PINTO E SUA ORQUESTRA
na grande salão restaurante às 23.30h m/17 anos
no wonder bar à 1.00h m/21 anos
No CINEMA, às 17 e às 21.30 h.
COM A PEDRA NO SAPATO (M/17 anos)

TRINDADE
— F. N. A. T. —
HOJE, às 21.45 (17 anos)
o T.N.P., subs. pelo Fundo do Teatro, apresenta
SABINA FREIRE
de M. Teixeira Gomes
com Lourdes Norberto na protagonista
SABADO, tarde às 16 h.

AGUARDENTE VELHA Riepoort
a prova dá-lhe a prova

VASCO MORGADO apresenta
AR CONDICIONADO
TEATRO VILLARET
(Adultos)
3.° MÊS
UM ÊXITO POPULAR
Hoje: 2 sessões, ás 21 e 23 h.
com RAUL SOLNADO
A PREGUIÇA
(a história de um homem cheio de preguiça)
★
FERNANDA BORSATTI
★
ALINA VAZ
★
ANTÓNIO MONTEZ
★
DAVID SILVA
MÁRIO JACQUES

NAS ASAS DA IBÉRIA (LINHAS AÉREAS DE ESPANHA)

MAJA DE PORTUGAL-1969: CANDIDATAS MUITO COTADAS NUMA PARADA DE FOTOGENIA

MARIA HELENA MARTINS

Mais duas concorrentes foram seleccionadas pelo júri prévio encarregado de aquilatar da fotogenia das candidatas ao título de «Maja de Portugal — 1969». Hoje, apresentamos aos nossos leitores Ana Maria Lourenço Marques e Maria Helena Martins, respectivamente de Lisboa e de Setúbal.

Ana Maria Lourenço Marques tem dezoito anos de idade e é dactilógrafa. Por seu lado, Maria Helena Martins é estudante e conta vinte anos. Uma citação especial para esta concorrente: Maria Helena Martins venceu, aos 16 anos, o certame para «Rainha do Sado» e está (portanto) habituada a enfrentar júris (e plateias) bastante exigentes em matéria de fotogenia e simpatia, distinção e cultura, sociabilidade e á-vontade. Tem o curso comercial e estuda línguas, é modelo e tem intervindo em diversas películas publicitárias. Mais: já bastante, gosta de teatro e de música, é coordenadora da página feminina de um jornal de Setúbal e debruça-se sobre os problemas inerentes à mulher na sociedade actual. Uma candidata firme — portanto — ao cetro e à coroa de «Maja de Portugal». Com tantas condições (saliente-se) como as demais raparigas que o júri tem seleccionado de entre cerca de duas centenas de candidatas: reflexão comprovativa do enorme êxito obtido por este concurso organizado pela Associação Goya Internacional, com o apoio da Ibéria (Linhas Aéreas de Espanha), nas colunas do «Diário de Lisboa».

Lembramos que, até ao próximo dia dez, recebemos inscrições das concorrentes. Basta, para tanto, que as jovens interessadas nos remetam, devidamente preenchido e com as fotos requeridas em anexo, o cupão que incluímos em todas as nossas edições. Depois, é apenas questão de tempo: o júri escolherá as raparigas (solteiras, com mais de 18 anos de idade e fotogenia marcante) que vão atingir a fase final da eleição, o momento em que se decidirá qual a jovem portuguesa que, ao lado de representantes de outros dezoito países, estará em Saragoça (Espanha) na «corrida» para o título de «Maja Internacional — 1969».

ANA MARIA LOURENÇO MARQUES

COMUNICADO DAS FORÇAS ARMADAS NA GUINÉ

BISSAU, 4 — (A. N. I. e L.) — Foi distribuído o boletim informativo das Forças Armadas na Guiné, relativo ao período de 17 a 23 de Fevereiro, que é do seguinte teor:

«Durante o período, o inimigo flagelou a povoação de Bissorã (Binar) e os aquartelamentos de Bedanda, Cameconde, Ganturé, Binar e Gadamael, implantou engenhos explosivos nas regiões de Caluga (Susana, Pelundo e Quor), Bambadinca e, ainda, Cutia, e armou emboscadas às nossas tropas nas regiões de Cumfa, Cacoca, Samboiá, Pelundo e na estrada Xime-Bambadinca.

Em resultado das acções realizadas pelas nossas forças o inimigo sofreu: na região de Có um capturado, na região de Saw Nhaco (Dás-Jonquito) cinco mortos e apreensão de armamento e munições, em Finque Nhabal (Tite) um morto, na região de Teixeira Pinto dois mortos e a apreensão de armamento, na região de Pelundo sete mortos, na estrada Xime-Bambadinca um morto e a apreensão de material diverso, na região de Joi apreensão de armamento e material diverso. Na região de Cumfa (Cacoca) as nossas forças reagiram prontamente a uma emboscada montada pelo inimigo, que fugiu para a República da Guiné abandonando no território nacional quatro mortos e material diverso.

Nas vias fluviais foram destruídos meios de transposição. No conjunto das acções levadas a efeito durante o período, foram recuperados 47 elementos da população.

Durante o mesmo período o inimigo sofreu 10 mortos e um capturado. As nossas forças sofreram três mortos em combate cujos elementos de identificação foram, oportunamente, divulgados aos órgãos de informação.»

Comunicado do S.I.P. das Forças Armadas

O Serviço de Informação Pública das Forças Armadas comunica que morreu, em combate, na província de Moçambique, o soldado 11052667, Américo Pereira Ribeiro, natural de Setúbal, filho do sr. Américo Joaquim Pereira e da sr.ª D. Belvina Reis Pereira Ribeiro.

SINTRA ESPERA-O

Para a sua decoração utilize os combates eléctricos.

ora diga-nos...

— Já apanhou um grilo?

«Cri-cri-cri!» Tão breve a vida de um grilo! Tão breve a nossa alegria!

● *Carlos Nascimento Lopes, rapazito atilado, bandeja de cafés na mão, disse-nos assim:*

— Olha, olha...
— *Olha o quê?*
— Pois já apanhei, já apanhei!
— *Já apanhaste...?*
— Já! Foi na Pampilhosa da Serra. Ele estava a cantar e eu, com uma palheira, tirei-o cá para fora. Que lindo!
— *Viveu muito tempo?*
— Oh, não! Quinze dias! Mas depois agarrei outros, dava-lhes alface e eles cantavam que era um regalo... Ainda os ouço cá na cidade.

● *António dos Santos Carvalho, citadino, encolheu os ombros:*

— Nunca vi um grilo...
— *Nunca...?*
— Nunca.
— *Nem desenhado?*
— Desenhado já...
— *Como é então...*
— É assim a modos de uma barata grande.

● *Vítor Matoso, da província, a trabalhar cá num talho, já tinha visto um grilo,* «e'm, senhor»:

— Apanhei um lá na minha aldeia. Apanhei-o com uma navalha. O «tipo» estava a cantar e eu com a navalha cortei-lhe o caminho. O grilo saltou para a navalha e eu levei-o para a casa...
— *Não lhe fizeste a barba...?*
— Ah! Ah! Ah!

Fundada em Lisboa a Associação Luso-Venezuelana

O embaixador da Venezuela em Lisboa, dr. Rafael Armando Rojas, com o fim de incrementar o intercambio económico e cultural entre os dois países, acaba de fundar a Associação Luso-Venezuelana Por esse motivo, promoveu, na sua residência, uma reunião em que estiveram presentes destacadas figuras do nosso meio intelectual e financeiro e membros da colónia venezuelana em Portugal.

O interesse da Associação é tanto maior quando se sabe que a colónia portuguesa naquele país da América Latina é constituída por mais de 130 mil pessoas.

Durante a reunião falaram o jornalista Armando de Aguiar e o prof. dr. Hernani Cidade, indicado para presidir á Associação. Foram depois escolhidos, por aclamação, os outros membros directivos: escritora Oliva Guerra e dr. Carlos Branquinho, vice-presidentes; jornalista Francisco Alves de Azevedo, secretário; deputado José Pereira Vicente de Abreu, pintor Carlos Botelho, jornalista Armando de Aguiar, eng.º Fernando Moutinho, dr. Alfredo Esteves Belo, locutor Pedro Moutinho e dr. Francisco Vasconcelos Esteves, vogais.

Dezenas de individualidades deram já a sua adesão á colectividade, que tem sede na Embaixada da Venezuela.

«VERA CRUZ»

Uma portaria emanada do Ministério da Marinha declara que o navio «Vera Cruz», da Companhia Colonial de Navegação, é afretado pelo Ministério do Exército, a partir de 17 do corrente, para transporte de tropas e material de guerra.

«PUBLITURIS» TEM UM ANO

O eng.º Álvaro Roquete, director-geral do Turismo, associou-se á comemoração do primeiro aniversário da «Publituris», quinzenário de informação turística e publicidade dirigido pelos nossos prezados camaradas de Imprensa Mário Henriques e Nuno Rocha.

A festa dos doze meses foi ontem no Hotel Rex e teve também a presença, entre outros, do prof. Magnoni, presidente da Federação Universal das Agências de Viagens. Aos brindes respondeu Mário Henriques com palavras de esperança no futuro do seu quinzenário, lançado, como disse, para promover «um diálogo que não existia.»

«Diário de Lisboa»

Na ultima reunião, a Câmara Municipal de Oeiras deliberou agradecer ao nosso jornal o relevo dado ao noticiário referente á visita do ministro das Obras Públicas ao concelho.

uma rosa
é uma rosa
é uma rosa...
rosa negra
para homem
um exclusivo triple marfel
MARFEL

OS GUARDAS-NOCTURNOS

VIMOS que os 296 guardas-nocturno s que velam na noite lisboeta não têm direito a quaisquer regalias das que cabem aos trabalhadores portugueses em geral e aos guardas da P. S. P. em particular. Sem os benefícios da Previdência, esses homens encontram-se absolutamente desprotegidos e muitos deles têm de ter outra ocupação — num labor de 14 ou mais horas por dia.

E, como também não têm direito a reforma (como não o têm igualmente a férias e folgas pagas), vêem-se obrigados a trabalhar até que a doença ou a morte os venha impossibilitar definitivamente. Um desses velhos guardas-nocturnos, dos mais conhecidos e populares, tem 72 anos e exerce a profissão há 43. Homem de muita vida e de muitas histórias, vai a caminho das suas 17 000 noites de Lisboa — e por uma destas noites ele falou-nos da sua vida e contou-nos algumas das suas histórias. Ele é

O SR. CASIMIRO

«A nossa vida é assim: não temos direito a nada»

NA ESQUINA DA RUA DE S. JULIÃO com a Rua das Padarias, um velho homem dorme de pé. Se não dorme, tudo parece indicar que sim. Tem os olhos fechados, mãos nos bolsos, um pé cruzado sobre o outro. Ao primeiro disparo do «flash», por detrás, não reage; ao segundo, pela frente, estica o pé direito; e ao terceiro, então, arregala os olhos. Dir-nos-ia, depois indignado:

— A dormir, eu? Não, senhor, nem pensar nisso. Até estava a assobiar. Porquê? Para passar o tempo, ora essa!

Mais à frente havia porém de nos afirmar, a expressão por momentos carregada:

— Mas já não posso com as pernas. Ando aqui de joelhos...

O sr. Casimiro dos Santos, que tem 72 anos de idade e 43 de profissão, é o guarda-nocturno n.º 667, e não sabe ler nem escrever, que tanto ainda não se exigia quando iniciou a sua actividade. «E nunca me fez falta nenhuma». É um homem mcão, de passo miudo, curvado, face engelhada, um quisto no pescoço:

— Na noite de S. Martinho escorreguei numa batata: ai as minhas costas, as cruzes, os rins, ficou tudo escangalhado. Outro dia foi numa casca de banana: andei para aqui de cabeça ferida, dedos empanados, etc.

— Mas porque é que o senhor não [illegible] esta vida?

— E o que é que eu como? Nós não temos reforma, e eu, desde que sou guarda-nocturno, já vendi até as courelas que tinha lá na terra, em Castelejo, no concelho do Fundão. A nossa vida é assim: não temos direito a nada.

— Dizem-me que o senhor até ganha bem e comprou mesmo aí umas coisas...

— *Isso é mentira. Aqui nem chego a ganhar mil escudos por mês.*

● «Estou farto. Mas não quero viver de esmolas»

— Mas o sr. Casimiro gosta desta vida?

— *Eu... não brinque comigo! Já subi esta rampa milhares e milhares de vezes. Estou farto! Se ando cá é só por causa do dinheiro. Mas qualquer dia já sei: dizem que estou velho e cansado e mandam-me embora. E olhe: há dois anos que praticamente não tenho férias nem folgas. Se a área não me dá 45 escudos por dia, como é que eu ia pagar 50 a um supra? E o que é que eu como?*

— O sr. Casimiro não tem filhos que o ajudem?

— *Tenho e eles até já têm insistido comigo para deixar esta coisa. Mas eu não quero viver de esmolas, nem ser um peso para ninguém. E a unica reforma que tenho é de 739$00, não dá para nada.*

E meio a sério, meio a brincar, acrescentou:

— *Até já tenho tudo pago para quando morrer. Caixão não me falta: sou sócio da Voz do Operário. E tem dado resultado, sim senhor — há quase 40 anos que pago 7$50 por mês e nunca mais morro. Se eu morrer eles perdem o freguês. E estou sempre em dia, quer ver?*

Nós não queríamos, acreditávamos plenamente, mas o sr. Casimiro é que gosta de tudo preto no branco tudo «provado por documentos». E vai daí desabotoou a farda e tirou de um bolso interior uma velha carteira cheia de papelada — muita dela ainda mais velha que a carteira — exibindo o cartão de sócio n.º 51 489, passado em 18 de Junho de 1932.

● Era moço e dormia quatro horas diárias

«Mas de que são os 739$00 que o sr. Casimiro tem de reforma?» — foi o que depois quisemos saber, e a que ele nos respondeu com um sorriso de ironia amarga:

— *Trabalhei para aí uns 40 anos numa fábrica de camisas — desde que saí da tropa até 1963. O que fazia? Era moço, andava a alombar com coisas ás costas e tomava conta da fábrica. Trabalhava das 8 ou 9 da manhã até ás 6 ou 7 da tarde, com duas horas de intervalo para o almoço, e dormia quatro horas por dia.*

E depois:

— *Pagam-me 739$00 por mês, porque não me podem pagar menos... Para ver que eu não sou aldrabão...*

Vai daí desabotoa de novo a farda e tira uma vez mais a velha e volumosa carteira — quase um arquivo (pessoal) de trazer no bolso. Papéis e mais papéis...

— *Aqui está* — e exibiu-nos, quase triunfante, um recibo de 31 de Agosto de 1968 da Fábrica de Camisaria Progresso: 800$00 de reforma, menos 61$00 de descontos. — *Mas tenho mais cartões, quer ver?*

De novo, querendo, dissemos que não queríamos. Mas, com um ar vagamente misterioso, o nosso velho sr. Casimiro mostrou-nos o da União Nacional, de que é filiado desde há longos anos, com o numero 17 773, e pagando a quota mensal de 2$50, ou melhor: quinze escudos por semestre.

● «Beijinhos para a sua neta»

Está um nevoeiro denso, que faz surgir como vultos encapotados de mistério as pessoas (raras) que vão passando ou aparecendo áquela hora já tardia da madrugada. A certa altura chega, com uma filha miuda, um casal que mora por ali. A pequena dá uma corrida para o sr. Casimiro, que lhe faz uma carícia antes de abrir a porta.

— *Beijinhos para a sua neta* — despede-se a pequenita loira, que veio preencher um intervalo lírico (?!) na noite do sr. Casimiro.

— *Se tenho netas? Pois tenho. E quem me dera estar com elas... Estou cheio disto! Agora durmo muito mais tempo, ando a ver se recupero o que perdi: mas sinto-me cada vez mais em baixo. Porém*—acentua com deliberação — *enquanto puder cá ando. Enquanto puder e me deixarem, pois já sei que qualquer dia me mandam embora...*

● «Colega» do Sidónio Pais

A nossa conversa toma outro rumo e o sr. Casimiro vangloria-se:

— *Já prendi 14 gatunos. E nunca me fugiu nenhum. São humildes, não levantam a mão para mim.*

— Têm medo de si?

— *Noutros tempos talvez tivessem. Agora têm mas é pena. Vêem que já estou assim velho e não são capazes de me fazer mal.*

E depois recorda:

— *Uma vez eu cheguei á esquadra (sou sempre o primeiro ou dos primeiros — gosto de fazer as coisas com consciência) e o Andrade, que já morreu coitado, mandou-me seguir para a Rua do Crucifixo, pois estava lá um guarda subjugado.*

— Subjugado?

— *Sim: uns marinheiros ingleses fizeram disturbios numa leitaria, foi lá o polícia, subjugaram-no e atiraram-se a ele ao murro e ao pontapé. Eu cheguei, desembainhei a espada, foi um varrer. Agora isto de casse-têtе não presta para nada, não assusta ninguém. A espada sim, que era outra coisa.*

— ?

— *Para contar tudo o que eu tenho feito, dava mas era um romance. Até aos 12 anos fui pastor lá no Castelejo, e depois andei com uma enxada nas mãos até vir para Lisboa, onde fui colega do Sidónio Pais.*

— Colega do Sidónio Pais?

— *Pois se ele era Presidente da Republica e eu era tropa... No dia em que o mataram estava de serviço na Graça, no Batalhão de Infantaria 30. Fui eu que dei o toque de alarme. Algum tempo antes ele tinha estado lá no quartel: deram-nos um rancho tão mau que nós não o levantámos, e ele apareceu. Disse que tínhamos razão e deu ordem para melhorar o rancho.*

Na esquina da Rua de S. Julião com a Rua das Padarias, um velho homem dorme de pé

Reportagem
de
JOSÉ CARLOS DE VASCONCELOS

● «Eu ando aqui de joelhos»

— E como guarda-nocturno deve ter muitas histórias...

— *Muitas histórias? Muitas noites horríveis de chuva, de frio, de temporal, de doença, que aqui tenho passado, e nunca faltei ao serviço. Muita desgraça, muita miséria, muita gente a dormir pelo chão e pelas escadas.*

Ao cimo da Rua da Padaria, alguém exigia a presença do sr. Casimiro. «Já subi esta calçada dezenas de milhares de vezes, e cada vez me custa mais aguentar com as pernas». E o sr. Casimiro dos Santos, guarda-nocturno 667, de 72 anos de idade e 43 de profissão, cosido com a parede, foi-se sumindo na noite de nevoeiro denso, com o seu passo miudo, e curvado, cada vez mais curvado.

«Eu ando aqui de joelhos»...

TREMORES DE TERRA

O ESTUDO simultâneo de sismicidade e de geologia de uma região permite, algumas vezes, estabelecer um esquema detalhado da actividade sísmica que apresenta não só um interesse científico devido à elucidação que traz sobre os mecanismos subjacentes, mas também um grande valor prático, pois permite delimitar as zonas em que se poderão dar tremores de terra. Às vezes é suficiente algumas dezenas de quilómetros, ou mesmo só alguns quilómetros, para se dar uma diferença apreciável no que diz respeito à intensidade máxima dos tremores de terra a prever.

Este conhecimento é extremamente útil e pode mesmo em certos casos determinar a escolha da localização de uma barragem, de uma central eléctrica, de uma fábrica ou de uma nova cidade. Contudo, a maior parte das vezes são outras considerações que entram em linha de conta e é preciso a bem ou a mal construir em um dado local, sem ter em conta o risco dos tremores de terra. É, neste caso, que intervém o especialista de parasísmica.

Desde 1932 que as investigações sobre a construção anti-sísmica tiveram grandes progressos, em particular no Japão e nos Estados Unidos. Os princípios gerais desta construção parecem ser, em primeiro lugar, de transformar o edifício em uma unidade estrutural e, em segundo lugar, concebê-lo de tal maneira que a sua frequência de vibração própria não corresponda às frequências das ondas sísmicas.

Pode dizer-se actualmente que se as pessoas morrem durante os tremores de terra não é devido aos tremores de terra em si, mas devido aos imóveis serem construídos de modo inadequado.

Não existe processo de impedir os sismos, mas muito se pode fazer para os tornar menos perigosos. Apesar de sermos incapazes de predizer as datas dos tremores de terra, a acumulação paciente de observações permite delimitar com grande precisão as zonas ameaçadas.

Os diferentes materiais de construção necessitam de técnicas diferentes, sendo uns mais adequados do que outros para construir edifícios resistentes aos tremores de terra. As paredes de pedra e cal reforçadas com placas de cimento e os esqueletos em betão e em aço têm-se mostrado os mais resistentes aos sismos. Contudo, é necessário concretizar em cada região técnicas novas e pouco dispendiosas aplicáveis aos materiais locais usuais (tijolos, madeiras, etc....).

AS ONDAS SÍSMICAS

UM TREMOR DE TERRA é a consequência de uma mudança brusca de equilíbrio que se produz num local da zona superficial chamada *foco* ou *hipocentro* cuja projecção à superfície se designa sob o nome de *epicentro*. Sabe-se actualmente que além dos tremores de terra superficiais cujo foco está localizado numa zona de quarenta quilómetros de espessura, existem sismos profundos cujo foco pode estar situado muito mais abaixo, até 600 quilómetros de profundidade ou mais.

O abalo não tem a sua origem num ponto, mas antes numa superfície ou num volume. A ruptura do equilíbrio será consequência da acentuação duma fractura ou do deslocamento brusco dum maciço.

Estes abalos propagam-se através da massa da Terra sob a forma de ondas que são registadas em aparelhos especiais chamados *sismógrafos*. Pela análise destes registos, sismogramas, distinguem-se três tipos fundamentais de ondas.

O trem de ondas que chega primeiro manifesta-se por um movimento de cima para baixo ou de baixo para cima segundo a posição da estação em relação ao foco e a natureza do choque no foco. A amplitude destas ondas é fraca e o seu período é pequeno. São as primeiras ondas preliminares ou ondas P. (Primae *Undae*). São mais rápidas, longitudinais e transmitem-se por uma dilatação ou compressão na direcção da propagação.

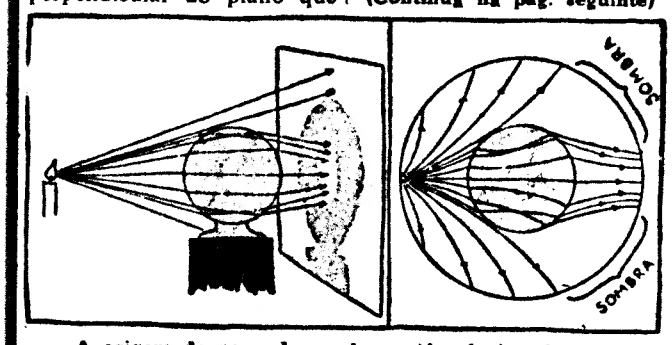
Minutos mais tarde aparecem, sem que tenha cessado a chegada de ondas da primeira categoria tress de ondas cuja amplitude se torna bruscamente maior são as segundas ondas preliminares ou ondas S *(Secundae Undae)* mais lentas e transversais.

Por fim chegam as ondas de longo período e grande amplitude, que formam a fase principal do sismo. As primeiras desta série são as ondas de Love, de grande período, de vibração tangencial perpendicular ao plano que contém o raio sísmico e depois as ondas de Rayleigh, de período mais curto, de movimento vertical rítmico e cujo movimento horizontal se faz no plano de propagação.

Um facto singular revelado pela observação dos sismos a longa distancia é a existência da chamada *zona de sombra*, isto é de uma larga faixa na superfície do globo onde os abalos não são percebidos. Está claro que a localização da zona de sombra varia com a locali-

(Continua na pág. seguinte)

Zona de sombra sísmica de um abalo que irradia do Peru (a nitidez dos limites da zona está exagerada)



A origem da zona de sombra está relacionada com a constituição do nucleo central da Terra

PARA A CLASSIFICAÇÃO dos sismos utilizam-se duas escalas, a de Mercalli e a de Richter. A escala de intensidade de Mercalli, modificada por Wood e Neuman em 1931, tem doze graus e baseia-se na constatação dos estragos causados pelo sismo, portanto directamente relacionados com a sua intensidade. A escala de Richter fundamenta-se nos dados fornecidos pelos sismógrafos, tendo pois uma base mais científica, e foi estabelecida por Gutenberg e Richter em 1935. Afectaram cada abalo de uma grandeza, a magnitude que é o logaritmo da amplitude máxima do movimento do solo a 100 km do epicentro. A magnitude permite classificar os sismos segundo a sua energia. A escala de magnitudes vai de 0 a 8,5 segundo uma progressão logarítmica.

(Para a descrição dos doze graus da escala reformada de Mercalli ver «Vida Científica» n.º 147 — 2 de Abril de 1968).

FENÓMENOS SONOROS E LUMINOSOS QUE ACOMPANHAM O SISMO

OS TREMORES DE TERRA são muitas vezes acompanhados de um ruido surdo comparável ao ruido de uma trovoada longínqua de uma detonação, à passagem de um camião na rua, etc. Constata-se que o ruido surge tanto como um sinal precursor e é sentido antes do abalo como, pelo contrário, o acompanha e, algumas vezes mesmo o segue. Procurou-se explicar o possível mecanismo da produção do som nos sismos, admitindo que o foco compreende uma região central, pertencente a um plano de falha, a partir da qual se propagam os movimentos vibratórios que constituem as ondas sísmicas, e uma região marginal, envolvendo a precedente, a partir da qual seria só emitida a vibração sonora. Assim se explicaria o facto de que segundo a região onde se está o som possa ser ouvido antes ou depois do abalo. A natureza dos terrenos, através dos quais se propagam as ondas, deve ter também uma influência importante na intensidade do ruido apercebido.

A origem das forças de tensão, responsáveis pelo aparecimento do sismo, é muito diversa e muito discutida. Admite-se que a essas forças se podem adicionar, na ocasião, outras muito fracas, mas que funcionariam como a gota de água que faz desbordar o copo. Chamam-se-

(Continua na pág. seguinte)

CIÊNCIA

ZONAS INSTÁVEIS E ZONAS ESTÁVEIS DA CRUSTA TERRESTRE

NA CRUSTA terrestre temos a considerar os movimentos lentos, como os orogénicos e os epirogénicos e os movimentos bruscos, denominados sismos ou tremores de terra.

Os movimentos orogénicos dizem respeito à geração de montanhas, e estão directamente relacionados com os acidentes tectónicos, em especial com as dobras. Os movimentos epirogénicos consistem em movimentos verticais, que elevam ou baixam as massas continentais, relativamente ao nivel médio dos mares.

Nem em todas as regiões da crusta se observam tremores de terra, tal como acontece com os fenómenos vulcânicos. Existem, pois, zonas sísmicas, onde os tremores de terra são frequentes, e zonas assísmicas, pràticamente sem abalos. Um facto a salientar é o caso das zonas sísmicas coincidirem, de um modo geral, com as faixas vulcânicas a saber, o Mediterrâneo e a Circunpacífica e as cristas médias dos Oceanos. Também estas zonas são regiões intensamente enrugadas pelos movimentos orogénicos da era Cenozóica. Temos que considerar estas duas zonas como as de maior instabilidade do globo terrestre, instabilidade essa que se traduz pela existência de três tipos de fenómenos distintos: os dobramentos que originaram as cordilheiras da actualidade, as manifestações vulcânicas e os abalos de terra.

Incontestàvelmente existe uma relação entre fenómenos orogénicos e sísmicos. Alguns tremores de terra, muito localizados, têm causas não orogénicas, tais como abatimentos por águas subterrâneas ou explosões internas que acompanham as erupções vulcânicas. Os grandes abalos sísmicos não parecem estar em estreita relação com uma manifestação eruptiva; mas, inversamente, a actividade vulcânica traduz-se por abalos detectados pelas estações vizinhas do vulcão. Contudo, os fortes abalos que atingem grandes regiões da crusta terrestre estão ligados a movimentos orogénicos.

Como se disse, as duas zonas instáveis sofreram enormes enrugamentos na era Cenozóica. Os tremores de terra estarão ligados ao facto de as regiões em que têm lugar não terem ainda terminado o seu enrugamento, havendo, pois, uma continuação dos movimentos orogénicos nos nossos dias. Os dobramentos da crusta são devidos a uma acumulação de forças, acumulação esta a que as rochas resistem durante um certo tempo. Porém, a determinada altura, atingem o limite da sua resistência, e as rochas cedem, bruscamente, provocando um abalo, que, muitas vezes, é acompanhado pela fracturação da crusta.

Em oposição com as zonas frágeis ou instáveis da crusta temos as zonas rígidas, portanto de maior estabilidade, em que não se deram dobramentos geològicamente recentes, onde não existem, em geral, manifestações vulcânicas actuais e onde os abalos se podem considerar inexistentes. Estas zonas coincidem com as que não foram submetidas a qualquer movimento orogénico posterior à era Agnostozóica, a mais antiga era geológica, tendo-se mantido, desde aí, mais ou menos imóveis e rígidas. Constituem os chamados escudos continentais, como o russo e o fino-escandinavo, na Europa; o siberiano, arábico, indico e chinês, na Asia; o africano; o canadiano, mississipiano e brasileiro-guianense na América; e o australiano.

Além destas regiões de contraste nítido de rigidez e fragilidade, temos, ainda, a considerar zonas que, embora mais estáveis que as faixas mediterrânea e circumpacífica, sofreram dobramentos, por várias vezes, durante a era Paleozóica. As faixas montanhosas do paleozóico encontram-se, por exemplo, em grande parte da Península Ibérica, constituindo a Meseta Ibérica.

A faixa mediterrânea estende-se sensìvelmente na direcção leste-oeste e constitui como que uma cintura que envolve o Globo terrestre. Compreende a América Central, as Antilhas, continuando-se pela região mediterrânea, pelo sul da Europa, ilhas do mar Mediterrâneo, Norte de África. O seu prolongamento pela Ásia inclui, em especial, as regiões da Anatólia, da Pérsia, da Arábia, da India e da Indochina.

A zona instável denominada Circumpacífica estende-se à volta do Oceano Pacífico, incluindo as cordilheiras dos Andes, a América Central, o litoral pacífico dos Estados Unidos e Canadá, Alasca, ilhas Aleutas, península de Kamchatka, Japão, ilha Formosa e Filipinas.

A crista média do Atlântico inclui, por exemplo, as ilhas de Cabo Verde.

Artes plásticas

Paiolo na Galeria 111

Na Galeria 111, ao Campo Grande, encontra-se neste momento patente ao publico, a exposição do artista Paiolo. Apresenta ele uma série de guaches na sua maneira bem pessoal e que lhe tem valido assinalados êxitos

Noronha da Costa na Galeria Quadrante

Na Galeria Quadrante, á Avenida Luís Bivar, efectuou-se ontem á tarde a cerimónia inaugural da exposição Noronha da Costa.

O artista apresenta os seus ultimos trabalhos.

Mário Silva na Galeria Nacional de Arte

Na Galeria Nacional de Arte, amanhã, ás 18 e 30, inaugura a sua exposição de Desenho o pintor Mário Silva. Várias vezes aquele artista ali se tem apresentado, sempre com êxito.

A cerimónia inaugural assiste o embaixador do Japão em Portugal.

Espiga Pinto na Galeria Dominguez Alvarez

Na Galeria Dominguez Alvarez, á Rua da Alegria, 117, Porto, foi inaugurada ontem a exposição de Pintura e Esferas Pintadas.

Fica patente ao publico até ao dia 13 do corrente.

Armando Anjos expõe na S. N. B. A.

Na S. N. B. A. apresenta-se amanhã á tarde o artista Armando Anjos.

O conhecido pintor inaugura a sua exposição pelas 17 horas.

Exposição de Arte no Museu Machado de Castro

No Museu Machado de Castro, em Coimbra, vai ser inaugurada no dia 15 do corrente uma exposição de um grupo de artistas jovens. São eles Artur Bual, Mário Silva, Armando Loureiro e Figueiredo Sobral.

AOS COSTUMES DISSE NADA

COM «LIGEIROS SINAIS...»

É preciso compreender o que representa o baptizado de uma afilhada. A gente encontra pessoas de família, amigos, simples conhecidos, e, está claro. Vai um copo, vai outro copo...

É preciso compreender. Chega-se o feliz pai com uma garrafa de uisque do bom, do legítimo, do de confiança, não pensem lá que! Quer com água? Quer com gelo? Ora, ora, meu caro!, isto não faz mal a ninguém, até faz bem ao fígado, palavra de honra, foi o meu médico quem disse, enfim, aquelas coisas que todos sabemos ao nível de uma fantasia amável!

Foi o que sucedeu ao sr. Freitas. Por isso se encontra presente no Tribunal de Polícia, com a sua gripe fabulosamente agasalhada. Bem, não será por isso. É que, na noite em que se seguiu ao baptizado, fez uma manobra perigosa, que o levou a chocar com outro automóvel. Tudo está perfeitamente demonstrado, e o réu não se furta às consequências. Nega, no entanto, que se encontrasse embriagado. O relatório apenso ao processo refere-se a «ligeiros sinais de embriaguês». Está mesmo a ver-se, que, depois de um baptizado, uma pessoa fica um bocadinho alegre, bem disposta, mas daí até perder a consciência do seus actos vai uma grande distância!

Esse ponto foi devidamente considerado, dentro dos limites que o bom-senso aconselha. Entre «ter bebido» e «estar bebido» há uma grande diferença. Simplesmente, lá que existiu manobra perigosa, isso existiu; lá que existiu choque de automóveis, ninguém desmente — logo: multa de 200 escudos, mais imposto e Procuradoria — e proibição de guiar durante 15 dias.

... Em casamento e baptizado, automobilista!, toma cuidado. Choques e outras coisas que tais podem-se dar — mesmo com «ligeiros sinais...»

Rima — e é multado.

$e...

Se tem qualquer problema económico ou financeiro...
Se pode obter o que lhe interessa pelo recurso ao crédito...
Se lhe interessa pagar os seus impostos em doze mensalidades...
Se quer viajar descansado, sem receio de perder o seu dinheiro...
Se desejar efectuar qualquer outra operação bancária...

...ntão recorra ao

BANCO ESPÍRITO SANTO E COMERCIAL DE LISBOA
onde cada um conta mais do que a sua conta

As ondas sísmicas

(Continuação da pág. anterior)

zação de cada sismo. Se por exemplo, o foco do tremor de terra fosse no Peru, seriam percebidos os abalos no hemisfério ocidental e nos antípodas do Peru no hemisfério oriental (India, Indochina e Índias Ocidentais), mas os sismógrafos das estações situadas na faixa que abrange o Norte da Sibéria, quase toda a Europa, a África Ocidental, o Sul do Oceano Índico, o Sudoeste da Austrália e a parte ocidental do Pacífico nada registariam.

Este facto provém da refracção sofrida pelas ondas sísmicas nas camadas profundas da Terra. Esquemàticamente o globo terrestre compõe-se de uma série de camadas concêntricas de diferente natureza. Assim temos a crusta designada por sial de espessura variável (5 km. no fundo dos oceanos, 30 a 70 km. nos continentes), formada por rochas de composição granítica. Por baixo da crusta temos o manto chamado sima, formado por rochas de textura e densidade diferentes das da crusta de composição basáltica e cuja densidade vai aumentando com a profundidade. Depois, o núcleo de massa ferro-niquélica aquecida ao rubro branco, com certeza líquido uma vez que as ondas sísmicas secundárias o não atravessam, refractando-se e originando a zona de sombra.

Um sismo é geralmente complexo, isto é, o abalo não é único; muitas vezes dão-se vários, em intervalos próximos. Um sismo grande é habitualmente precedido por abalos de menor intensidade — *abalos preliminares* — e seguido de *réplicas* em número variável. O aumento do número de abalos preliminares indica a aproximação da catástrofe.

A produção de réplicas é natural: as camadas atingidas, descomprimidas após um choque violento não retomam a sua posição de equilíbrio senão depois de abalos cada vez mais fracos e menos frequentes. Constatou-se que depois de um sismo o número de réplicas sentidas diminui dia a dia, segundo uma lei hiperbólica. Os epicentros das réplicas não correspondem forçosamente ao do abalo principal: pode haver um fenómeno de migração do epicentro no interior da zona mais atingida, migração que se pode efectuar tanto no sentido vertical como no horizontal.

Fenómenos sonoros e luminosos

(Continuação da pág. anterior)

lhes forças de denotação. É deste modo que se pode explicar o facto de certos fenómenos meteorológicos parecerem estreitamente ligados aos sismos. Há regiões em que a diminuição brusca da pressão atmosférica é acompanhada dum aumento do número de sismos; outras há em que, pelo contrário, esta recrudescência se produz quando a pressão aumenta rápidamente. Também precipitações abundantes podem ter uma influência importante. Tem-se procurado pôr em evidência o papel das forças de detonação (chuva, vento, variações de pressão) na explicação das horas e dias do aparecimento dos abalos das séries de réplicas. O efeito das marés nas massas fluidas internas, que foi objecto de inúmeras investigações estatísticas no século XIX, em especial por Perrey, não deve ser totalmente rejeitado.

Durante o sismo ocorrido em Bucareste em 10 de Novembro de 1940, observaram-se fenómenos luminosos (iluminação do céu, relâmpagos, faíscas, arcos luminosos, manchas de luminosidade) em grande número e numa extensão consideràvel. Tem-se hesitado sobre a explicação destes curiosos fenómenos cuja realidade não parece de pôr-se em dúvida. Talvez se tratasse de emanações de gases inflamáveis vistos no momento da sua incandescência. Emanações deste tipo têm sido assinaladas, várias vezes, sobretudo em regiões com fontes termais.

O «Diário de Lisboa» encontra-se á venda nas tabacarias de Leça, Matosinhos, Foz, Avenida da Boavista, Carvalhosa, Carvalhido, Rotunda da Boavista, Praça Marquês de Pombal, Rua de Costa Cabral, Constituição, Praça da República, Bonfim e Antas, a partir das 19 e 30, e na Tabacaria do Bar-Restaurante do Aeroporto em Pedras Rubras, a partir das 20 horas.

Actualidade internacional

JIM GARRISON ACUSA CLAY SHAW DE PERJÚRIO

NOVA ORLEANS, 4 — (F. P.) — Jim Garrison, procurador de Nova Orleans, atacou ontem, mais uma vez, Clay Shaw, o homem de negócios da Luisiana que, na semana passada, foi ilibado da acusação de haver participado numa conjura para assassinar o presidente John Kennedy.

Garrison acusa Shaw de perjurio, por haver afirmado sob juramento que não conhecia nem Lee Harvey Oswald, assassino presumido do presidente, nem David Ferrie, um piloto de táxis-aéreos, que morreu em circunstancias misteriosas durante o inquérito do tribunal criminal de Nova Orleans.

A GUINÉ EQUATORIAL VOLTOU A PEDIR O ENVIO DE «CAPACETES AZUIS»

NAÇÕES UNIDAS (Nova York), 4 — (A. N. I.) — O presidente da Guiné Equatorial, Francisco Macias Nguema, enviou ontem ao secretário-geral das Nações Unidas, U Thant, novo telegrama reiterando o seu pedido de «urgente envio» de uma força de 150 soldados das Nações Unidas para pôr termo á «agressão espanhola contra a indefesa população africana».

Macias Nguema afirma no novo telegrama que as forças espanholas estacionadas no país «continuam a cometer agressões» e declara que dois guineenses foram «gravemente feridos» por soldados espanhóis.

Um informador da missão espanhola nas Nações Unidas afirmou que estas acusações são «falsas» e revelou que o embaixador Jaime de Piniés está a preparar uma nota oficial para entregar a U Thant.

O informador espanhol revelou também que o seu país pediu á Cruz Vermelha Internacional para auxiliar nos trabalhos de retirada dos refugiados que querem deixar a Guiné Equatorial.

No seu segundo telegrama a U Thant — o primeiro foi enviado no sábado — Macias Nguema reitera o seu pedido para que as forças espanholas sejam retiradas.

A Espanha tem mantido na Guiné Equatorial, desde a independência, em Outubro, um contingente de 260 homens, no ambito de um acordo assinado com o Governo do novo país, depois de os dirigentes da Guiné Equatorial terem declarado que não podiam garantir a segurança da vida e da propriedade dos espanhóis residentes no país — esclareceu o informador espanhol.

Acrescentou que as forças espanholas serão retiradas «logo que tenham partido todos os civis espanhóis que queiram deixar o país».

De Piniés pediu a U Thant que envie um representante especial á Guiné Equatorial para observar a situação e, em círculos espanhóis, afirma-se que há indícios de que U Thant vai tomar essa medida em breve.

Pelo seu lado, um informador do secretário-geral afirmou ontem aos jornalistas que este considera que só o Conselho de Segurança tem autoridade para dar provimento ao pedido do presidente Macias Nguema, que deseja uma pequena força da O. N. U. no seu país.

Acentuou que, até aqui, nem a Guiné Equatorial nem a Espanha pediram a reunião do Conselho de Segurança.

SIRHAN COMO TESTEMUNHA

LOS ANGELES, 4 — (R.) — Sirhan Sirhan, jordano de nascimento, que está a ser julgado por um tribunal desta cidade sob a acusação de ter assassinado o senador Robert Kennedy, sentou-se a noite passada no banco das testemunhas e confessou que o matara.

Logo após ter ocupado o banco das testemunhas, foi perguntado ao réu se assassinara o senador.

Numa voz calma, Sirhan respondeu: «Sim, senhor juiz».

O principal advogado de defesa, o dr. Grant Cooper, leu uma passagem de uma página do diário de Sirhan que repetia as palavras «RFK deve ser assassinado» e perguntou ao réu se era a sua escrita.

Sirhan replicou afirmativamente.

O réu, de 24 anos, prestou juramento com o punho fechado, levantado, como já o fizera uma vez, durante o julgamento.

DESASTRE NUM ESTÁDIO

SÃO PAULO, 4 — (A. N. I.) — Morreu uma pessoa quando caiu uma bancada do estádio Morumbi, ainda em construção, durante o jogo São Paulo-Corintians (com a vitória do último por 4-2).

Há quarenta feridos

Testemunhas oculares informam que houve panico quando caiu uma faisca perto das bancadas. Um troço em construção, devido ao numero de espectadores que corriam e se atropelavam, cedeu em parte, e desabou.

Algumas estações de Rádio informaram que houve quatro mortos, mas a Polícia só confirma a morte de uma pessoa. Os feridos foram tratados no local e três, em estado mais grave, foram hospitalizados.

EMOÇÃO A MAIS

LIVERPOOL, 4 — (A. N. I.) — Cinquenta e oito pessoas ficaram feridas quando assistiam ao encontro de futebol entre o Leicester e o Liverpool, disputado, ontem á noite, na cidade de Liverpool. Dezóito foram hospitalizados com fracturas.

A maioria das vítimas é constituída por crianças.

A ocorrência deu-se numa fase mais emotiva do encontro que levou a multidão a inclinar-se para a frente, comprimindo as pessoas que estavam nas primeiras filas.

O encontro atraiu 55 000 espectadores.

A F. N. L. ANUNCIA BAIXAS DO ADVERSÁRIO

HONG-KONG, 4 — (F. P.) — A ofensiva da Primavera, começada em 28 de Fevereiro, causou pelo menos 5675 mortos entre os soldados norte-americano e 30 entre os australianos — anunciou ontem a rádio da Frente Nacional de Libertação, captada em Hong-Kong.

A emissora acrescentou que as forças da F. N. L. abateram 117 helicópteros e aviões, sem contar os 63 aparelhos destruídos no aeródromo de Qui Nonh durante a ofensiva. A Rádio afirmou, por outro lado terem sido afundados 27 navios norte-americanos no delta do Mekong.

Contactos amigáveis foram estabelecidos com a população, que recebeu géneros alimentícios e apetrechamento militar.

A F. N. L. revelou ainda que dispõe de quadros responsáveis em importantes bases norte-americanas e sul-vietnamianas.

Utilizados tanques «PT-76» contra uma base no Vietnam do Sul

SAIGÃO, 4 — (R.) — Um informador militar norte-americano revelou que tropas norte-vietnamianas, usando pela primeira vez tanques soviéticos «PT-76», atacaram hoje uma base de forças especiais dos E. U. A. «boinas verdes» — perto da cidade de Kontum.

Um informador acrescentou que um dos tanques, armado com canhões de 85 mm, ficou destruído durante o ataque mas desmentiu que a base tivesse caído em poder dos atacantes. Disse ainda que morreram dois soldados americanos e que os sul-vietnamianos tinham sofrido perdas ligeiras.

Os norte-vietnamianos têm utilizado esse tipo de tanques, bem como artilharia de fabrico chinês ou russo, particularmente na parte norte do Vietnam do Sul.

A base hoje atacada, Ben Het, encontra-se a 64 quilómetros da fronteira do Cambodja. Calcula-se que os tanques tenham sido trazidos até á fronteira através de território laociano e cambodjano. Mas, mesmo assim, conseguiram percorrer os 64 quilómetros sem serem molestados apesar da intensa actividade de reconhecimento aéreo.

O canhão de 85 mm dispara um obus de 9 quilos e é uma das maiores armas do arsenal norte-vietnamiano.

Tropas americanas e sul-vietnamianas têm recentemente anunciado a descoberta de uma série, cada vez maior, de armas pesadas norte-vietnamianas. Pensa-se que o Vietnam do Norte está a reforçar o potencial das suas forças no planalto central, á volta de Kontum, desde que, há nove dias, iniciaram a sua ultima ofensiva.

A base de Ben Hét, por seu lado, tem estado a reforçar as suas defesas. As forças americanas que a ocupam — «as boinas verdes» estão treinadas para lutarem sózinhas e isoladas. São consideradas uma força de élite, e possuem grande numero de condecorações.

EFEITOS DO SISMO EM AYAMONTE

AYAMONTE (Espanha), 4 — (A. N. I.) — Mais de 150 casas foram danificadas em Ayamonte (Espanha) pelo abalo de terra que na madrugada de sexta-feira sacudiu violentamente a Espanha, Portugal e o Norte de África.

Entre os edifícios danificados figuram a igreja das Mercês, cuja torre apresenta grandes fendas, e três fábricas de conservas de peixe.

No

TUTTI MUNDI

o seu carro tem lugar!

Enquanto faz as suas compras,
almoça, janta ou toma chá
deixe o seu carro ao nosso cuidado.

TUTTI MUNDI

tem uma garagem privativa

COM SERVIÇO

SHELL

ao seu dispor

TUTTI MUNDI

DRUGSTORE

SEGUNDO DIA DE VOO DA NAVE «APOLO-9»

Três ajustamentos de órbita no programa de hoje

CAPE KENNEDY (Florida), 4.—(A. N. I.)—Os astronautas da nave espacial «Apolo-9» têm de proceder hoje a três ajustamentos na órbita. O primeiro está marcado para as 14 e 12 horas (T. M. G.), e colocará o engenho numa órbita a 355 quilómetros de altitude. O segundo, marcado para as 17 e 18 horas, colocará a «Apolo-9» numa órbita a 500 quilómetros. A terceira ignição dos motores alterará a órbita um grau para Leste, sem modificar a sua altitude.

Estas manobras têm três objectivos: tornar a cápsula mais leve, com o consumo de combustível, para facilitar ao «módulo de comando» um simulacro de operação de salvamento de emergência dos dois astronautas a bordo do «módulo lunar», experimentar o piloto automático, e ajustar a órbita para voos mais longos.

HOUSTON (Texas) 4 — (R.) — Os três astronautas norte-americanos a bordo da «Apolo 9» rejuvenescidos por mais de nove horas de repouso, iniciam hoje o segundo dia da sua missão, com uma série de ensaios com o principal motor-foguete da sua nave espacial.

Ontem, abrandaram a velocidade da nave e começaram a vogar para dormirem ou descansarem, após funcionários da agência do espaço afirmarem que se sentiam muitíssimo satisfeitos com o programa do primeiro dia.

Durante esse período, todo o equipamento não essencial foi desligado ou funcionou com energia reduzida, enquanto monitores de terra no centro das naves espaciais tripuladas, nesta cidade, se mantinham vigilantes, observando silêncio pela rádio durante a maior parte da noite.

Embora esta seja a primeira missão «Apolo» em que os três astronautas tenham dormido ao mesmo tempo, o método de voo, com velocidade reduzida, foi utilizado nas missões «Mercúrio», de um só homem, e «Gémeos», de dois.

A «Apolo-9» é a primeira nave espacial com equipamento que permite transmissão simultânea de dados médicos sobre os três astronautas.

Durante a noite segundo informou o dr Ziegelschmidt, médico responsável McDivitt e Scott tinham 80 pulsações por minuto e Schweickart 68.

A frequência das respirações dos três astronautas era, respectivamente de 20 16 e 12 por minuto.

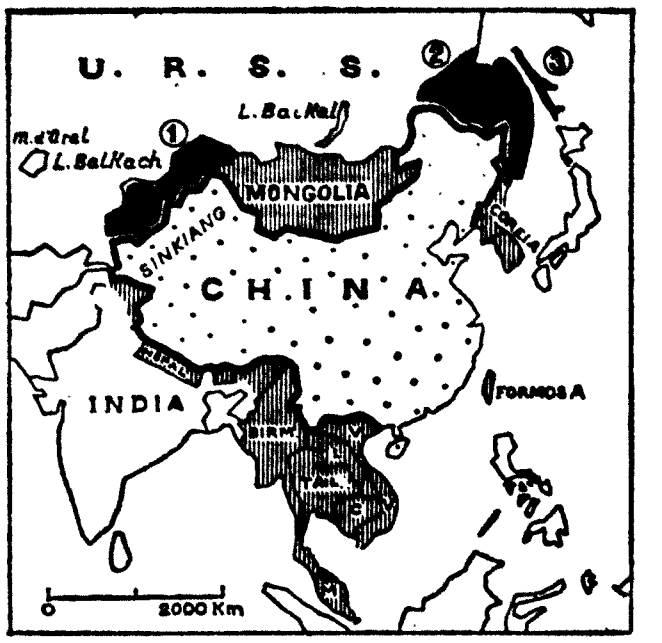
Durante o período de descanso da sua tripulação, a «Apolo-9» encontrava-se numa órbita fixa viajando á velocidade de 9200 metros por segundo. No interior da cabina reinava a confortável temperatura de 20 graus centígrados.

PREVISÕES ESPACIAIS

(Continuação da 1 página)

11», que prevê o desembarque dos cosmonautas americanos no nosso satélite. De qualquer forma, será tomada durante este mês uma decisão a respeito da missão que será confiada á próxima tripulação de uma nave «Apolo». Na «hipótese — prosseguiu o general Philips — de a N. A. S. A. decidir acelerar o programa «Apolo», o voo da Apolo 11» para a Lua e a descida do «Modulo Lunar» no «Planeta Cinzento» poderiam ser empreendidos já em Junho em vez de meados de Julho, data inicialmente estabelecida para a operação «Apolo 11».

Referindo-se aos projectos russos, von Braun disse não haver dúvida» que os soviéticos pensam colocar em órbita umá estação espacial. Mas tenho a convicção pessoal que não renunciaram, nada, á Lua e que poderemos este ano ainda vê-los fazer tentativas nesse domínio». Mas era possível ainda — acrescentou — que os soviéticos empregassem uma táctica diferente dos americanos para resolverem o problema.



Os territórios soviéticos (a negro) reivindicados pela China

MILHÕES DE CHINESES MANIFESTARAM-SE CONTRA A U.R.S.S.

HONG-KONG, 4 — (R.) Milhões de chineses realizaram em todo o país manifestações maciças anti-soviéticas a seguir ao encontro fronteiriço de domingo em que guardas de ambos os lados foram mortos ou feridos.

Em Pequim, cerca de 400 000 pessoas manifestaram-se defronte da embaixada soviética, segundo anunciou a Rádio provincial do Tibet, escutada nesta cidade.

Gritaram estribilhos avisando a União Soviética que cessasse de violar o seu território e que a China desencadearia contra-ataques contra quaisquer futuras incursões.

Na província nordeste de Heilunkiang, onde se registou o recontro ao longo do Rio Ussuri, que constitui a fronteira, mais de milhares de chineses protestaram por causa do incidente de domingo e de outras violações soviéticas que, segundo a China, teriam ocorrido nos últimos anos.

Pequim e Moscovo afirmam ambas que o outro lado atravessou em primeiro lugar a fronteira.

Contudo, o subsecretário dos Negócios Estrangeiros chinês, Chi Peng-Fei, repetiu a noite passada a versão da China de que a U. R. S. S. ordenara aos seus guardas fronteiriços para penetrarem na ilha de Chen Pao, no rio Ussuri.

Discursando numa recepção na Embaixada de Marrocos, assinalando o dia nacional daquele país, Peng-Fei afirmou, referindo-se a Moscovo: «Se vos apegares á vossa política temerária e continuares a provocar incidentes, recebereis certamente contra-golpes resolutos do povo chinês.

Prevêem-se manifestações contra a eleição em Berlim Ocidental

BERLIM-OESTE, 4 — (R.) O chanceler alemão ocidental Kurt-Georg Kiesinger parte hoje de avião para Berlim-Oeste, após um aviso soviético de que não pode garantir a segurança de aviões transportando políticos de Bonn para a eleição presidencial na cidade isolada.

A hora exacta da chegada do dr Kiesinger, que viaja num avião da força aérea norte-americana, estava a ser mantida secreta. Entretanto, severas precauções de segurança estavam em vigor nesta cidade no meio de receios de violentas manifestações esquerdistas contra a discutida eleição de amanhã — causa da última crise entre o Leste e o Oeste acerca de Berlim.

A despeito da implícita ameaça soviética á segurança no estreito corredor aéreo de 177 quilómetros sobre território alemão oriental, até Berlim-Oeste, dezenas de políticos de Bonn chegaram já incólumes á cidade, após viagens sem incidentes a bordo de aviões comerciais britânicos, norte-americanos e franceses.

Poucas horas antes da chegada do dr. Kiesinger, a República de Pankow mantinha a sua pressão nas vias de acesso a Berlim por terra.

Reivindicada a qualidade de prisioneiros de guerra para os palestinianos em Atenas e Zurique

ARGEL, 4 — (F. P.) — Os advogados argelinos Ben Tumi e Jacques Verges, defensores dos palestinianos presos em Atenas e Zurique, concederam na segunda-feira á tarde uma entrevista á Imprensa no tribunal de Argel.

Ben Tumi salientou que os patriotas palestinianos presos em Atenas e Zurique são tratados «como verdadeiros bandidos», sendo acusados de «homicídio voluntário com premeditação, de perturbar circulação aérea e de diversos outros delitos de direito comum».

Não podemos aceitar esta tese» — salientou — «pois eles agiram por patriotismo. Trata-se, portanto, de uma questão de carácter político e internacional. Os factos provam que os atentados de Atenas e Zurique foram actos de guerra comandados e os seus executantes agiram na qualidade de membros de organizações de resistência. Nestas condições, devem ser abrangidos pela terceira Convenção de Genebra de 1949 que prevê o tratamento a conceder aos prisioneiros de guerra, pois estes palestinianos devem ser considerados combatentes».

Por sua vez, Jaques Verges recordou que a Convenção de Genebra, redigida «á luz da experiência dos movimentos de resistência, reconhece a qualidade de combatentes aos resistentes sem farda» Assim, o dr. Verges pensa basear a defesa em dois artigos desta convenção, um reconhecendo «a qualidade de prisioneiros de guerra aos membros de movimentos que executem ordens dos seus superiores tanto no seu país como fora dele», e o outro estipulando o tratamento a dar «aos membros desses movimentos que sejam detidos por potências neutras e não beligerantes». Não há dúvida pensa Verges, que os palestinianos presos em Atenas e Zurique agiram por ordem dos responsáveis das organizações de resistência a que pertencem e são, por isso, abrangidos por estes dois artigos da convenção.

A França conta com uma nova estrela de cinema: Françoise Pascal, de 19 anos, que acaba de desempenhar papel de relevo no filme «Loving Feeling», produzido pela Piccadilly Pictures, de Londres. Devido á sua actuação naquela película, Françoise já foi contratada para tomar parte em mais dois filmes

PEQUIM ACUSA MOSCOVO DE «NOVO CZARISMO»

HONG-KONG, 4 — (F. P.) — «A União Soviética utiliza actualmente na Ásia o mesmo processo empregado contra a Checoslováquia, não só para colonizar a Mongólia, mas também na esperança de invadir a China», afirma o «Diário do Povo» e o «Diário do Exército de Libertação», no seu editorial comum intitulado «abaixo o novo czarismo». «Os tempos em que a China se deixava dominar passaram e já não voltam», continua o editorial. Depois, dirigindo-se aos russos afirma: «Vocês são tão cegos que em pleno dia sonham em utilizar os velhos truques czaristas contra o povo chinês.»

Depois de terem voltado a acusar as autoridades soviéticas de terem provocado o incidente na ilha de Chen Pao, no Ussuri (afluente do Amur), o editorialista acusa a U.R.S.S. de concentrar importantes efectivos ao longo das fronteiras sino-mongol e sino-soviética. «As tropas soviéticas efectuam constantemente incursões no nosso território e no espaço aéreo, provocando incidentes de fronteira», dizem ainda os jornais chineses; que garantem que este incidente permitirá ao mundo inteiro aperceber-se de que os chefes soviéticos não são senão um punhado de traidores, de social-imperialistas e de novos «czars».

Como se sabe este incidente deu-se na ilha de Chen Pao, no rio Amor, que constitui a fronteira sino-soviética a nordeste da província chinesa de Hei-Lun-Kiang.

ECOS

OS Estados Unidos preparam-se cuidadosamente para discutir com a União Soviética os grandes problemas do mundo de hoje. E, para que esse diálogo possa ser frutífero e sirva de base a eventuais negociações, entende o presidente Nixon dever ouvir, com toda a atenção, os pontos de vista dos seus aliados. Tudo isto é, em princípio, sensato e aplausível, mas, analisado mais em profundidade, pode a alguns parecer lírico, no mau sentido, e pouco substancial. Parece que assim pensavam os manifestantes de Roma que, passando por sobre as velhas normas da cortês hospitalidade italiana, vaiavam, junto do palácio Chigi (sede da Presidência do Conselho onde Nixon conferenciava com Saragat), o chefe político da nação que ainda prossegue a guerra no Vietnam e que é tida pelas esquerdas como exploradora da América Latina, colonizadora sub-reptícia dos países subdesenvolvidos da Ásia e da própria Europa Ocidental, etc. Jacques Nobécourt, em correspondência de Roma publicada no **Le Monde**, afirma que a violência da manifestação anti-imperialista atingiu tal índice que acabou por saldar-se, após os choques com a Polícia, num cento de feridos e trezentas prisões. Ao mesmo tempo, Hanói e a Frente de Libertação Nacional do Vietnam do Sul acusam abertamente o «gabinete Nixon» de ser «mais pérfido do que a administração Johnson». No entanto, torna-se claro que a República Democrática do Vietnam compreendeu que cedo ou tarde os americanos terão de ceder.

*

VÁRIOS dias após o sismo que arrepelou de medo a grande maioria da população portuguesa — e que causou, sobretudo aos econòmicamente débeis, dramáticos prejuízos, mormente no Algarve — há ainda em Lisboa pessoas que dormem vestidas, prontas para o primeiro alerta, ou que não conseguem mesmo dormir. As injecções de coramina, ministradas na noite do grande pânico, têm de suceder agora as de ponderação e serenidade. E, òbviamente, as providências sérias e rápidas (bem sabemos o que significa pedir rapidez em terra onde a morosidade na coisa pública é tradição...) Enfim! Para já, esperemos que venha o tempo seco, pois as infiltrações de água e os vendavais bem poderiam, nalguns casos, acrescentar o dano E. quanto ao problema das construções, se vivemos numa zona sísmica das mais perigosas do globo, porque não encarar, como fazem os japoneses, a necessidade da construção anti-sísmica, não só no aspecto de resistência dos materiais, mas até no da estrutura arquitectónica, com casas de base alargada, estreitando para cima. Seria até suplementarmente um apaixonante problema estético, a resolver dentro do espírito da genuína arquitectura portuguesa e do funcionalismo hodierno.

*

O SALTO em frente demanda essencialmente vontade, vontade e mais vontade, mesmo quando, à primeira vista, as condições objectivas parecem desfavoráveis. O desenvolvimento acelerado da indústria italiana desde o pós-guerra à actualidade é um facto notável, mesmo tendo em conta que nem todas as possibilidades de progresso técnico e social foram exploradas. De qualquer modo, a indústria italiana representa a fonte de cerca de metade do rendimento nacional e o seu avanço permanente assinala a transição do país de uma economia tradicionalmente agrícola para uma organização da vida e do trabalho mais moderna. A produção industrial, triplicada em relação aos anos antes da guerra, teve enorme desenvolvimento principalmente nos últimos anos, aumentando sensìvelmente o volume das trocas com o estrangeiro, principalmente com os países da Comunidade Económica Europeia. Os trabalhadores industriais, que em 1870 eram 400 mil, são hoje cerca de oito milhões. As indústrias mecânicas, base de toda a economia, porque constroem as máquinas necessárias às outras indústrias de transformação, têm tido níveis de produção muito superiores aos de 1938; a produção de automóveis e outros meios de transporte, que em 1938 fora de 71 mil unidades, atingia em 1960 644 mil e em 1966 um milhão e trezentas mil. Quanto à indústria da construção civil, o seu ritmo foi aumentando sensivelmente nos dez anos que decorreram de 1947 para 1957 e passou-se de 118 mil quartos para mais de um milhão. Em 1966 o número de quartos construídos foi de 1 500 000.

O CAFÉ E OS DIAMANTES EM BRUTO

REPRESENTAM 70% DAS EXPORTAÇÕES DE ANGOLA

— REFERIU UM DEPUTADO NA ASSEMBLEIA AO ACENTUAR OS RISCOS DESTA CONCENTRAÇÃO

A Assembleia Nacional, a que presidiu o sr. dr. Soares da Fonseca, secretariado pelos srs. drs. Cid Proença e Serras Pereira, continuou hoje a analisar as Contas Publicas de 1967, que continuam a constituir a ordem do dia.

O sr dr. Nunes Barata, ao ocupar-se daquele importante documento no que se refere a Angola, começou por referir as taxas de crescimento das receitas e despesas (15,2 e 15,5 por cento, relativamente) daquela província. E afirmou:

«Após seis anos de saldos positivos, a balança comercial de Angola fechou, em 1967, com um «deficit» de 1068 mil contos. Tal agravamento ficou a dever-se a substancial importação de bens de equipamento, destinados ás industrias extractivas.

«Tanto as exportações como as importações acusaram nos ultimos anos sensíveis acréscimos. O valor da exportação subiu de 4683 mil contos em 1963 para 6837 mil contos em 1967. No mesmo período o valor das importações aumentou de 4211 mil contos para 7905 mil contos.»

Acentuou que as exportações são originárias principalmente do sector primário, acrescentando:

«O café (3546,7 mil contos) e os diamantes em bruto (1204,3 mil contos) representaram, respectivamente, 51,9 e 17,6 por cento do mesmo valor total. Assim, se os dois produtos das exportações de Angola totalizam 70 por cento do seu valor, não poderemos deixar de referir os riscos desta alta concentração, obtida, de resto, á custa de um produto primário sujeito a instabilidade de cotações.»

Estados Unidos: grandes clientes de Angola

Disse mais adiante o sr. dr. Nunes Barata que «os Estados Unidos da América reforçaram nos ultimos anos a sua posição como grandes clientes de Angola», tendo vindo a enfraquecer a sua posição relativa á Metrópole e os países do Mercado Comum e da E. F. T. A.

Acentuou o orador que em 1967 a balança comercial de Angola acusou saldos positivos relativamente aos Estados Unidos da América (816 mil contos) e ás restantes províncias ultramarinas (36 mil contos) e saldos negativos quanto á Metrópole (—518 mil contos), países do Mercado Comum (—1092 mil contos) e da E. F. T. A. (—918 mil contos). E formulou os seguintes votos:

«Que se intensifiquem as exportações da Província, de forma a manter-se não só um equilíbrio na balança comercial, cada vez mais agravada com a importação de bens de equipamento e duradouros de consumo, mas, muito particularmente, a obter-se um reforço para a balança de pagamentos, tradicionalmente em dificuldades.

«Que se diversifiquem, quanto possível, as exportações e os mercados de destino, procurando evitar as crises fundadas na tendência para o aviltamento das cotações dos produtos tropicais.

«Que o surto previsto na exploração do subsolo seja acompanhado de uma transformação, no maior grau possível, de tais minérios na Província, enriquecendo, além do mais o próprio valor unitário das exportações.

«Que idêntica política se generalize ao sector da agricultura, silvicultura e pecuária, processando-se, em maior grau, a industrialização de tais produtos na província, não só para valorização das exportações, mas também para dispensar onerosas e fàcilmente substituíveis importações.»

O sr. dr. Nunes Barata analisou, depois, em pormenor, os principais sectores produtivos de Angola e as perspectivas da sua evolução. Referiu as iniciativas oficiais, as perspectivas da exploração de minérios e do petróleo, etc.

E já a terminar:

«Em 1955 frequentavam a escola primária 67 mil alunos; em 1967 o numero era já de 358 mil. Esta «revolução» pela escola primária não se detém e constituirá, se convenientemente orientada, factor tão decisivo para o futuro de Angola, como o já referido desenvolvimento das forças produtivas ou a luta contra o terrorismo.

«Nos domínios da saúde, o aumento das divisões sanitárias e das instalações hospitalares, nomeadamente dos Hospitais Rurais, revelaram uma insistente preocupação de alargar a cobertura sanitária da Provincial. Por outro lado, a acção desenvolvida no combate ás tripanossomíases, á tuberculose, á varíola e á lepra, contabilizou igualmente sucessos.»

Os hospitais não são empresas industriais

No período de antes da ordem do dia o deputado por Coimbra, dr. Santos Bessa, ocupou-se dos quatro diplomas publicados pela pasta da Saude desde 27 de Abril passado até esta data — precisamente daqueles que, sucessivamente, criaram a carreira médica hospitalar, estabeleceram o Regulamento Geral dos Hospitais e o Regulamento do Internato Médico e estabeleceram em novos moldes o estágio do ultimo ano do curso de Medicina. E afirmou, a propósito, depois de aludir á acção persistente da Ordem dos Médicos:

«A publicação destes diplomas justifica plenamente que eu afirme nesta Assembleia o meu regozijo pelo espírito que presidiu á sua elaboração, pelas medidas que neles se contêm, pela formação médica que permitem, pela elevação do nível da Medicina Portuguesa que daí resulta e pelo alcance social que é lícito esperar da sua aplicação, na melhor assistência aos doentes, no aperfeiçoamento da Saude Publica e na economia da Nação.

«Estamos convencidos de que estes diplomas marcam sòmente o início duma série

(Continua na 15.ª pág.)

Todos os habitantes de Santo António dos Cavaleiros têm fácil acesso ao transporte para Lisboa, uma vez que os autocarros percorrem os principais arruamentos

Assegurada a ligação em transportes colectivos entre Lisboa e Santo António dos Cavaleiros

Entrou esta manhã em funcionamento um serviço de transportes colectivos entre Santo António dos Cavaleiros e Lisboa (terminal de Entrecampos do metropolitano), melhoramento de assinalar na medida em que aquele nucleo urbanístico dispõe já de 1100 fogos, 300 dos quais destinados a beneficiários da Federação das Caixas de Previdência — Habitações Económicas, e todas construídas pela Icesa — Industrias de Construção e Empreendimentos S. A. R. L.

Foi possível estabelecer este novo serviço de apoio á população de Santo António dos Cavaleiros mercê do interesse manifestado pela Empresa de Camionagem Barraqueiro, de Joaquim Jerónimo, Ld.ª, cuja colaboração se revelou do maior interesse.

Criaram-se 11 carreiras, em cada sentido, as primeiras saindo de Lisboa e de Santo António dos Cavaleiros, ás 6,40h e 6,20h, respectivamente, e as ultimas partindo ás 0,45m e 22 e 20.

Importa ainda salientar, que os autocarros da Empresa de Camionagem Barraqueiro percorrem os principais arruamentos do nucleo habitacional, facilitando assim o acesso dos moradores ás suas residências.

A concretização deste melhoramento confirma, por outro lado, a preocupação da Icesa em prestar a devida assistência aos habitantes e revela o sentido de cooperação manifestado pela Empresa de Camionagem Barraqueiro.

A inauguração simbólica da carreira

Ontem, ao fim da tarde, houve um acto inaugural simbólico a que assistiram o presidente da Camara Municipal de Loures, sr. Joaquim Dias de Sousa Ribeiro, e um director de serviços da Direcção-Geral dos Transportes Terrestres, eng.º Lacerda Leitão, bem como os administradores da Empresa de Camionagem Barraqueiro, srs. Fernando Lourenço e Artur Pedrosa. Por parte da Icesa, estiveram os srs. eng.º Monteiro de Barros e dr. Quirino Mealha, respectivamente, vice-presidente do conselho de administração e administrador, e os funcionários superiores da empresa srs. eng.º Jardine Neto, director dos Serviços Técnicos; arq.º Ruy Marchante, director dos Serviços Comerciais; arq.º Reaes Pinto, chefe do Gabinete de Estudos e Projectos; eng.º Ferreira de Almeida, chefe da Produção; eng.º Maia Mouta, chefe do Planeamento, e srs. Paz Branco, chefe do Estaleiro; Sérgio Madeira, chefe do departamento de vendas, e Fernando Conde, chefe do serviço de pós-venda. Presente, uma delegação de moradores de Santo António dos Cavaleiros.

Após os cumprimentos, os visitantes e as individualidades presentes tomaram lugar num dos autocarros das carreiras, e percorreram os principais arruamentos de Santo António dos Cavaleiros, apreciando o conjunto urbanístico.

Regressados ao Centro Comercial, os visitantes foram obsequiados com um beberete, durante o qual foi salientada a importancia do melhoramento.

Falou, em primeiro lugar, o sr. eng.º Monteiro de Barros, vice-presidente do conselho de administração da Icesa, que começou por agradecer a presença das entidades que ali se encontravam e dirigiu-se ao presidente do Município de Loures, a quem manifestou o seu reconhecimento pelo amparo e incentivo que tem dado a tudo quanto se relaciona com Santo António dos Cavaleiros, mostrando-se, também, grato á Direcção-Geral dos Transportes Terrestres pelas facilidades concedidas para a concretização das carreiras.

O sr. eng.º Monteiro de Barros dirigiu, a seguir, agradecimentos á Empresa de Camionagem Barraqueiro, por ter correspondido ao entusiasmo e ás solicitações da Icesa, e aos moradores das habitações pelo interesse com que têm acompanhado o desenvolvimento do aglomerado.

Afirmou, depois, o sr. eng.º Monteiro de Barros que a inauguração do melhoramento assinalava uma data festiva, na medida em que o estabelecimento das carreiras representava um sinal da vitalidade da Icesa.

Disse, a concluir, ser-lhe particularmente grato salientar que o nucleo habitacional comprovara, através do sismo ocorrido na madrugada de 28 de Fevereiro, a robustez da construção, circunstância que levou os moradores a manifestarem o seu regozijo. Aliás, referiu, o parque residencial já fora experimentado pelas cheias de Novembro de 1967, não havendo, também nessa altura qualquer dano a registar.

O presidente do Município de Loures e dirigentes da Icesa junto de um dos veículos com que a Empresa de Camionagem Barraqueiro assegura a ligação com Lisboa

Palavras que se traduzem em actos

Em nome dos moradores falou, depois, o sr. Marcial Alves, que agradeceu á Icesa os esforços desenvolvidos para dotar Santo António dos Cavaleiros daquele melhoramento, exprimindo á Empresa de Camionagem Barraqueiro a sua admiração pela visão rasgada do futuro que demonstrou.

Por fim, usou da palavra o sr. Joaquim Dias de Sousa Ribeiro, presidente do Município de Loures, que agradeceu as palavras proferidas, as quais valem ainda mais «porque se traduzem em actos» que são, por parte da Icesa, as obras que apresenta e a Câmara apoia.

Salientou, a seguir, a importância do novo melhoramento, que «honra a Icesa, honra Santo António dos Cavaleiros e honra quantos para isso contribuíram».

Referiu, depois, que a Icesa tem incluído, entre os seus interesses prioritários, a melhoria do nível daquela «cidade-jardim» e, a concluir, felicitou a Direcção-Geral dos Transportes Terrestres por ter resolvido da melhor forma o poblema do estabelecimento das carreiras, permitira, qualquer dano a registar. de Santo António dos Cavaleiros resolverem o problema das suas deslocações a Lisboa.

VINÍCIUS PÔS GRAVATA PARA O DISCO

O insólito aconteceu ontem: Vinicius de Moraes pôs camisa branca e gravata para o lançamento do seu disco — «Receita de Mulher» e três outros poemas — editado pela Philips.

Começou com uma sessão de autógrafos na Discoteca Universal, onde trezentos exemplares se foram em hora e meia. Depois, atrasado mas loquaz, o poeta chegou ao Hotel Embaixador para um cocktail semi-oficial. Presentes Urbano Tavares Rodrigues, David Mourão-Ferreira, Baptista Rosa, Baptista-Bastos (que já sobraçava o seu novo livro, «As palavras dos outros»), Jaime Mourão-Ferreira e anfitriões da Philips, entre os quais o dr. Mário de Castro. Disco foi pretexto para um jantar antecipado.

E agora? Agora Vinicius sai de Portugal no dia 11 e regressa em fins de Abril, então com Chico Buarque de Holanda e Nara Leão. O show já está marcado.

DIÁLOGO TRANSITIVO

por Alberto Ferreira

QUANDO o berbere disse ao godo que a civilização romana estava cheia de patranhas e lhe lembrou a chacina dos lusitanos pelas legiões civilizadoras, o autor do diálogo pretendia tão-só mostrar a relatividade do ponto de vista. Acontece que Rodrigo, o godo, ignorava que o maior fogo posto a uma grande biblioteca da humanidade foi da autoria e responsabilidade de um muçulmano, o famigerado Califa Omar, conquistador de Alexandria. E que o *auto-de-fé* em que se consumiu um legado irremediàvelmente oculto na ignorância de séculos, foi ditado num silogismo pretensamente aristotélico, que se resume numa máxima de sabedoria bárbara: se toda a verdade está contida no Corão é inútil a biblioteca de Alexandria: queime-se! Valente Omar. Fez aquilo que se chama hoje caricatamente uma verdadeira revolução cultural!

Mas Rodrigo não estava preparado doutrinàriamente para objectar fosse o que fosse aos futuros construtores da mesquita de Córdoba e do fantástico palácio de Granada. Quanto ao sinal de imoralidade, testemunhado na prática da poligamia, o berbere foi-lhe dizendo que ele, Rodrigo, não respeitava a sua lei e que tal desrespeito mostrava claramente a natureza subjectiva das normas, etc. Em suma, Rodrigo ofendia-se por lhe levarem as mais belas donzelas para o harem do Amir mas não se abstinha de usar o direito de *prima noctis*, de ter procedimento condenável, etc. Como era douto, Abderramão perguntou a Rodrigo se tinha lido alguma vez Homero. Rodrigo respondeu que não, que só conhecia uma *Vita Christi*, e uma má tradução das *Origens*, de Santo Isidoro de Sevilha (morto em 636). O árabe fitou-o irònicamente. A ironia estava em sincronismo com o avanço do islamismo no Oriente que por essa altura da conversa, substituíra na prática as vãs tentativas cristãs para prosseguir o legado cultural do helenismo. Ora, se Rodrigo tivesse lido Homero, o berbere dir-lhe-ia que grande parte dos heróis que assediavam Troia e mesmo os honrados guerreiros da casa de Príamo não desdenhavam a poligamia. Sabe-se mesmo que um filho de Aquiles desposou uma filha do rei de Esparta ao mesmo tempo que gerara um filho de Andrómaca, ex-mulher de Heitor. Estes costumes asiáticos, como sublinha de resto, Eurípedes (leia a tragédia «Andrómaca»), não agradavam a todas as gregas, o que não significa que os viris guerreiros pusessem de lado tão venturoso canúbio.

Ora bem: vem isto a propósito de se encarniçarem contra o autor da história umas tantas almas lusitanamente puras. É evidente que o autor não pertence ao partido de Abderramão. Mas nestas coisas de moral e de história o narrador deve colocar-se numa posição imparcial. A aristocracia goda compartilhara a terra com os antigos patrícios romanos, isto apesar de se apresentarem na Ibéria como conquistadores. Alguma coisa de semelhante se passou quando o islamita atravessou as colunas de Hercules. Com notória diferença: o godo deixou-se atrair pela ordem romana, desde a crença cristã, às leis, língua, literatura, etc. Aliás, mostrara-se discípulo distraído, pois muito do Grande Legado jazia esquecido na Biblioteca de Alexandria que um islamita iria queimar em profética purificação... Mas o árabe não se deixava assimilar pelos conquistados. E tão vasta obra operou nestas paragens ibéricas que ainda agora Sevilha, Toledo, Granada, Córdova e outras cidades sustentam o cunho, o traço, o carácter, a força do orgulho de Abderramão. E de tal modo que uma grande igreja cristã se perde no meio da floresta da mesquita de Córdova! Ainda hoje, e já lá vão uns séculos depois que os Reis Católicos liquidaram o resto do reino de Granada... O que francamente não contei no outro dia e hoje aproveito para curto desabafo é o seguinte: passava-se aquela reunião de almas algures, no Alentejo, sob domínio berbere. Lá para baixo a alguns quilómetros, uma pérola do império árabe peninsular nascia, era o Algarve. Deuses! O famoso Algarve! Ali, nas praias atlânticas desabrochavam cidades, portos de mar, veigas, minaretes, jardins, pomares, escolas, arabescos, piscinas, páteos. E Silves, Silves tornou-se uma verdadeira capital. Por essas épocas remotas cuido que ultrapassou os trinta mil habitantes! E onde restam os vestígios da civilização árabe? Onde os palácios, as mesquitas, os livros? Onde os sinais do convívio entre a sinagoga e a escola de Ibn-Rochd (Averrois), que como se sabe nasceu em Córdova, no ano de 1126? Esta ausência de *restos dos outros* não significará alguma coisa? Perguntem a Garcia Garcia, amigo do analfabeto Ordonho, dirá que esta terra lusa é fértil em terramotos e em almas purificadoras de índole irmã da do Califa Omar.

EUGÉNIO DE CASTRO NASCEU HÁ CEM ANOS

Foi um poeta Eugénio de Castro. O poeta que desfraldou entre nós a bandeira rubra do simbolismo, como ele gostava de dizer, e se tornou um dos expoentes mais altos da escola simbolista, nasceu há cem anos. Completam-se hoje.

Filho e neto de lentes da Universidade, com costados genealógicos subindo por esses séculos fora e em que ele sentia tanto orgulho como no seu talento, Eugénio de Castro nasceu em 4 de Março de 1869. Formou-se em Letras, em Lisboa, e ainda tentou a carreira diplomática, inclinando-se depois para o professorado e para o jornalismo. Fez parte das redacções do «Dia», «Jornal do Comércio» e «Novidades».

Homem de letras, publicou os primeiros versos com 15 anos. «Cristalizações da Morte» se chamam. Vieram depois outros livros, outras tendências. Ao proclamar-se a República e ser criada a Faculdade de Letras, em Coimbra, Eugénio de Castro era nomeado professor. Homenageava-se antes o poeta de raro mérito do que o pedagogo, sem grandes provas; e isso a despeito de Eugénio de Castro ter sido sempre um conservador e gostando até de exibir suas honras de cavaleiro fidalgo da Casa Real.

EUGÉNIO DE CASTRO

Além dos livros de poesia escreveu estudos de investigação genealógica e heráldica, e ainda um guia de Coimbra e dois volumes de «Cartas de Torna Viagem», onde compilou os artigos escritos para um jornal de Buenos Aires.

Eugénio de Castro, porém, ficara como poeta, expoente máximo do simbolismo entre nós, desde esse volume estranho dos «Oaristos», publicado em 1890, com requintes gráficos e mais ainda de linguagem. *«O autor d'este livro não espera o favor do publico nem os louvores da Imprensa: aquelle deixará que os OARISTOS amarelleçam nas montras dos livreiros, esta encontrará occasião de exhibir a sua talhante e acutangula dicacidade»*, dizia no prefácio.

Esta *«talhante e acutangula dicacidade»* são o Eugénio de Castro dos «Oaristos», da «Silva», do «Interlunio», da «Sagramor», de tantos outros poemas onde há verdadeiras jóias de poesia, imagens estranhas e novas, empoladas

(Continua na 14.ª página)

É sempre prova de carinho dar uma prenda de gosto às pessoas de amizade.
GRANDE OURIVESARIA DA MODA
RUA DA PRATA, 257

CHOCOLATES TAGIDES
BARREIRO · LISBOA · QUELUZ

A obra do Centro Infantil Helen Keller posta em relevo

na reunião do Rotary Clube de Lisboa

A reunião semanal de hoje do Rotary Clube de Lisboa, foi dedicada ao Centro Infantil Helen Keller. Houve primeiro uma visita ás instalações daquela instituição de educação de crianças deficientes visuais (que é ainda hoje, a unica de ambliopes existente em Portugal). Seguindo-se o habitual almoço a que presidiu o sr. Joaquim Ferreira Queimado.

Na mesa da presidência encontrava-se entre outras personalidades o palestrante dr. Henrique Moutinho, dr.ª Rosalina Tainha, directora pedagógica do Centro Helen Keller, dr. Matos dos Santos da direcção da Liga da Profilaxia da Cegueira e Manuel Costa e Silva, cineasta. Feito o protocolo pelo sr. eng.º Magalhães Ramalho, o secretário dr. Nunes de Oliveira deu conta do expediente e de outros assuntos de interesse rotário.

O sr. dr. Henrique Moutinho na sua palestra deu contas ao clube do desenvolvimento da obra que dirige e que iniciou há 15 anos com os fundos que a direcção do clube lhe entregou para esse fim, em resposta ao apelo que fez aos rotários em 1954 a favor dos diminuídos visuais.

O orador sublinhou que algumas dezenas de contos que então serviram de base á criação daquele Centro, estão hoje valorizados em dezenas de milhares, graças ao entusiasmo, dedicação e competência dos técnicos que o têm auxiliado nesta missão e da perfeita compreensão que esta iniciativa, inicialmente modesta, mas grande nos seus objectivos, despertou nos poderes públicos.

Foi também desse apelo que saiu a Fundação Sain, obra do benemérito rotário honorário Martin Sain, que então encarregou o dr. Henrique Moutinho da sua organização técnica e que foi a base da recuperação dos cegos adultos no nosso País.

Com o reconhecimento de utilidade publica e o auxílio financeiro da Direcção-Geral de Assistência e da Fundação Calouste Gulbenkian, o Centro Infantil Helen Keller atingiu prestígio internacional, sendo a unica instituição no mundo onde se realiza um experiência original que visa, com os melhores resultados práticos, a integração sócio-pedagógica, tão precoce quanto possível, da criança deficiente, no mundo dos indivíduos de visão normal. Crianças cegas, semi-cegas e sem defeitos visuais vivem num ambiente afectivo em grupo cooperativo num regime de perfeita igualdade que as prepara para a sua futura integração social.

Esta obra, de um interesse humano, social e económico excepcional, merece a compreensão e auxílio de todos e o dr. Henrique Moutinho terminou a sua curta mas significativa exposição apelando confiante para a generosidade de todos aqueles que sentem, como ele, a necessidade de a engrandecer.

Em seguida foi exibido um filme documentário dos métodos pedagógicos seguidos no Centro Helen Keller, comentado pela sua actual directora pedagógica dr.ª Rosalina Tainha.

TAPETES
Carpélio
Dist. Exclus.
Élio Amorim & Filho, Lda.
PORTO—LISBOA
CARPETES

Conta Infantil
BANCO DO ALENTEJO

FILGRÁFICA
■ UM GRANDE SALÃO INTERNACIONAL DE EDIÇÕES E MATERIAL GRÁFICO
■ UMA DEMONSTRAÇÃO DE UTILIDADE PARA OS TÉCNICOS
■ UMA EXPRESSIVA EXIBIÇÃO PARA O PÚBLICO
HORÁRIO de hoje e amanhã Das 16 às 23 horas
NA FEIRA INTERNACIONAL DE LISBOA

Palestras de iniciação [illegible]

[illegible] segue amanhã, às 18 e 30 [illegible] Museu de Arte Antiga [illegible] série de palestras intitulada «Para [illegible] compreensão do Século [illegible] especial [illegible] orientada para a juventude [illegible] de [illegible] Rio-Carvalho.

[illegible] palestra será [illegible] instrutivo — O Barroco [illegible]. A entrada é livre [illegible] Verdes.

VIDA POLÍTICA

PRESIDENTE DO CONSELHO

O dr. Borges de Meneses, director da Imprensa Nacional, ofereceu esta tarde ao Presidente do Conselho, que o recebeu em audiência, a medalha comemorativa do segundo centenário daquele organismo.

● Ministro do Interior

O ministro do Interior recebeu o conselheiro Miguel Bastos, da União Nacional; o dr. Clemente Rogeiro, director-geral da Informação; e os drs. Cordeiro Vinagre e Marques de Carvalho.

[illegible] CENTENÁRIO [illegible] EUGÉNIO DE CASTRO

(Continuação da [illegible] central)

[illegible] mais que conservador fora sempre na [illegible] social. Morreu na sua cidade de Coimbra [illegible] Verão de 1944.

Eugénio [illegible] astro que [illegible] na história das letras [illegible] em [illegible] que se rebuscam palavras antigas com sabor de velhos móveis [illegible] de estilo.

[illegible] revolucionário foi-se tornando no clássico a rimar poemas simples as «Canções das Cem [illegible]», [illegible] «Chamas de uma Candeia velha». O revolucionário volvia-se até em poeta do conservador tanto portuguesas, da estética portuguesa será o do último decénio do século XIX, e par de José Maria de Heredia, de Mallarmé, de Henri de Régnier, de Émile Verhaeren, que entoava seus cantares enfunados e altivos.

«Augustamente, o vento, em
[funerários uivos,
Arrastava no chão milhões
[de folhas mortas,
E a sombra densa abria as
[fortíssimas portas
Do castelo do Medo e da
[Halucinação!

O céu fulgia como a cauda
[d'um pavão.»

O que entoava ainda:

Boca de beladona e de coral,
Rubro berço onde dormem
[meus desejos
Escarlatina aurora boreal,
Abre-te em risos, desabrocha
[em beijos!

[illegible] no salão nobre dos Paços do Concelho, com uma sessão que se inicia às 22 horas, em que o sr. dr. António Pinto de Castro, assistente da Faculdade de Letras, profere uma conferência subordinada ao título «Tradição e Renovação na poesia de Eugénio de Castro».

Por sua vez a família mandou celebrar uma missa na igreja de S. Bartolomeu, onde o poeta foi baptizado, que foi muito concorrida.

Em 1946, a Universidade de Coimbra promoveu uma consagração à sua memória, com uma sessão na Sala Grande dos Actos em que estiveram presentes os representantes de todas as Universidades das quais o poeta era doutor «honoris causa» das Universidades Portuguesas e das Academias nacionais e estrangeiras de que era sócio.

Na Biblioteca Geral da Universidade, efectuou-se, então, uma grande exposição biobibliográfica sobre o poeta, que reuniu raras espécies.

Além da sessão de hoje, a Câmara tem em vista outras cerimónias, tais como a cunhagem de uma medalha comemorativa, da autoria de Cabral Antunes e o descerramento de uma lápida na casa onde Eugénio de Castro nasceu.

Comemorações em Coimbra

COIMBRA, 4

Faz hoje cem anos que, num prédio da Rua Ferreira Borges nasceu o poeta Eugénio de Castro, que foi professor da Escola Industrial e Comercial Brotero e da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, de que foi também director.

Para celebrar a data, a Câmara Municipal vai promover algumas manifestações, a primeira das quais se rea-

ANIVERSÁRIO DA AGÊNCIA PORTUGUESA DE REVISTAS

A Agência Portuguesa de Revistas atingiu a maioridade: a 1 do corrente entrou na casa dos 21 anos de vida. Criada por Mário de Aguiar e António Dias, a Agência Portuguesa de Revistas é uma editorial de nítido recorte popular, como o comprovam as suas publicações «Plateia», «Crónica Feminina», «TV Magazine», «Cine Disco» e diversas colecções de livros.

A festa de aniversário da A. P. R. foi pretexto para reunir, em Lisboa, Porto, Luanda e Lourenço Marques, os colaboradores daquela empresa jornalística. Daqui nos associamos ao feliz momento.

Adido aeronáutico junto da Embaixada de Portugal no Luxemburgo

Um decreto da Presidência do Conselho cria o lugar de adido aeronáutico junto da Embaixada de Portugal no Luxemburgo, em acumulação com o cargo de adido aeronáutico e militar em Paris.

A decisão foi tomada depois de se ter considerado «que o Conselho do Atlântico Norte decidiu transferir de Chateauroux, em França, para Capellen, no Luxemburgo, o N. A. T. O. Supply Center, junto do qual a Força Aérea Portuguesa mantém uma missão de ligação.

Três vidas encontraram o fim na água de rios

Desapareceu um agricultor no rio Mondego

PENACOVA, 4. — Não apareceu ainda o corpo do agricultor sr. Evelino Martins de Carvalho, de 57 anos, viúvo, residente no lugar de Canhedo, freguesia de Oliveira do Mondego, deste concelho.

O seu desaparecimento deu-se na madrugada de ontem e a família, que há horas esperava o seu regresso, deveras aflita deu o alarme e logo a população do lugar se lançou em busca do desaparecido.

Foram feitas várias diligências, durante largo tempo, mas todas resultaram infrutíferas. Logo se avolumaram os receios de que o Evelino tivesse perecido afogado, tanto mais que era possível ter ele utilizado um barco para atravessar o rio Mondego, de Oliveira do Mondego para Canhedo.

Entretanto, a G. N. R. do posto desta vila efectuou, igualmente, buscas para encontrar o infeliz agricultor. Até agora, porém, sem resultado.

Por outro lado, mais se avolumaram as suspeitas de que ele tivesse perecido no rio, quando o seu barco apareceu, à deriva, próximo das Torres do Mondego.

Maioral afogado num ribeiro

ALCÁÇOVAS, 4. — Foi encontrado afogado num ribeiro da propriedade denominada «Quinta do Duque», sita na freguesia de Alcáçovas, o Francisco José Oleiro da Mata, de 54 anos de idade, solteiro, maioral de vacas do proprietário e cavaleiro tauromáquico sr. João Branco Núncio.

Ao que se supõe, a morte do pobre homem foi originada por queda da montada em que seguia quando atravessava o referido ribeiro. O Francisco da Mata tinha vindo, no dia anterior, a esta vila, onde residia, a fim de mudar de vestuário e comprar alguns produtos alimentícios. Como a montada tivesse aparecido junto do rebanho, sem o cavaleiro, o ajudante deu o alarme comunicando o caso ao patrão. Aquele seguiu, então, com pessoas à procura do maioral desaparecido, vindo, mais tarde, a encontrá-lo afogado naquele ribeiro.

DESAPARECIDO NO XARRAMA

ÉVORA, 4 — Quando atravessava, de bicicleta, a ponte sobre o rio Xarrama, caiu à água o sr. Manuel Mé Mendes, de 50 anos, calceteiro, residente nesta cidade.

O infeliz não voltou a aparecer, embora a bicicleta tenha sido encontrada.

Convenção tributária entre Portugal e o Reino Unido

Foram trocados em Londres, segundo a folha oficial, os instrumentos de ratificação da convenção entre Portugal e o Reino Unido da Grã-Bretanha e Irlanda do Norte para evitar a dupla tributação e prevenir a evasão fiscal em matéria de impostos e sobre o rendimento.

50.° aniversário da Câmara de Comércio Belga

PORTO, 4

Em comemoração do 50.° aniversário da Câmara de Comércio Belga em Portugal, o sr. Léo Delwalde, director do porto de Antuérpia proferiu, esta manhã, no salão nobre da Associação Industrial Portuense, uma conferência intitulada «O porto de Antuérpia e problemas portuários».

Assistiram entre outras individualidades, o chefe do distrito, o comandante da Região Militar, os presidentes das Câmaras Municipais do Porto e de Matosinhos, o presidente da Associação Industrial, representantes da Administração dos Portos do Douro e Leixões e da Câmara de Comércio Belga, o chefe do Departamento Marítimo, etc.

EMPRÉSTIMO À COMPANHIA AÉREA DE MOÇAMBIQUE

LOURENÇO MARQUES, 4 — (F. P.) — A companhia aérea de Moçambique acaba de obter do Governo português um empréstimo de 219 milhões de escudos para financiar a aquisição, nos Estados Unidos, de dois trirreactores «Boeing-737» destinados às suas carreiras internas — anuncia-se oficialmente.

Este empréstimo será financiado pelo Banco Nacional Ultramarino com uma garantia do Governo de Moçambique.

Os dois aparelhos já encomendados entrarão ao serviço em fins do corrente ano, permitindo reduzir a metade a duração dos voos comerciais entre a Beira e Lourenço Marques, a qual é actualmente de duas horas.

CULTO EVANGÉLICO

A terceira igreja evangélica Baptista de Lisboa, Rua Filipe Folque, n.° 36-B (ao Saldanha), leva a efeito, no próximo domingo, as seguintes actividades religiosas: às 10 horas — Escola Bíblica, com classes para crianças, jovens e adultos; às 11 horas — celebração da Santa Ceia, de acordo com a doutrina e a prática do Novo Testamento; às 21,30 — Reunião de Evangelização, com mensagem pelo pastor da igreja. A entrada é livre.

Com 18 anos de idade, um rosto simpático e uma voz agradável, Roberta Amadei revelou-se através do Festival da Canção de Sanremo, interpretando as composições «Piu di una volta» e «Devi avere fiducia in me». Antes, surgira no certame de Castrocaro, o mesmo que projectara Gigliola Cinquetti para a popularidade. Mas, só em Sanremo atingiu notoriedade. Nascida em Bolonha, de uma família de poetas, pintores e músicos, Roberta Amadei parte (agora) na recolha de divisas: Portugal (um «show» para a Emissora Nacional) figura no seu roteiro de Novembro

CLUBE DE DESPORTO E RECREIO DE MOIMENTA DA BEIRA

MOIMENTA DA BEIRA, 4. — Realizou-se a assembleia geral anual do Clube de Desporto e Recreio de Moimenta da Beira, tendo sido aprovado o relatório de contas do ano de 1968.

Na meia hora para discussão de assuntos de interesse para o Clube foi proposta a alteração dos estatutos e feito um apelo a todos os sócios para tomarem parte activa na campanha de angariação de novos associados.

Foi proposto que se efectuem sessões de cinema, quinzenalmente, de modo a procurar solver-se o passivo do Clube com as receitas daí provenientes. Com o mesmo fim, foi constituída uma comissão da qual fazem parte os sócios, srs. Francisco Monteiro, Martinho Pereira de Carvalho e Joaquim Costa, para organizar bailes populares e promover a exploração de um bufete no recinto da feira. Dadas as dificuldades atravessadas no momento presente pela colectividade, foi feito um apelo aos sócios para que, a partir de Março, passem a pagar voluntàriamente uma quota suplementar. Foi ainda lida uma proposta da Direcção no sentido de ser conferido o título de sócio honorário ao presidente da Câmara, sr. Joaquim Guilherme Araújo Abreu, em sinal de reconhecimento pela boa vontade sempre posta na resolução dos assuntos a favor do clube, para que foi solicitado.

Em ambiente do maior fervor clubista, procedeu-se, a seguir, à eleição dos corpos gerentes para o ano de 1969, os quais ficaram assim constituídos:

Assembleia geral — dr. António de Lemos Gomes; Eduardo Requeijo Alves, António Marques Pereira e Herculano Pinto Leitão.

Direcção — dr. Amadeu Baptista Ferro, Alberto Osório Requeijo, Raul Manuel da Cunha Moura, Gil Augusto de Carvalho, Armando Alves Correia, José Félix, Artur Mota Alves e Severino Gomes de Carvalho.

Conselho fiscal — Alexandre Gomes Cardia, João Teixeira Dias, Aníbal Mergulhão Rebelo e João Francisco Gonçalves.

PACO IBÁÑEZ VEM A LISBOA

O famoso Paco Ibáñez, compositor e cantor da nova geração espanhola («Don Dinero», «Me queda la palabra», «Andaluces de Jaén»), vem a Lisboa para três espectáculos no Teatro Villaret, o primeiro dos quais será em princípio a 12 de Abril. Com Ibáñez actua o conjunto «Nuestro Pequeño Mundo».

FATOS
E TUDO PARA VESTIR
Por medida, a pronto ou a prestações suaves
—GRANDE VARIEDADE DE PADRÕES
—ÚLTIMAS NOVIDADES
VISITE E CONSULTE
estabelecimentos Cancela
CALÇADA DO COMBRO, 21-23 — LISBOA

OS PROBLEMAS MAIORES DO PATRIARCADO EM DEBATE NA REUNIÃO DO CONSELHO PRESBITERAL

Problemas respeitantes à vida da mais importante diocese do País começaram a ser discutidos esta manhã, na Casa de Retiros do Bom Pastor, à Burac, com a segunda reunião do Conselho Presbiteral do Patriarcado.

Esta reunião, que se prolonga até sexta-feira, foi convocada pelo sr. cardeal-patriarca de Lisboa (que preside) em carta ao clero, datada de 20 do passado mês de Janeiro.

De entre os problemas em discussão, o sr. D. Manuel Gonçalves Cerejeira referiu-se especial e resumidamente a dois: «Problemas maiores do Patriarcado» e «Programa de trabalhos da Comissão de Estudos dos problemas dos Seminários, Clero e Vocações». Estes dois temas foram precedidos de um inquérito a todo o clero diocesano, a alguns religiosos de ambos os sexos e a um grupo de cerca de 300 leigos.

Outros temas inscritos na agenda dizem respeito à pastoral dos noivos, problemas de novas igrejas, actividade do Conselho de Acção Pastoral, Boletim Diocesano de Pastoral e apreciação do novo Breviário.

Entretanto, o dia de hoje foi consagrado à oração e meditação sobre a natureza do Conselho Presbiteral e exigências do diálogo, tendo sido os encontros dirigidos pelos rev. José Craveiro da Silva, S. J. O programa será apresentado logo, à noite, em sessão, durante a qual se falará no processo de trabalho a seguir e se constituirão os respectivos grupos.

O Conselho Presbiteral encontra o seu fundamento no n.º 7 do decreto «Presbiterorum Ordinis» do Concílio Vaticano II, no qual é definido como «um órgão destinado a concretizar institucionalmente a colaboração a prestar pelo Presbitério ao bispo diocesano no governo da diocese, mediante o seu conselho em clima de diálogo».

O Conselho Presbiteral do Patriarcado foi ligeiramente alterado pela citada carta de 22 de Janeiro, sendo, actualmente, constituído por 30 membros, designados em função dos cargos, por eleição ou por livre escolha do prelado diocesano além de uma presidência.

MISSÃO BELGA EM PORTUGAL

De regresso do Porto chegaram, esta manhã, ao aeroporto de Lisboa, os componentes da missão oficial financeira da Bélgica, organizada pelo Ministério do Comércio Exterior daquele país com o propósito de, em Portugal, estudar a possibilidade de grandes empreendimentos e respectivos investimentos.

Desta missão — a maior e do mais alto nível até agora enviada pela Bégica ao nosso País — fazem parte diplomatas, doze banqueiros, industriais, financeiros, dezasseis representantes da Bolsa e elementos da Câmara de Comércio Belga-Luxemburguesa-Portuguesa, bem como quatro jornalistas da Imprensa especializada em assuntos económicos e financeiros.

A primeira sessão de trabalhos da missão financeira belga efectuou-se às 10 e 30, no Hotel Ritz, com a direcção do Banco Português do Atlântico. Foi orador o dr. Vieira de Almeida, director-geral do B. P. A., que fez uma desenvolvida exposição sobre «Os mercados monetários e do crédito em Portugal», salientando em especial o facto de o volume de poupança global ser aqui relativamente alto quando comparado com outros países do mesmo *standing* económico. Registam-se, porém, algumas distorções nos mercados de capitais e ainda um empolamento considerável no mercado monetário. O Governo, disse o dr. Vieira de Almeida, estuda o problema com atenção.

Falou, também, o dr. Xavier Pintado, do mesmo Banco, para analisar a situação presente da economia portuguesa e as perspectivas da sua transformação estrutural.

Terminados os trabalhos, que tiveram a duração de duas horas e meia, decorreu um almoço oferecido pelo Banco Português do Atlântico aos participantes na reunião. De tarde realizou-se uma outra sessão com a direcção da Associação Industrial Portuguesa.

Amanhã, às 8 e 45, os membros da missão belga visitam as instalações da SAPEC; às 18, efectuam uma reunião de trabalho com a direcção do Banco de Fomento, na Rua Braamcamp; e às 19 e 15, assistem a um beberete na Embaixada da Bélgica.

«O MUNDO DOS OUTROS» de José Gomes Ferreira em 3.ª edição

A história deste livro está feita. Entra agora nas Obras Completas de José Gomes Ferreira que a Portugália Editora está a publicar. Com o subtítulo de «histórias e vagabundagens», este «*Mundo dos Outros*» é essencialmente o mundo do poeta José Gomes Ferreira, o mundo visto pela sua sensibilidade, pela sua inteligência, pela sua solidariedade de autêntico cidadão do mundo, como diria Madariaga.

Livro de contos, novelas, histórias, seja o que for que José Gomes Ferreira nos dê, são sempre poemas. E estes retalhos de vida corrente constituem um documento humano extraordinário da nossa época, documento vivo e trepidante de como se pode ser homem e permanecer nesta encruzilhada de história em que viemos ao Mundo.

A vida triturou-nos e despersonalizou-nos, de tal forma que parecemos andar tontos no redemoinho que nos tem triturado a todos a dormir, como José Gomes Ferreira nos viu e daí findar o livro a gritar-nos: «Acordem. Ou, pelo menos, voltem-se para o outro lado!».

«Aos governantes de hoje não basta ler livros nem consultar publicações» (Marcello Caetano)

AS ENFERMARIAS DO HOSPITAL DE S. JOSÉ QUE FORAM DANIFICADAS PELO SISMO MERECERAM A ATENÇÃO DE DOIS MINISTROS

Os danos causados pelo forte abalo de terra da madrugada da passada sexta-feira foram, esta manhã, apreciados «in loco» pelos ministros da Saude e das Obras Publicas, os quais ali mesmo determinaram para as 15 e 30 de hoje, no gabinete do segundo, uma reunião com técnicos dos respectivos departamentos, para estudo aprofundado da situação.

Interrogado pelos jornalistas, no final da visita, o ministro Cancela de Abreu explicou, com a sua habitual solicitude, que servira aquela para proporcionar ao ministro Rui Sanches a observação directa dos estragos e recordou que em breve será tornada publica a nota sobre «Política hospitalar» elaborada pelo seu ministério.

Além dos serviços 3, 5 e 9, nos quais se encontravam os 377 doentes evacuados para outros hospitais e locais diversos, foram ainda apreciados danos ligeiros verificados no pavilhão de traumatizados do cranio.

Acompanharam os membros do Governo o enfermeiro-mor, dr. Carlos George, o director-geral e o administrador-geral dos Hospitais Civis, respectivamente, drs. Coriolano Ferreira e Lima das Neves e, ainda, o director clínico do Hospital de S. José, prof. dr. Mendes Ferreira, além de outros altos funcionários.

A SESSÃO DE HOJE NA ASSEMBLEIA NACIONAL

(Continuação da pág. central)

de reformas que abranjam o ensino médico, a estrutura hospitalar e a Saúde Pública, nos seus variados sectores.

«Não podemos continuar a protelar o estudo criterioso dos nossos recursos humanos, do nosso equipamento médico-sanitário, das nossas necessidades em relação à nossa organização economico-social. Temos de ajustar sem demora o ensino médico e a estrutura dos nossos hospitais à preparação do tipo e do número de médicos que o país necessita.

Aquele deputado considerou estar em via de desaparecimento a clínica individualista da sociedade de outrora, acrescentando:

«Daqui em diante, em vez do colóquio singular, do binómio médico-doente, havemos de ter essencialmente o trabalho de grupo, a colaboração de vários médicos com preparação diferenciada. E é para a preparação deste novo tipo de médico que temos de olhar, na execução de uma política da Saúde eficaz e oportuna. Isto há-de ser obra da reforma do ensino médico e da reforma dos nossos hospitais. Assim o impõem não só a moderna estrutura da população, mas também a evolução dos conhecimentos cientificos, as novas técnicas de actuação médica e a protecção médico-social. Quanto mais tarde se fizer, mais graves serão para nós as consequências. Manter por muito tempo o que aí está, será fazer persistir aquilo a que um ilustre mestre de medicina já chamou «Medicina Artesanal» e será dano grave para a economia e para o progresso da Nação».

Disse o orador que a estrutura dos nossos hospitais não corresponde às actuais exigências. Lembrou que o médico tem de estar sempre na base dessa estrutura, acentuando:

«O hospital não é uma empresa industrial». Outra afirmação: «Todo o hospital deve ser simultaneamente centro de assistência e centro de ensino».

A concluir, aquele deputado citou alguns exemplos estrangeiros e manifestou a esperança de que o ministro da Educação Nacional «não deixará para tarde a reforma do ensino médico que urge fazer».

COMÉRCIO E INDÚSTRIA

COMPANHIA DE SEGUROS

FUNDADA EM 1907

SEDE EM LISBOA — RUA DO ARCO DO BANDEIRA, 12

ASSEMBLEIA GERAL ORDINARIA

Para os fins indicados nas alíneas b), c) e d) do art.º 23.º dos Estatutos desta Companhia, convoco a Assembleia Geral Ordinária a reunir na sua Sede, Rua do Arco do Bandeira, 12, pelas 18 horas e 30 minutos do dia 31 do corrente.

Lisboa, 1 de Março de 1969.

O Vice-Presidente da Assembleia Geral
(a) RAUL PEREIRA DA ROCHA

UMA NOTA DO MINISTÉRIO DA SAÚDE E ASSISTÊNCIA PLANIFICARÁ O SECTOR DA POLÍTICA HOSPITALAR

Do Gabinete do ministro da Saúde, recebemos a seguinte nota:

1. Como foi largamente divulgado pela Imprensa, o forte sismo que abalou Lisboa na madrugada de 28 de Fevereiro passado, ocasionou estragos de certa monta em alguns serviços do Hospital de S. José.

2. Isso levou a encarar, com urgência, a transferência dos doentes que se encontravam nas zonas mais afectadas e a dar numerosas altas, quer aos doentes já em convalescença, quer àqueles que tinham sido internados para se submeterem a intervenções cirúrgicas, não urgentes e que, sem inconveniente de maior poderiam ter uma espera de 20 a 30 dias.

3. A alta e a transferência de cerca de mil enfermos fez-se com uma ordem e desvelo que merecem ser realçados. Para isso muito contribuiu a acção extraordinária do pessoal dos Hospitais Civis de Lisboa — cujos principais responsáveis estavam no seu posto poucos minutos depois do sismo —, o admirável auxílio do Exército que uma vez solicitado, compareceu rápida e ordenadamente com vinte ambulâncias e dez veículos pesados de transporte, e a devoção e actuação das senhoras voluntárias, que habitualmente trabalham nos Hospitais de Lisboa em funções de amparo moral e social, e que se apresentaram quase em massa.

4. Há que destacar, ainda, com o maior apreço, numerosas outras colaborações como, por exemplo, o aparecimento de diversos carros particulares e de praça, que voluntariamente transportaram doentes que não necessitavam de maca, companhias de [illegible] como as das [illegible] e da Moon [illegible] —, que ali prestaram idênticos serviços, empresas que se ofereceram a dar auxílio em diversos campos — como a dos colchões Molaflex e, bem assim, outros variados colaboradores, como o da Companhia de Seguros [illegible], que pôs à disposição as camas vagas que possuía no seu [illegible] de acidentados do trabalho.

5. Todas estas manifestações de solidariedade humana, bem representativas das qualidades natas do povo português, merecem os muito sinceros agradecimentos do Ministério da Saúde e Assistência.

6. E foi, igualmente, com o maior agrado e satisfação que se ouviram as palavras do sr. Presidente do Conselho, ao terminar a sua visita aos Hospitais de S. José e Curry Cabral, felicitando os serviços deste Ministério e quantos com eles colaboraram nesta emergência, pela sua rápida e muito eficiente actuação.

7. No que respeita aos restantes hospitais do País, houve sérios danos em Sines, Lagos e Castro Marim. Para apreciação destes estragos e de outros de menor monta em diversos hospitais de outras localidades, partiu desde logo de Lisboa um grupo de trabalho constituído pelo Director Hospitalar da Zona Sul e dois engenheiros — da Comissão de Construções Hospitalares e do Serviço de Utilização Comum Hospitalar —, que proporão as medidas necessárias para a rápida reparação dos prejuízos verificados.

8. Com a finalidade de tomar as providências convenientes para acudir às famílias que tiveram de ser desalojadas das suas habitações, encontra-se no Algarve o director do Instituto de Assistência à Família, que encaminhará os inquéritos destinados a socorrer os mais desamparados.

9. De salientar, ainda a importante colaboração e inestimável apoio que o Ministério das Obras Publicas nos prestou nesta séria ocorrência.

10. Não corresponde perfeitamente à verdade o que se tem divulgado quanto ao futuro do Hospital de S. José. Brevemente o Ministério da Saúde e Assistência publicará uma nota sobre «Política Hospitalar», em que serão definidas as linhas orientadoras quanto à planificação deste sector.

Sobe a quinze o número de mortes causadas pelo abalo

De Escusa (Marvão) chega a notícia de que também ali se verificou uma morte, por comoção, em consequência do sismo. O triste acontecimento verificou-se com o sr. Manuel Nunes Carrilho, de 72 anos, conhecido por «Manuel da Fonte», o qual era casado com a sr.ª D. Emília Vinagre Carrilho e pai do sr. Joaquim Nunes Carrilho, funcionário da Companhia dos Telefones.

O funeral realizou-se já, com grande acompanhamento, para o cemitério de Escusa.

À TARDE HAVERÁ UMA REUNIÃO COM TÉCNICOS

Outra história do «vigésimo premiado»

Na P. S. P. apresentou queixa o trabalhador sr. José Gaspar da Silva, de 26 anos, casado e residente no lugar do Laro (Palmela), contra dois desconhecidos que na Praça do Bocage o abordaram e lhe pediram para rebater um vigésimo «premiado», recebendo como caução a quantia de 8000$00 que havia acabado de receber no Banco Português do Atlantico e não lhe pertenciam, pedido a que acedeu.

É claro que o vigésimo não tinha qualquer prémio, e entretanto, os desconhecidos desapareceram e com eles os 8000$00.

AS DIFICULDADES FINANCEIRAS NO SENEGAL EXPÕEM-NO A RISCOS POLÍTICOS

Por PIERRE BIARNES

DACAR (FEVEREIRO) — Por ocasião da sua primeira sessão do ano, o Conselho Nacional da União Progressista Senegalesa, partido governamental único de que é secretário-geral o presidente Leopold Sedar Senghor, ouviu e examinou, em 11 de Janeiro em Dacar, um importante relatório de Jean Collin, ministro das Finanças, acerca da situação orçamental do Estado.

Este relatório arrisca-se a fazer certo barulho. Nos últimos dois anos, a situação das finanças públicas senegalesas não cessou de piorar para se tornar, agora, realmente preocupante. Pela primeira vez desde a independência, o orçamento de funcionamento prevê um «deficit», e já não existe orçamento de desenvolvimento dos recursos próprios — o que implica, uma vez que a Tesouraria é muito apertada para que parte desta seja mobilizada a longo prazo, que o financiamento do próximo plano quadrienal (1969-1973) tenha de ser totalmente dependente do auxílio público externo e dos investimentos privados estrangeiros.

O orçamento de funcionamento em si tende a tornar-se pouco a pouco uma simples verificação dos saldos, das despesas da função pública e das chamadas de transferência, que só servem na maior parte das vezes para pagar a outros funcionários, municipais, regionais, etc., não deixando de aumentar a expensas das de material e de obras. Como, além disso, a poupança local permanece a um nível muito baixo, tudo isto quer dizer que o Senegal consome actualmente todos os anos quase a totalidade do seu rendimento nacional, cuja parte destinada aos investimentos é cada vez mais ínfima, mas a que vai para a função pública é cada vez mais importante e cada vez menos relacionada com as condições gerais do país. No entanto, poder-se-ia dizer outro tanto em relação a outros Estados do continente, alguns dos quais, como o Daomé, se encontram há muito já numa situação ainda muito mais grave.

Estagnação das receitas orçamentais

Em sete anos, as receitas orçamentais ordinárias do Senegal ascendem às imediações dos 36 biliões de francos C. F. A.

As razões profundas desta estagnação devem procurar-se numa insuficiente expansão da produção, agravada pelos efeitos da deterioração dos termos dos câmbios. As diversificações das culturas (arroz, algodão, cana-de-açúcar, legumes, frutas) só se realiza com grande lentidão. Em consequência, nomeadamente, duma pluviosidade abundante durante três anos, a produção de amendoim também baixou de maneira sensível (700 mil toneladas de sementes em casca atingidas sòmente em 1968-1969 contra mais de um milhão em 1965-1966). O preço de compra desta produção, garantido pelo Mercado Comum Europeu — quase único mercado — é nitidamente inferior ao antigo preço da zona franco (menos de 18 francos C. F. A. por quilo ao cultivador, contra 22 há três anos — preços médios).

DE «LE MONDE» em exclusivo para o «DIÁRIO DE LISBOA»

Por outro lado, a pressão fiscal chegou quase a um limite crítico, acima do qual a matéria colectável se arrisca a diminuir. Por fim, um contrabando muito intenso, em particular a partir da Gâmbia vizinha, priva o Senegal de receitas importantes, provàvelmente da ordem de alguns biliões. Este pequeno Estado, profundamente mergulhado no território senegalês, com o qual, portanto, tem uma extensa fronteira comum, e de facto pràticamente impossível de vigiar.

As despesas ordinárias, por seu lado, aumentaram irresistìvelmente, passando de 31 biliões e 988 milhões de francos C. F. A. para 40 biliões e 260 milhões (previsões) em 1968-1969.

A causa principal deste aumento consiste na forte progressão dos encargos de pessoal, que passaram de 14 biliões e 37 milhões de francos C. F. A. em 1962-1963 para 18 biliões e 692 milhões em 1968-1969, ou seja um aumento de cerca de 30 por cento em sete anos, enquanto as despesas de transferência aumentavam na mesma proporção, as despesas de material permaneciam estacionárias, e as de obras diminuíam de cerca de 30 por cento.

Durante estes sete anos, verificou-se um aumento regular dos efectivos da função pública, pletóricos no entanto em relação à situação deste país. (Mais de 36 mil funcionários do Estado — dos quais para cima de 7500 militares, gendarmes, polícias e guardas republicanos — e cerca de sete mil empregados das colectividades locais, sem falar dos cerca de 12 500 agentes dos estabelecimentos públicos, cujos «deficits» frequentes pesam sobre a tesouraria geral.) Por outro lado, a adopção de novos estatutos levou nos últimos anos a apelar para os saldos e para reclassificações quase sistemáticas. Por fim, mais recentemente, os aumentos de salários de que beneficiaram os contratados em consequência dos acontecimentos de Maio [illegible] a situação.

No total, passou-se dum excedente de 2 biliões e 800 milhões de francos C. F. A. em 1962-1963 a um «deficit» provisório de 1 bilião e 500 milhões em 1968-1969, sendo agora a cobertura das despesas correntes com receitas correntes garantidas ùnicamente a menos de 90 por cento e [illegible] nenhum excedente podendo ser [illegible] para o orçamento de desenvolvimento. Como, por outro lado, a tesouraria pública — a qual se tem apelado muito nos últimos anos para investimentos diversos — está esgotada (no fim de Dezembro, menos de 4 biliões de francos C. F. A., que de facto pertencem a fornecedores, clientes de cheques postais e depósitos das caixas sociais em especial), não se pode portanto concluir de tudo isto, como fazia o ministro Jean Collin, que o Estado senegalês se encontre numa situação financeira muito difícil.

Para tentar sanear a situação, três grandes séries de medidas são de prever e serão sem dúvida aplicadas. Não podem, no entanto, ter mais que efeitos limitados e provisórios, pois não atacam as duas causas profundas do mal: a insuficiência do crescimento da produção e o encargo em aumento constante, e em todo o caso demasiado pesado da função pública. A primeira destas causas está com efeito ligada a factores geográficos e sociológicos dificilmente transformáveis. A segunda é dominada por factores políticos cuja reposição em causa só poderia abalar fortemente o regime ou mesmo provocar a sua queda, como foi o caso designadamente nos últimos anos, em circunstâncias análogas, no Daomé, na República Centro-Africana e no Volta Superior.

Primeiramente, na linha do que se faz há quatro a cinco anos não sem êxito, continuar-se-á a gerir bem este mau orçamento. Serão feitos esforços para melhorar a colecta de impostos e taxas existentes, e para fiscalizar ainda um pouco mais severamente as despesas, continuando no entanto as grandes massas destas a ser o que são, e mesmo, segundo todas as probabilidades, continuando a aumentar. Isto permitirá certamente alguns ganhos e algumas economias suplementares, mas nada mais.

Ir-se-á em seguida aumentar ainda um tanto a pressão fiscal. Mas as taxas indirectas não podem mais ser aumentadas sem provocar uma diminuição da actividade económica, nem os impostos sobre os lucros das sociedades sem desencorajar os investimentos privados estrangeiros. Fica, portanto, ùnicamente a possibilidade duma incidência pouco maior que actualmente sobre os rendimentos de certas categorias relativamente privilegiadas da população, parte dos funcionários e dos assalariados em especial; mas, para além de certo limite, que num clima de civismo insuficiente não pode deixar de ser ràpidamente atingido, os riscos políticos de semelhantes decisões são certos.

Um necessário sobressalto de civismo

Por fim, os efeitos destas medidas de tipo clássico, não podendo deixar de revelar-se insuficientes, são previsíveis soluções de tipo monetário, paralelamente, ou pouco mais tarde. Mas também neste campo, a margem de manobra das autoridades senegalesas é apertada.

Os estatutos e práticas da União Monetária Oeste-Africana, de que o Senegal é membro, não o autorizam a apelar para o concurso do Banco central comum mais que no equivalente a 15 por cento dos seus recursos orçamentais próprios, ou seja, neste caso, uma quantia pouco menor de 5 biliões e meio de francos C. F. A. não renovável, mas em princípio reembolsável num prazo bastante curto. Isto pode, no entanto, permitir-lhe manter ainda um ano orçamental depois do que está em curso, ou mesmo um pouco mais. Mas, em seguida, se não forem dados novos alívios às regras de emissão da U. M. O. A. — e a França, que garante o franco C. F. A. não pode permiti-lo muito —, a tentação de sair da União, quer dizer de facto de sair da zona franco, arrisca-se a tornar-se muito forte. Mas a inflação monetária que isto permitiria não seria, com toda a evidência, mais que uma falsa solução, de consequências desastrosas. A desigualdade na repartição dos rendimentos encontrar-se-ia com isso fortemente aumentada, e expensas especialmente das massas rurais, que teriam mais do que nunca o amargo sentimento de serem as abandonadas à conta da independência. O desmoronamento da economia seria igualmente rápido e certo, como no Mali nos últimos anos. Como igualmente no Estado vizinho, o próprio regime não ganharia com isso mais que uma última moratória.

Mas os números são inquietantes, e afinal de contas só um sobressalto de civismo da classe dirigente, aceitando uma austeridade bastante dura, está em medida de as modificar. Será capaz disso? E quando?

O professor sr. eng.º Picado e os alunos da Escola Técnica de Leiria ouvem explicações sobre o fabrico de móveis pela industria viseense

PROFESSORES E ESTUDANTES DA ESCOLA TÉCNICA DE LEIRIA VISITARAM EM VISEU A INDÚSTRIA DE MOBILIÁRIO

VISEU, 4 — Amplia-se a justa fama do artesanato viseense, a entrar pela industrialização no que respeita aos «móveis antigos». Ainda não há muito, tal industria suscitou a visita de um membro do Governo e de individualidades ligadas á vida oficial do distrito e do País, que estiveram, por exemplo, nas grandes oficinas do Bairro Industrial de Abraveses.

Agora os alunos da secção de carpintaria da Escola Industrial e Comercial de Leiria vieram até Abraveses, acompanhados pelos professores, incluindo duas senhoras.

Depois de larga visita ás instalações das oficinas de mobiliário, naquele Bairro, o sr. Manuel dos Santos obsequiou os visitantes com um «vinho de honra» e merenda, em ambiente de satisfação mutua. No final, o professor sr. eng.º Picado saudou aquele industrial e manifestou o agrado e o apreço dos visitantes.

O antigo aluno da Escola Técnica de Viseu, o jornalista sr. Gilberto de Carvalho, saudou nos srs. engs. Picado e Barradas, professores leirienses, e nas senhoras professoras a Escola Técnica de Leiria e teve palavras de homenagem para o sr. Manuel dos Santos e de estima pelos estudantes.

O referido industrial agradeceu as saudações que lhe foram dirigidas e a sua esposa, ali presente, manifestando a sua satisfação por terem escolhido, os professores e alunos leirienses Viseu e as suas oficinas artesanais de marcenaria para aquela visita de estudo — autêntica homenagem — disse — aos progressos da industria e do artesanato de Viseu.

Necrologia

FALECIMENTOS

D. Alicia Silva Gomes Correia Tavares

Faleceu a sr.ª D. Alicia Silva Gomes Correia Tavares, mãe do sr. Rau. Tavares. O funeral realizou-se hoje, pelas 15 horas, da igreja de Santos-o-Velho para o cemitério da Ajuda.

António Ventura

CALDAS DE MONCHIQUE, 4 — Faleceu nesta vila o sr. António Ventura daqui natural e que aqui passou a maior parte da sua vida trabalhando na empresa das Caldas de Monchique.

O sr. António Ventura, pessoa respeitada de quantos o conheciam pelos seus dotes de carácter e pela forma como soube educar todos os seus filhos, personalidade vigorosa, contava 82 anos, achando-se há tempos reformado.

O sr. António Ventura era casado com a sr.ª D. Clementina Ventura sendo pai das sr.as dr.ª D. Cândida Margarida Ventura e dr.ª D. Maria Clementina Ventura Campos Lima, casada com o sr. dr. Manuel de Campos Lima, advogado em Portimão; e dos srs. dr. António Ventura, médico veterinário nesta vila, e Joaquim Pires Ventura, funcionário superior da Celcate.

O funeral do venerando ancião efectua-se amanhã para o cemitério local.

Alexandrino Guerreiro Cavaco

VILA NOVA DE CEIA, 4 — Faleceu nesta localidade, de onde era natural, o sr. Alexandrino Guerreiro Cavaco, de 61 anos, proprietário e presidente da Junta de Freguesia, cargo que desempenhou durante mais de 23 anos. Deixa viuva a sr.ª D. Adelaide da Conceição Munhoz Lopes Cavaco e era pai da menina Maria da Conceição Lopes Cavaco e da sr.ª D. Maria Alexandrino Lopes Cavaco Canau, casada com o sr. Geliate António Canau, e avô dos meninos António José Lopes Cavaco Canau e Alexandrino Luís Lopes Cavaco Canau. O extinto era genro da sr.ª D. Rita de Jesus Munhoz Lopes.

FUNERAIS

D. Helena Guerra da Silva

BRAGANÇA, 4 — Após missa de corpo presente na Sé, para onde fora trasladado do Porto, saiu para jazigo de família no cemitério municipal, com grande acompanhamento, o funeral da sr.ª D. Helena Guerra Silva, daqui natural. Contava 69 anos, era professora primária, aposentada, casada com o sr. António Candido da Silva, também professor em São Mamede de Infesta (Porto), onde a bondosa senhora residia e faleceu. Era irmã da sr.ª D. Alice Guerra Réfega, igualmente professora reformada e proprietária, residente na freguesia de Milhão, e do sr. Luís Maria Guerra, funcionário, aposentado, da filial local da Caixa Geral de Depósitos, e tia de numerosos bragançanos com residência nesta cidade, na Guiné, em Lisboa e noutros pontos do País.

Dr. João Matheus Fernandes

COIMBRA, 4 — Para o cemitério da Conchada seguiu ao fim da manhã o funeral do sr. dr. João Matheus Fernandes, figura muito conhecida na cidade, onde foi proprietário, desde 1916, da Farmácia Donato.

O extinto, que contava 83 anos, era casado com a sr.ª D. Isabel dos Reis Pacheco Fernandes e pai do sr. dr. António Matheus Fernandes.

Dr. Pedro Guimarães

Foi a enterrar no cemitério dos Prazeres o antigo governador civil da Horta e Aveiro, sr. dr. Pedro de Melo Gonçalves Guimarães.

O extinto, que contava 57 anos, fez pràticamente toda a carreira nos organismos corporativos e de coordenação económica, representando o Governo em congressos no estrangeiro e presidindo nos Estados Unidos, como delegado do Ministério da Economia, ao Congresso Internacional do Açúcar.

SUFRÁGIOS

Duquesa de Lafoens

Na capela do Palácio do Grilo e em sufrágio da alma de D. Maria José da Graça Facco Viana Barreto de Bragança, duquesa de Lafoens, foi hoje celebrada missa de 5.º aniversário e por igual motivo é rezada missa, amanhã, ás 13 horas, na igreja de Nossa Senhora da Vitória.

D. Alice Brilhante Pessoa Terenas

MISSA DO 1.º ANIVERSÁRIO

Por iniciativa de sua família, será celebrada missa pelo eterno descanso de D. Alice Brilhante Pessoa Terenas, falecida há um ano, amanhã, pelas 19 e 15, na igreja de São Nicolau.

AGÊNCIA MAGNO
FUNDADA EM 1874
Não tem qualquer sucursal na Av. Almirante Reis
Telefones 534167 P.P.C.A. (4 linhas) 43189/662772/200022

GRUPO CHRYSLER — Gestão directa em Portugal

George Romanos, vice-presidente das Operações Europeias da Chrysler International, anunciou em Londres que a sua Companhia assumiu a responsabilidade total pela direcção das actividades comerciais da Chrysler no nosso País (Chrysler, Dodge, Plymouth), Simca, Rootes (Humber), Sunbeam, Singer e Hillman, e, no que respeita a veículos comerciais, Dodge, Commer, Karrier, Barreiros e Fargo.

Encontram-se em vias de execução os planos para a criação de uma nova empresa, a Chrysler de Portugal, Lda., que se destina a orientar a importação e distribuição de toda a produção do Grupo Chrysler no nosso País.

A Chrysler assume a direcção da Simca Portuguesa, mantendo-se no cargo o actual director-geral daquela empresa, Axel Busck.

UM NOVO HOSPITAL EM CASTRO MARIM

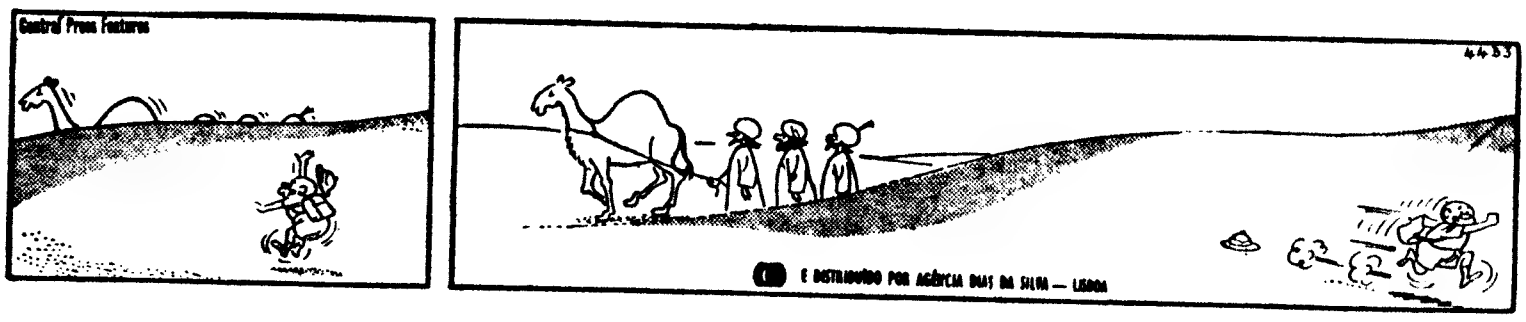
CASTRO MARIM, 4 — Depois da visita feita ontem á tarde pelos directores da Zona Hospitalar do Sul, dr. Rafael Ribeiro e dos Serviços de Obras da Comissão de Construções Hospitalares, eng.º Jaime Rodrigues Nine, aos destroços resultantes do desmoronamento do Hospital da Misericórdia desta vila, aquelas individualidades admitiram a hipótese visto ser pouco provável qualquer aproveitamento, além do terreno, do que ficou de pé, depois do sismo.

Entretanto, procura-se alugar uma casa onde possam funcionar os serviços de urgência do referido hospital, recorrendo-se aos hospitais de Vila Real de Santo António e Faro em casos de maior gravidade.

Os Peanuts

Carol Day

Aventuras do Tio Carlos



Palavras cruzadas

(COM PROVÉRBIO)

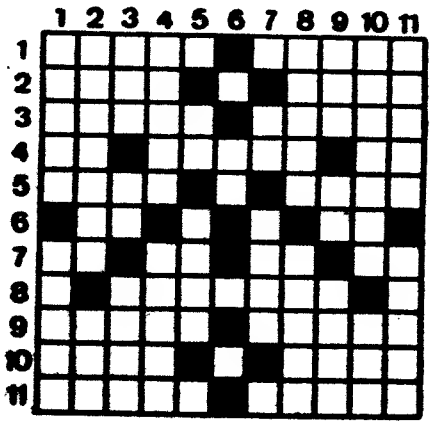
PROBLEMA N.º 5106

HORIZONTAIS: 1—O mesmo que abano. Pesquisam. 2 — Nome com que os negros feiticistas da Baia designam S. Jerónimo. Rosto. 3 — Gesto. Saltam. 4 — Pronome pessoal. Acredite. Preposição. 5 — Percorre. Fechem as asas para descer mais depresso. 6 — Nesse lugar. Prata (s.q.). 7 — Crómio (s. q.) Prefixo de privação. Artigo definido (ant.) Antes de Cristo. 8 — Desvias. 9 — Liga de cobre e zinco. Tripulação das galeras turcas, constituída por marinheiros livres, alistados á falta de escravos ou forçados. 10 — Ave de rapina. Escudeiros. 11 — Aves semelhantes ás pombas. Alcarão.

VERTICAIS: 1 — Abaixe. Guardar segredo. 2 — Inocular a vacina em. Ferro temperado. 3 — Medida de superficie. Quinhentos e um em romano. Ilha de coral que forma um anel, mais ou menos contínuo, em volta de uma lagoa interior. 4 — Nenhuma vez. Afia. 5 — Sufixo que designa estado. Homem de baixa estatura. 6 — Tempo do verbo ser. Pertences. 7 — Letra grega. Mentira. 8 — Recuas. Pai de Lia e Raquel, tio e sogro de Jacob. 9 — Bigorna de ourives. Seguia. Ir para fora. 10 — Tributo em pão, que se pagava antigamente, em Portugal, ao mosteiro de Alcobaça. Jibóia. 11 — Suguem o leite materno. Ultimo rei da Lídia, filho e sucessor de Aliate, célebre pelas suas riquezas.

Resolveu completamente este problema?

Procure agora em segundo passatempo o PROVÉRBIO nele inscrito.



SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 5105

HORIZONTAIS: 1 — Cairo. Acaso. 2 — Oprimiremos. 3 — Aar. POR. 4 — Sapatos. 5 — An. Ase. Cu. 6 — Sarau. Merat. 7 — Ao. Lei. Sr. 8 — Aparais. 9 — Aro. Sic. 10 — Acordaremos. 11 — SOUTO. Cuama.

VERTICAIS: 1—Co. Casão. As. 2—Apa. NÃO. Ape. 3 — Irás. Arou. 4 — Airá. Part. 5 — Om. Paula. Dá. 6 — IRÁS. Arca. 7 — Ar. Termo. Rc. 8 — Cepo. Isaac. 9 — Amos. Sima. 10 — Ser. Cás. COM. 11 — Os. OUTRO. Sa.

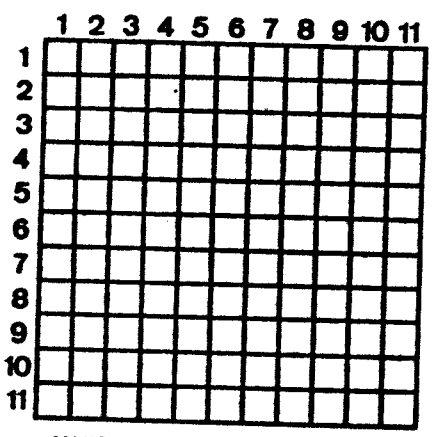
Provérbio: POR SOUTO, NAÓ IRÁS COM OUTRO.

(NOVA MODALIDADE)

PROBLEMA N.º 8949

HORIZONTAIS: 1 — Artigo indefinido. Corrigeiro, de duas rodas, usado no Africa do Norte, para transporte de pessoas, de bagagens e víveres. Artigo definido. 2 — Freguesia do concelho de Amares (Braga). Conífera da família das abietáceas, que compreende grandes árvores sempre verdes. 3 — Aguaçam. Curas. 4 — Debruo. Grupo de três. 5 — Desoxida. 6 — Letra grega (inv.). Prendia. Cário (s. q.). 7 — Enruga. Respiram com dificuldade. 8 — Cidade do Argélia. Espécie de argila usada em tinturaria. 9 — Em. Animal doméstico. Rio da Suiça. 10 — Abreviatura de item. Cidade do Estado do Pará, Brasil. Aqui. 11 — Irmão de Moisés. Fruto do Indio, que se põe em conserva para excitar o apetite.

VERTICAIS: 1 — Joeira. Antiga prov. báltica da Russia. 2 — Bafio. Homem que anda pelo mar para roubar. 3 — Escamecerá. Em. es. 4 — Terra nova e arroteada de fresco. Ferro temperado. Cabelo branco. 5 — Conserto (pop.). Navegador português, que descobriu o Zaire. 6 — O mesmo que umo (ant. pop.). Cidade de França. 7 — Chegava. Freguesia do concelho de Oliveira do Bairro. 8 — Formar as abas a. Heroína francesa que foi queimada viva. Dois mil em romano. 9 — A Irlandesa Fulana. 10 — Rei da Baviera que atacado de loucura foi enclausurado no castelo de Fustenried. Máscara. 11 — Isolados. Examinar.



SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 8948

HORIZONTAIS: 1 — Farpa. Paris. 2 — Amais. Acamo. 3 — Lampo. Repor. 4 — Adão. Rara. 5 — Dó. Aer. Te. 6 — Arcar. Auras. 7 — Airó. Etal. 8 — Acuaras. 9 — Pero. Sala. 10 — Rio. Pio. Ios. 11 —Essas. Cesto.

VERTICAIS: 1 — Falada. Apre. 2 — Amadora. Eis. 3 — Rama. Ciaras. 4 — Pipo. Arca. 5 — Ase. Arou. Ps. 6 — Vê. Adi. 7 — Par. Raer. Oa. 8 — Acer. Utas. 9 — Rapa. Rasais. 10 — Imortal. Lot. 11 — Sarais. Vaso.

HA 30 ANOS

O «Diário de Lisboa» de 4 de Março de 1939 publicava:

«PARIS, 4. — O «Excelsior» escreve: — «Espera-se, de um dia para outro, a ofensiva nacionalista que dispõe de meios de acção de 3 ou 4 veres superiores ás possibilidades de resistência dos republicanos, desorganizados desmoralizados, devido ás divergências de opinião entre os estados-maiores. Constituiu-se uma junta provisória em Madrid, cujo comando supremo o general Miaja — o melhor dos chefes republicanos—teria assumido, mas o estado de coisas assinalado por Azaña, na sua carta de demissão, oferece muito poucas probabilidades de ser modificado a favor dos governamentais, sem governo regular.»

Campeonato Nacional de Futebol

(1.ª Divisão)

GUIMARÃES-BENFICA

DOMINGO, 16 DE MARÇO

A C P organiza, em colaboração com o Sport Lisboa e Benfica, um comboio especial de Lisboa a Guimarães e volta, no dia 16 de Março, por ocasião do desafio de futebol «Guimarães-Benfica», ao preço de 110$00

HORARIO

Partida de Lisboa (Santa Apolónia)	1.45 h
Chegada a Guimarães	7.45 h
Partida de Guimarães	18.05 h
Chegada a Lisboa (Santa Apolónia)	0.16 h

Bilhetes á venda na Secretaria do «Sport Lisboa e Benfica» e nas estações de Lisboa (Rossio) e Lisboa (Santa Apolónia)

ANDAR

ALUGA-SE

Com 400 m2 em 2 grandes salões. Serve para qualquer ramo. Em prédio com elevador. Rua dos Fanqueiros, 156 — (chave nas lojas) — Telef. 324350.

LUSTRES

de sonho para a sua casa. Fábrica Av. 5 de Outubro 203 r/c., E — Telefone 77 16 39 (Ao Campo Pequeno)

Em MAFRA o «DIÁRIO DE LISBOA» vende-se no Café e Cervejaria Sabino Faria, 18-A.

CCN companhia colonial de navegação

PARTIDAS	DESTINOS

LINHA DE ÁFRICA

«VERA CRUZ» a sair em 6 de Março ás 16 horas	Com escala por LAS PALMAS, para: LUANDA e LOBITO.
«LUGELA» a sair em 10 de Março	Com escala por LEIXÕES, para: PRINCIPE, S. TOMÉ, LUANDA, PORTO AMBOIM, LOBITO, MOÇAMEDES e PORTO ALEXANDRE (se necessário) Carrega de 6 a 9 de Março
«PORTO» a sair em 18 de Março	Com escala por LEIXÕES, para: S. TOMÉ (se necessário), LUANDA, LOBITO, MOÇAMEDES, LOURENÇO MARQUES, BEIRA, MOÇAMBIQUE, NACALA e PORTO AMELIA (se necessário). Carrega de 11 a 16 de Março
«UIGE» a sair em 26 de Março ás 16 horas	Com escala prévia por LEIXÕES, para: LAS PALMAS, CABINDA, LUANDA, LOBITO e MOÇAMEDES. Carrega de 16 a 20 de Março

LINHA DA AMÉRICA CENTRAL

«SANTA MARIA» a sair em 19 de Março ás 18 horas	Com escala por VIGO e FUNCHAL, para: TENERIFE, LA GUAIRA, CURAÇAU e PORT EVERGLADES (MIAMI).

Chama-se a atenção dos Senhores Passageiros para o que está regulamentado sobre o transporte de bagagens

LISBOA — Rua de S. Julião, 63 — Tel. 369621/8
PORTO — Rua Infante D. Henriques, 9 — Tel. 23342

Grandes prejuízos nos laranjais nas várzeas do Belixe

CASTRO MARIM, 4 — As várzeas a jusante da Ribeira do Belixe, a poucos quilómetros desta vila encontram-se em completo estado de devastação devido aos destroços arrastados pelas águas daquele curso de água.

O facto deve-se à falta de construção de um muro de suporte capaz de impôr á corrente de água o seu curso normal pelo leito da ribeira. Assim as águas transbordam para as várzeas nas respectivas margens provocando grandes estragos nos laranjais ali existentes, dos mais ricos do concelho.

Os proprietários, alarmados aguardam que os Serviços Hidráulicos do Guadiana se debrucem sobre o assunto encomendando a solução que se impõe para evitar maiores prejuízos.

O tempo e as culturas

As culturas hortícolas e os arrozais encontram-se em estado satisfatório. As chuvas continuam a prejudicar as searas e o bom andamento dos trabalhos agrícolas.

Fizeram-se mondas algumas poças empas, escavas e retanchas nas vinhas surribas, adubações, plantações de batata tratamentos fitossanitários etc.

139.º ANIVERSÁRIO DO NASCIMENTO DE JOÃO DE DEUS

MESSINES, 4 — Várias cerimónias assinalarão aqui, no próximo sábado a passagem do 139.º aniversário do nascimento ocorrido nesta localidade do poeta e pedagogo João de Deus. Do programa constam: às 13 horas, bodo às crianças das escolas; às 16 concentração no largo da Igreja para a romagem ao monumento ao poeta; às 17 sessão solene na Junta de Freguesia presidida pelo governador civil do distrito, durante a qual serão entregues os prémios escolares atribuídos pela Casa do Povo local; e às 18 horas «lanches» de confraternização em que colabora o Rancho Folclórico de Aite.

DE MUNIQUE A FÁTIMA A PÉ

COIMBRA, 4

Chegou a esta cidade o padre Alfredo Winkler, superior da Congregação de Santa Cruz, que veio a pé de Munique em direcção a Fátima, sendo portador de álbuns com referências de diversas autoridades eclesiásticas civis e militares dos vários pontos do seu percurso.

Esse material e outro que tem reunido servirá para um livro documentando a sua peregrinação efectuada em cumprimento de uma promessa feita, quando ainda jóvem, ao fugir com seus pais da Alemanha Oriental para a Ocidental. Aqueles morreram vitimados pela explosão deu ma mina.

Associação dos Antigos Estudantes

Reuniu-se a assembleia geral da Associação dos Antigos Estudantes de Coimbra que aprovou o relatório e contas da gerência de 1968 e apreciou o programa da direcção para o corrente ano lectivo.

Uma placa — que se vê na gravura — avisa os automobilistas que se encontra vedada ao transito a unica variante para o escoamento do tráfego das Avenidas da India e 24 de Julho, nas horas de ponta. Trata-se da Rua de Cintura do Porto de Lisboa — da qual o troço entre Cais do Sodré e Santos já estivera fechado — encontra-se agora impedida a partir de Santos. Segundo informa a placa, as obras previstas na artéria estarão terminadas até ao dia 10 de Abril. Entretanto, como não se vêem operários no troço, dá ideia de que ainda não começaram os trabalhos. A situação causa grandes incómodos, como se compreende, e devia ser resolvida com a maior brevidade

Quatro amigos de noite para um negócio

PERO PINHEIRO, 4 — Quatro amigos muito amigos, todos solteiros e residentes na zona do Sabugo, Vale de Lobos, tinham um negócio nocturno a que o comandante do posto local da G. N. R. pôs agora termo, entregando-os ao tribunal da comarca de Sintra. Especialidade do grupo: assaltos a horas mortas..

Foi assim que esquadrinharam a propriedade rustica (Quinta de S. José) do prof. Pedro Soares Martinez, antigo ministro da Saude de onde levaram ouro, prata, candeeiros, roupas e mesmo canalização, arrancada com mestria das casas de banho.

A «falência» dos sócios está á vista. São eles Américo Domingos Gairão, o «Mofarre», de 35 anos, natural de Santa Eulália, Mafra; João Bernardino, o «Miragaia», de 37 (Sabugo); Alberto Lemos o «Moleiro», de 35 (A-da-Beja); e Aníbal Manuel Martins Moreira, o «Espanhol», de 32 (Sabugo).

Novo comandante da III Região Militar

ÉVORA, 4 — Tomou posse, esta tarde, do comando da III Região Militar o sr. general Fernando Louro Sousa.

A posse foi-lhe conferida pelo brigadeiro Leote Cavaco, que interinamente tem vindo a exercer aquelas funções.

Bolsa de Lisboa

FUNDOS DO ESTADO	Efec	Compra	Venda
Consolidado 3%	52$	$21	22
Consolidado 3 1/2%	540$	—	540$
Consolidado 2 3/4%	—	640$	650$
Centenários 4%	1 490$	485$	500$
Obrigs Tesouro 5%	1.003$	001$	004$
Externo 1.ª Série	—	590$	600$
Externo 2.ª Série e	—	680$	700$
Externo 3.ª Série	750$	750$	800$
Externo 3.ª Série e	—	880$	—
Cautela 1.ª Série	—	80$	700$
OBRIGAÇÕES			
Aguas Lisboa 5%	—	467$	490$
A P L 5% 56	—	—	950$
A P L 5% 58	—	—	960$
E P 4 1/2% 65	—	—	930$
E P 5 1/2% 67	—	1 030$	1 050$
C U F 5%	—	1 020$	1 040$
C U F 6% 68	1 013$	0 $	0 $
Gás Electr 4% 48	—	835$	—
Gás Electr 4 1/2% 51	—	83 $	9 $
Gás Electr 5% 57	—	901$	
Gás Electr 5% 58	—	920$	
Gás Electr 5% 59	—	920$	
Gás Electr 5% 62	—	900$	
Gás Electr 5% 63	—	900$	
Gás Electr 5% 65	—	900$	
Gás Electr 5% 67	—	0 $	
H E A Alentejo 5%	—	830$	9 $
H E Cávado 5%	—	94 $	950$
H E Cávado 6%	998$	—	999$
H E Douro 5%	—	84 $	950$
H E Douro 6%	998$	99 $	999$
H E Norte Port 5%	—	—	—
H E S Estrela 6%	—	000$	—
H E Zêzere 5% 55	—	—	96 $
H E Zêzere 5% 57	—	82 $	—
Lisnave 6%	—	007$	
Metropolitano 4%	—	970$	
Metropolitano 5 3/4%	—	—	—
Mocambique 5%	—	750$	—
Nac Electr 5%	870$	96 $	870$
Nitratos 5%	—	8 00$	—
Nitratos 5% 60	—	8 00$	—
Petroquimica 5%	—	900$	—
Port Celul 5%	—	—	—
Sacor 5% 54	—	930$	—
Sacor 5% 60	915$	900$	915$
Siderurgia 5% 2.ª	—	830$	—
Siderurgia 5% 3.ª	—	825$	—
Siderurgia 5% 4.ª	—	810$	—
Sonete 5%	—	830$	930$
T A P 4%	—	930$	—
Termoelect Port 5%	—	850$	—
U E P 3 3/4%	—	82$	—
U E P 4%	—	84$	—
U E P 4 1/2%	—	87$	—
U E P 5%	—	83$	83$
U E P 5% 60	840$	—	840$
U E P 5% 63	—	—	—
A C Ç Õ E S			
Bancos			
Agricultura	975$	97 $	980$
Alentejo	—	660$	675$
Angola	1.780$	1 770$	—
Burnay	—	—	—
Créd Predial	—	1 880$	1.900$
E Santo	—	—	—
E Santo n	—	—	—
Fonsecas S p	—	13 100$	13 250$
L G Açores p	—	4 000$	4 100$
L G Açores n	—	3.950$	4 000$
P Atlântico p	—	—	—
Portugal n	—	2 350$	2 400$
Portugal p	—	—	2 830$
Totta Alianço	4 800$	—	4 850$
Ultramarino n	1.630$	1 610$	1 640$
Ultramarino p	1.830$	1 820$	1 840$
Seguros			
Alentejo	70$	65$	74$
Douro	—	—	980$
Mundial	480$	475$	480$
Sagres	—	1 100$	—
Tranquilidade	—	40 000$	45 000$
Ultramarino	—	8 500$	—
Ultramarinas			
Açúcar de Angola	—	750$	770$
Ag Cassequel	—	580$	590$
Ag Incomalt	—	—	—
Ag Neves	—	200$	250$
Ag S Tomé e Principe	260$	260$	270$
Barca	—	—	250$
Buri	—	80$	93$
Cabinda	66$	66$	67$

Ultramarinas	Efec	Compra	Venda
Diamantes Angola	1 360$	360$	1 365$
H E Revué	—	580$	600$
Ilha do Principe	800$	780$	850$
Moçambique	—	75$	80$
Sonete n	—	—	—
Sonete p	357$	351$	354$
Zambéz a	—	52$5	53$
C. Diversas			
Cidla	7 000$	6 950$	—
Cim Leiria	—	2 500$	2 750$
Cim Tejo	—	3 500$	4 000$
Co Navegação	—	—	—
C U F	1 030$	1 030$	1.040$
Ind Aliança	—	—	700$
Nac Navegação	1 750$	1 730$	800$
Petroquimica	—	—	—
Port e Colónias	1 230$	225$	1 235$
Port Celulose	—	—	3 300$
Port Pesca	—	650$	700$
Port Tabacos	—	506$	516$
Sacor	4 780$	4 750$	4 780$
Seguros e Nac	165$	1 160$	1 190$
Socel	—	2 150$	2 180$
Tabacos de Portugal	—	850$	900$
Tabaqueira	0 900$	0 900$	1 000$
U F Azoto	715$	71 $	7 8
Aguas Electr e Gás			
Aguas Lisboa p	—	390$	398$
Aguas Lisboa 34	—	405$	415$
Aguas Lisboa 36	—	395$	—
Elect Beiras	1 520$	510$	1 530$
Gás Electr	388$	387$	388$
H E Alto Alentejo	60$	58$	60$
H E Cávado	270$	270$	275$
H E Douro	257$	257$	—
H E Norte Portugal	—	305$	—
H E S Estrela	—	700$	800$
H E Zêzere	330$	330$	1 345$
Nac Electricidade	340$	335$	1 340$
Termoeléctr Port	—	1 340$	1 350$
U E P	95$	194$	195$
FUNDOS DE INVESTIMENTO			
F I Atlântico	—	156$3	161$
F I D E S	—	105$2	108$4

INDICE BORGES & IRMÃO

COTAÇÃO DAS ACÇÕES (Base Dez 65 100)

	25/2/69	3/3/69	4/3/69
GERAL	111,6	111,2	111,0
METROP.	109,2	109,0	108,7
ULTRAM.	129,6	127,5	127,7

PAISES	Compras	Vendas
Africa do Sul — Rands	36$50	39$00
América		
— Dollars de 1 e 2	28$20	28$60
— Dóllars de 5 a 1000	28$40	28$80
Canadá — Dollar	26$30	26$80
Alemanha — Marco	7$02	7$22
Austria — Schilling	1$08	1$15
Brasil — Cruzeiro Novo	5$50	7$50
Espanha — Peseta	$39,7	$41,2
Holanda — Florim	7$78	8$03
Inglaterra — Libra	67$50	69$50
Itália — Lira	$04.45	$04,65
Marrocos — Dirham	4$75	5$25
Bélgica — Franco	$53,5	$56,5
França — Franco	5$35	5$75
Suiça — Franco	6$55	6$75
Dinamarca — Coroa	3$65	4$00
Noruega — Coroa	3$80	4$10
Suécia — Coroa	5$40	5$70
Ouro:		
Inglaterra—Libra Isabe	323$00	338$00
Inglaterra — 1/2 Libra	363$00	378$00
Ouro fino — Barra	39$20	40$70

J. BURNAY, L.
RUA DO OURO, 78
DA Notas estrangeiras
Papéis de crédito
Tel. 321278

CAÍU NUM CHARCO E MORREU

SETUBAL, 4. — Foi encontrado num charco formado por água da chuva, no sítio do Peixe Frito, desta cidade, o pequeno Afonso Manuel Simões, de 9 anos, residente com seus pais, srs. Manuel Simões e Maria Helena Capitão, no sítio do Pote de Água. Conduzido ainda com vida ao hospital, chegou ali já morto.

Ao brincar no local, caiu no charco.

INFANTE D. HENRIQUE E GAGO COUTINHO – evocados esta noite na Sociedade de Geografia

Na Sociedade de Geografia, efectua-se esta noite, pelas 21 e 30, uma sessão comemorativa para assinalar o dia do nascimento do Infante D. Henrique.

Presidirá o ministro de Estado, assistindo o secretário de Estado da Aeronáutica; o chefe do Estado-Maior da Armada; o presidente da Sociedade de Geografia, prof. Adriano Moreira; o presidente da comissão Infante D. Henrique, almirante Sarmento Rodrigues, e outras individualidades.

O escritor académico Costa Brochado proferirá uma conferência sobre «O Infante D. Henrique e Gago Coutinho».

ACTIVIDADES DA C.O.P.R.A.I.

Amanhã, inicia-se na Associação Industrial Portuguesa o curso sobre «Preparação de Agentes de Estudo de Trabalho» orientando pelo sr. engº P. Reis Santos e promovido pela COPRAI — Comissão de Produtividade da Associação.

O curso, que terá a duração de 48 horas, prolonga-se até ao dia 14 e tem como objectivo «a análise e simplificação dos métodos de trabalho a preparação de postos de trabalho e a adaptação de máquinas e equipamentos ao homem.»

Depois de amanhã, ás 21 horas, realiza-se a 7.ª jornada da série «Informática», sobre o tema «Os meios de tratamento automático da informação na gestão administrativa de vendas», animada pelo sr. dr. Manuel Alegria.

NOVO VICE-PRESIDENTE DA CÂMARA DE ESPINHO

ESPINHO, 4. — Foi empossado no cargo de vice-presidente da Câmara Municipal de Espinho o industrial desta vila, sr. Manuel de Oliveira Violas.

A posse foi-lhe conferida no edifício dos Paços do Concelho pelo Governador Civil de Aveiro, que, para esse fim, se deslocou expressamente a esta vila.

O VOO DAS AVES

Apareceu no quintal do agente do «Diário de Lisboa» em Estoi um pombo-correio com anilha do Porto, de penas castanhas e cauda branca. O animal trazia a seguinte mensagem numa das patas: «Bom Dia-Sol e Vento Fraco Noroeste — Partida 10 e 45 — Lourenço».

O proprietário do animal poderá reavê-lo telefonando para o nosso agente Francisco Queimado, telef. 91195, em Estoi.

AZINHAGAS VEDADAS AO TRÂNSITO

Para se proceder á instalação do ramal abastecedor de marcos fontanários, vão ser vedadas por troços ao trânsito de veículos as Azinhagas das Terezinhas e da Flamenga, desde o Colégio Valsassina até ao Pátio do Jaime, por um período de 90 dias a partir de amanhã.

Continua a monte o raptor de Lagoa das Talas

SANTARÉM, 4. — Continua a monte na Serra de Valverde, o homem que raptou uma menor anteontem, em Lagoa das Talas, Alcobaça, o qual ontem á noite feriu gravemente o sr. Abel Martins Rodrigues, quando tentava (com êxito) escapar á Polícia, que o cercava na residência da irmã, em Vale Verde, Alcanede. A raptada, de 14 anos de idade, foi nessa altura recuperada e entregue á família, mas o raptor José Raimundo de seu nome e de 42 anos de idade, aproveitou a confusão e fugiu. A G. N. R. de Santarém persegue o fugitivo activamente. Este fora empregado dos pais da menor que raptou.

AGRINCO

SOCIEDADE COOPERADORA DE AGRICULTURA, INDÚSTRIA E COMÉRCIO, S. A. R. L.

Capital: Escudos 15 000 000$00

Rua de Filipe Folque, 7, 3.º - Esquerdo — LISBOA

ASSEMBLEIA GERAL ORDINÁRIA

São convocados os Senhores Accionistas para se reunirem em Assembleia Geral Ordinária, na CASA DAS BEIRAS, Av. Almirante Reis,, 256-1.º, desta Cidade, no dia 15 de Março do corrente anos, pelas 15 horas, com a seguinte ordem de trabalhos:

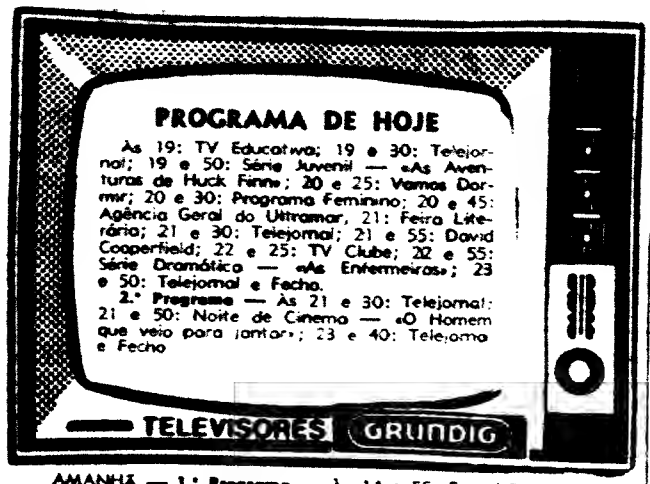
— Apreciarem e resolverem sobre os «Relatório e Contas» do Conselho de Administração e «Parecer» do Conselho Fiscal.

No caso de falta de representação na data indicada, a Assembleia Geral reunirá, em 2.ª convocação, pelas 15 horas do dia 31 de Março do corrente ano.

Lisboa, 12 de Fevereiro de 1969.

O PRESIDENTE DA ASSEMBLEIA GERAL

(a) *Olympio Duarte Alves*



AMANHÃ — **1.º Programa** — Às 14 e 55: Eurovisão — Futebol. Transmissão directa do jogo Benfica-Ajax; 16 e 50: Eurovisão: — «Projecto Apollo»—Imagens directas da cápsula «Apollo 9»; 17 e 25: Ciclo Preparatório TV; 19: TV Educativa; 19 e 30: Telejornal; 19 e 50: Quarto dos Brinquedos; 20 e 20: Vamos Dormir; 20 e 30: Programa Feminino; 20 e 45: Desporto em Câmara Lenta; 21: Notícia das Artes Plásticas; 21 e 30: Telejornal; 21 e 55: Futebol, 23 e 45: Telejornal; 23 e 50: Meditação e Fecho.

2.º Programa — As 21 e 30: Telejornal, 21 e 50: Folhetim — «O Cavaleiro Tempestade»; 22 e 15: Notícia do Espectáculo. 22 e 40: Série Policial «Porta 77», 23 e 30: Telejornal e Fecho

Rádio

PROGRAMAS DE HOJE

EMISSORA — 1.º Programa — 451 m — 665 kc/s — Às 16: Noticiário; 16 e 05: Canconetas por Sylvie Vartan; 16 e 15: Tradições, costumes e turismo dos Açores, pelo dr Correiro da Costa — «Cultura Açoriana do Século XVII»; 16 e 30: Roteiro Musical Português; 17: Ginástica de Pausa, pelo dr Marques Pereira; Roteiro Musical Português; 18 e 10: «As Grandes Figuras do Mundo Português, pelo dr. Manuel Caldeira; 18 e 40: Conjuntos instrumentais; 19 e 50: Musica só musica; 20: Diário sonoro; 20 e 20: Um solista... Uma orquestra; 20 e 40: 1.º Episódio do Folhetim «A História da Cruz»; 21: Jornal de Actualidades; 21 e 30: Melodias pela orquestra Duke Ellington; 21 e 40: Tempo de Jazz, por Raul Calado; 22 e 10: Espectáculo, magazine de teatro, Cinema e Bailado; 22 e 30: Fados, por Maria do Rosário Bettencourt; 22 e 50: A orquestra Heinz Buchold; 23 e 05: Programa da noite; 1: Fecho.

2.º Programa — 397 m — 755 kc/s — Às 15 e 42: Musica sintónica; 16 e 37: Octeto em mi bemol maior, op 103 (Beethoven) — Octeto do Festival de Malbore, dirigido por Marcel Moyse; 17: Discos raros — «Amores de Poeta»—ciclo sobre poemas de Heine (Schumann) — solistas; 17 e 25: Perspectivas da obra instrumental de Francis Poulenc; 18 e 30: Música de Piano 19: Musica coral sinfónica — Obras de Mozart; 19 e 30: Musica de camara — Concerto; 20: Diário sonoro; 20 e 20: Musica de arco; 20 e 30: Musica coral instrumental comentado por Maria Helena de Freitas «Salmo Hungaro» e «Te Deum» (Kodaly); 23: A voz do Ocidente; 1 e 15: Fecho.

2.º Programa (Cultural MF 2) —94,3 mc/s — 23: Musica portuguesa; 0 h.: Canções — pelo soprano Jo Vicent — Obras de Beethoven, Schubert, Schumann, Tschaikowsky, Grieg; 0 e 15: Ciclo «A Sonata» — «Os Mestres de Viena»; 1: Fecho.

RÁDIO UNIVERSIDADE—451 m — 665 kc/s — Às 19 e 10: Rádio Universidade.

RÁDIO CLUBE — 290,13 m — 1034 kc/s — Às 16: Programa C. D. C.; 18: Ela e o seu mundo; 18 e 15: Momento texentel; 18 e 30: Lisboa á tarde; 19 e 15: No mundo aconteceu; 19 e 30: Rádio-Jornal; 20: Nota de abertura e noticiário;; 20 e 07: Um conjunto famoso; 20 e 15: A estrela do dia; 20 e 30: Jornal dos espectáculos; 20 e 45: A grande orquestra de...; 21 e 03: Hora alemã; 21 e 32: Impacto; 22 e 30: Quando o telefone toca; 23 e 08: Grande rodo; 0 e 02: «P. B. X.»; 2: Contacto; 3 e 02: A noite é nossa; 6 e 02: Diário rural: 7 e 03: Talismã.

Modulação de frequência—97,4 mc/s — Às 16 e 04: Programa C. D. C.; 17 57: O nosso programa; 19 e 04: Em órbita; 21 e 02: Boa noite em FM; 22 e 02: Programa á Gá-Gó; 0 e 02: Alta Fidelidade Philips; 1 e 03: Banda sonora; 2. FM-67 e Fecho.

Emissor de Miramar — 283,6 m — 782 kc/s. — Programa C.D.C.; 16: Depois do chá; 16 e 30: Ela e o seu mundo; 18 e 45: «Matinée» teatral; 19 e 03: Miscelânea; 19 e 17: Brasil; 19 e 30: Rubbiolac; 19 e 45: Conjuntos de ritmo; 20 e 07: Rádio Placard; 20 e 21: Norte dia e dia; 21 e 05: Cabina de escuta; 21 e 15: Só-Rádio; 21 e 30: Musica para meditar; 21 e 45: Mundo Rádio; 22 e 04: O Santo; 22 e 15: Ritmos; 22 e 30: Presença coimbrã; 23 e 04: Clube da Juventude.

RÁDIO RENASCENÇA—233,2 m 1286 kc/s. — Às 16: Radiorama; 16: Orquestra de Joaquim Luís Gomes; 18 e 30: Terço e bênção da Basílica dos Mártires; 19 e 05: Musica seleccionada; 19 e 30: Página 1; 20 e 55: Meditando; 21: Variedades; 21 e 30: Os nossos artistas; 2 e 45: Melodias; 22: Quando o telefone toca; 22 e 30: Pentagrama; 22 e 45: Musica variada; 23: A 23.ª hora; 2: Fecho.

Estação do Porto — 256,6 m — 1169 kc/s — Às 16: Radiorama; 18: O Quarto de Hora Infantil; 18,30: Terço da Basílica dos Mártires, em Lisboa; 19 e 05: Musica Seleccionada; 19 e 30: Página um»; 20 e 55: Meditando; 21: Mosaico, 21 e 30: Chamadas Musicais; 22: A Musica é Boa Companhia; 23; A 23.ª Hora; 2: Fecho.

EMISSORES ASSOCIADOS DE LISBOA — Onda média — 188 m 1594 kc/s — 94,4 mc/s — **Rádio Peninsular** — Das 7 ás 8 e das 19 e 30 ás 22: **Clube Radiofónico de Portugal** — Das 12 ás 14 e 30: e das 17 ás 19 e 30; **Rádio Voz de Lisboa** — Das 8 ás 10 e das 14 e 30 ás 17; **Rádio Graça** — Das 10 ás 12 e das 22 ás 2.

TV dia a dia

HOJE PODE VER...

«HUCK-FINN»:
AVENTURAS E DESENHOS ANIMADOS

AS MAIS EXTRAORDINARIAS aventuras continuam a desafiar os três heróis criados por MARK TWAYN.

Numa feliz combinação de desenhos animados e imagem real esta série juvenil prende a atenção de telespectadores de todas as idades.

Pelas 19 e 50, temos em «HUCK FINN» MICHAEL SEA, LUANN HASCAN e KEVIN SCHULTZ vivendo as aventuras de Huck-Finn e seus companheiros.

FEIRA LITERÁRIA

CERCA DAS 21 HORAS surge nos pequenos «écrans» a rubrica de actualidades literárias denominada « FEIRA

Eugénio de Castro, Defesa da Língua Portuguesa, Albert Camus, e Uma nota sobre Cecília Meireles.

AS ENFERMEIRAS:
DOUTORA LILLIAN

CERCA DAS 22 e 55 é transmitido mais um episódio da série «AS ENFERMEIAS» com LINA BETHINE, VIRGINIA GICMORE, LONNY CHAPMAN, ROY POOLE e JOHN BEAL. Este intitula-se «DOUTORA LILLIAN».

«Após um garoto lhe morrer nas mãos, a dra. Lillian abandona a cirurgia por dois anos, assim como o seu noivo, o dr. CAMPBELL. Reaparece mais tarde num hospital, onde por acaso, também trabalha CAMPBELL. Apesar de ser cirurgiã, a dra. Lillian recusa-se a operar. Ela tem no dr. MEHLI um inimigo declarado, pois aquele não aceita uma mulher médica e muito menos na cirurgia. Cansada de lutar contra si e contra os outros ela pede a demissão. Mas surge uma operação de emergência e a dra. LILLIAN vê-se obrigada a operar...»

ADRIANO GONÇALVES — BANA —, de novo na R. T. P.

2.º PROGRAMA
NOITE DE CINEMA

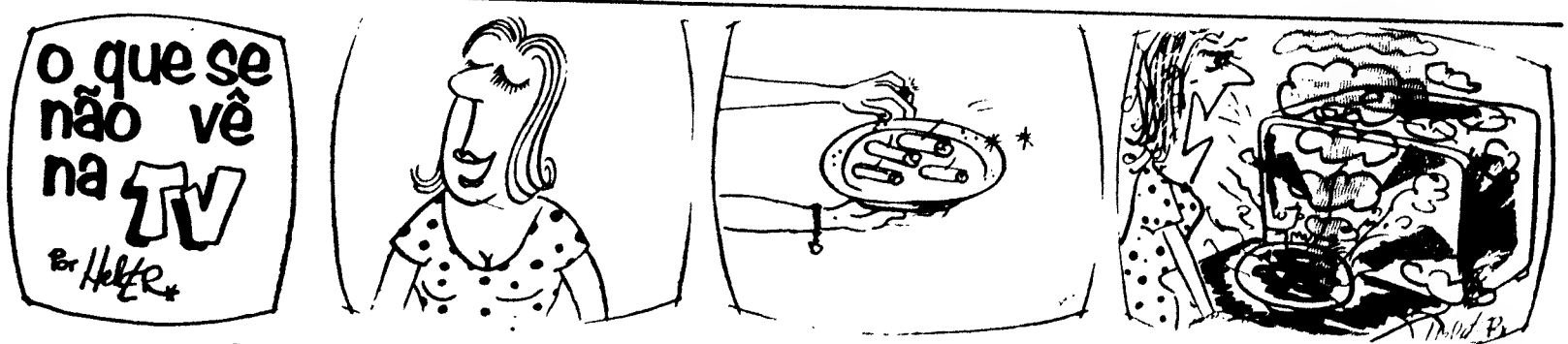
O 2.º PROGRAMA apresenta hoje, a partir das 21 e 50, a rubrica «Noite de Cinema» que preenche a sua emissão.

É exibido o filme «O homem que veio para jantar», que reúne alguns dos melhores actores de Hollywood dos anos 40 e que foram ídolos da juventude americana de então.

Bette Davis, Ann Sheridan, Monte Wooley, que há semanas admirámos no filmes biográfico de «Cole Porter», e Jimmy Durant, grande actor até no nariz, são os intérpretes de «O homem que veio para jantar».

TV CLUBE COM BANA

NO «TV CLUBE» desta noite, pelas 22 e 25, serão apresentadas canções cabo-verdianas pelo folclorista Bana. Nascido em São Vicente (Cabo Verde), Adriano Gonçalves (Bana) cedo se sentiu atraído pelo folclore, ao qual se dedicou inteiramente. Bana tem actuado em vários países sempre com assinalado êxito, e na Holanda a sua permanência tem sido bastante demorada e sempre aplaudida. Nesta sua segunda actuação na R. T. P., Bana interpretará novas coladeras do seu repertório.



ELES ADORAM OS ROLINHOS DE PEIXE... PÕEM-SE 30 MINUTOS NO FORNO E FICAM QUE SÃO UM REGALO!

canal da crítica

A INTUIÇÃO, A EXPERIÊNCIA, A PALAVRA SÁBIA

Edu Lobo: o nome que não pode ficar esquecido quando se fala da música moderna brasileira. «Discorama», produção de Dinis de Abreu e Carlos Cruz fez que a presença breve de Edu Lobo se prolongasse, conquistasse o público vasto que merece. Estamos talvez muito perto da rubrica para lhe sentir os efeitos. A meditação que «Discorama» sugere virá, com o tempo, a conhecer toda a sua amplitude e a inscrever todo o seu peso na discussão do comportamento da Televisão na construção ou na destruição do artista.

Este «Discorama» (televisivamente válido pela montagem de Maria Beatriz) transformou-se, pois, numa das emissões mais importantes dos últimos tempos nos múltiplos aspectos do conhecimento da personalidade de Edu Lobo, da sua qualidade de criador e de intérprete e na avaliação da posição do artista perante o fenómeno do seu tempo.

Como intérprete ficou amplamente demonstrado que Edu não pesa quanto pesa em criador de musica. Não digo que seja de rejeitar. Apenas o criador de «Arrastão» não interpreta tão bem «Arrastão» como Elis Regina, por exemplo. O fenómeno nem sequer é isolado, com Boris Vian sucede exactamente o mesmo. E com os poetas nem se fala. Raros são os que como António Boto ou Ievtuchenko, interpretam os seus poemas em termos de valer a pena ouvir. Com Pablo Neruda, Torga, Régio, etc. (Garcia de Orta está aqui a lembrar-me que Luís Vaz dizia os seus poemas apaixonadamente, mas a Televisão Portuguesa esqueceu-se lamentàvelmente de registar a sua voz) a gravação tem um valor estimativo de adesão ao nível da simpatia humana. Não será esse com exactidão o caso de Edu Lobo. Importa salientar que não seria nunca como intérprete que ele permaneceria.

Por outro lado, para ser artista não basta apenas inspiração, intuição. Há que possuir toda uma experiência vivida, há que estar munido de uma cultura sólida, há que assumir responsabilidades, há que saber em determinada conjuntura aquilo que a História exige de nós.

Ouçamo-lo:

«Fazer arte é isso também, principalmente isso, dar a visão do mundo em que você vive, e das coisas que acontecem no mundo em que você vive. Se as situações se transformam é preciso mostrar, pela musica, que as situações se transformam.»

O sucesso, os festivais, os «hit parades», o disco, a Rádio, a Televisão, etc., foram

(Continua na página seguinte)

J. PIMENTA S.A.R.L.

ANDARES

AMADORA
FRENTE À ESTAÇÃO DO C. F.
E
REBOLEIRA

PAÇO D'ARCOS
ESPARGAL
LINDA VISTA DO MAR

LINHAS DE SINTRA E CASCAIS
ESPECIALMENTE AMADORA, VENDA NOVA E PAÇO D'ARCOS

Apartamentos Mobilados

190 CONTOS RENDEM-LHE 1.187$50 MENSAIS

Garantido no acto da escritura por 12 anos, pago directamente onde o cliente indicar.
Ao cliente é facultado o direito de habitar ou administrar directamente.

ARMAZÉNS E GARAGEM DE RECOLHA
REBOLEIRA E VENDA NOVA — VENDA OU ALUGUER

Só vendemos propriedades próprias, construídas pela nossa organização.
Informe-se nos nossos escritórios porque só nós poderemos dar esclarecimentos certos e honestos

LISBOA: Rua Conde Redondo, 53, 4.º, Esquerdo — Telefones 4 58 43 - 4 78 43
QUELUZ: Rua D. Maria I, 30 — Telefones 95 20 21/22
REBOLEIRA: Amadora — Serviço Permanente — Telefone 93 36 70

Comenda de Mérito Industrial

Os srs. dr. Miguel Cocco e A. Diogo Bravo foram agraciados com a Comenda de Mérito Industrial como reconhecimento público pela sua relevante actividade na indústria farmacêutica.

Os homenageados, administradores de dois dos mais importantes Laboratórios nacionais — Instituto Luso-Fármaco e Medicamenta S. A. R. L. — receberão as insígnias com que foram distinguidos, numa cerimónia oficial a realizar dentro de dias.

SOCIEDADE DA MATINHA

Foram eleitos os corpos gerentes da Sociedade da Matinha, agremiação centenária com sede no Largo do Intendente Pina Manique, 52, 2.º. Presidem á assembleia geral, á direcção e ao conselho fiscal, respectivamente, os srs. Delmiro Rodrigues Garcia, José António de Oliveira Cordeiro e Mário Abrantes.

canal da crítica

(Continuação da pág. anterior)

outros tantos motivos de discussão na entrevista do grande músico brasileiro. Santo que, chegados a este ponto, nada melhor há a fazer do que transcrever as sábias palavras de Edu Lobo:

«Toda a música tem uma parte de comercialismo e é natural que tenha. O que eu acho, em relação á música moderna brasileira, não existe a parte comercial á frente da parte artística. Todo o mundo que faz uma canção gosta de ver sua canção ser tocada e fazer sucesso. Aqora, isso, é perigoso na medida em que você fica condicionado a esse sucesso, você realmente vai fazer coisas para esse sucesso, você vai pensar que poderá dominar a máquina, quando na verdade você vai ser dominado por ela. Um sujeito que consegue um sucesso estrondoso dentro de todo um mecanismo de televisão ou de rádio, enfim, da máquina total, e se consegue ser o número um, ele é o maior escravo dessa máquina que o inventou e ele. Ele pode ser afastado e outro e outros ocuparão o seu lugar. Na medida em que você trabalha sem estar esmagado por essa máquina você está livre perfeitamente para fazer o que você quer.

Mas, claro, querendo muito que a sua música funcione e que as coisas aconteçam muito bem e façam sucesso porque é isso o que todo o mundo quer. Mas o sucesso não é assim uma coisa tão primordial, tão obrigatória, que motive ou que estimule uma certa melodia, que a transforme numa pastilha que as pessoas possam tomar tranquilamente, que prejudique o trabalho que é, na verdade, o mais importante.»

Edu Lobo um jovem com uma grande experiência, a transmitir. «Desenredo» lançou, ontem, mais uma importante conta no seu activo. Oxalá (e) cessem a ouvir-lo certos autores cantados e comentadores.

Entretanto, ela ficava a saber-lo e a pensar quando estarão criadas entre nós condições para o florescimento dos Jobins, dos Lobos, dos Powells... Sim, porque o nosso povo não é menos que outros.

A NOITE, HÁ SERÃO...

«Vidocq» vai-se. Vocês não acham? Vidocq descobriu os assassinos servindo-se da cabeleira. Vidocq, o penitenciário, autor de duzentas e tal fugas, oprimido da justiça começa a transformar-se em defensor da justiça.

O mal está em que, em relação a ele, continuam a usar de injustiças, pelo menos na Televisão portuguesa. Os episódios sucedem-se de maneira, com tal irregularidade que uma pessoa já não se lembra como foi no último. Assim não vale. Com o Rinaldi é diferente: chapa ganha, chapa batida, aos domingos. E olhem que popularmente Vidocq tinha talvez mais condições para agradar.

A «Expedição» que veio logo a seguir ao «Telejornal» foi de grande tranquilidade. O mar, muito mar, as ondas a correr, a transbordar do «ecran», as aves, a transparência do ar, a dureza confiante das rochas. Nem o estrebuchar dos peixes quebrou a placidez do documentário. Não se sabe por que estranha lei, todos os seres nos merecem piedade, menos os peixes. Vê-los morrer é, para os nossos olhos, se não uma festa, pelo menos uma indiferença.

Com «Auditório» se fechou a noite Mozart, Yehudi, Menuhin. Explicações de Filipe de Sousa, como sempre a trabalhar com rede. Compreendo-o. Perdoo-lhe. Aliás, quando chega a meia-noite compreendo e perdoo tudo.

FERGUSON
A GRANDE MARCA BRITÂNICA DE TV

UNIÃO FABRIL DO AZOTO

S. A. R. L.

ASSEMBLEIA GERAL ORDINÁRIA

Convoco os Accionistas desta Empresa, a reunirem em Assembleia Geral Ordinária, na Rua das Portas de Santo Antão, n.º 89 (Edifício da Associação Comercial de Lisboa), pelas 10 horas do dia 26 de Março, com a seguinte ordem do dia:

Discutir e aprovar ou modificar o Relatório, Balanço e Contas do Conselho de Administração, Parecer do Conselho Fiscal, relativos ao Exercício de 1968.

Lisboa, 20 de Fevereiro de 1969.

O Presidente da Mesa da Assembleia Geral
P/la COMPANHIA DE SEGUROS IMPÉRIO
a) **Ricardo Corrêa Villa**

ORFINA—Sociedade Industrial de Química Orgânica, S. A. R. L.

Sede: Avenida Duque de Loulé, 86-3.º, Dt.º
LISBOA

ASSEMBLEIA GERAL ORDINÁRIA

Nos termos do n.º 2 do artº 9.º dos Estatutos, convocam-se os Senhores Accionistas para a Assembleia Geral Ordinária a realizar no dia 28 do mês de Março, pelas 15.00 horas, na sede social, com a seguinte ordem do dia:

1) Discutir, aprovar ou modificar o relatório e contas do Conselho de Administração e parecer do Conselho Fiscal, relativamente ao exercício findo em 31 de Dezembro de 1968;
2) De harmonia com as disposições estatutárias apreciação de outros elementos relativos á actividade da empresa.

Lisboa, 24 de Fevereiro de 1969.
O Vice-Presidente em Exercício da Mesa da Assembleia Geral
Manuel dos Santos Victor

Sociedade Turística da Penina, S.A.R.L.

RUA DE S. SEBASTIÃO DA PEDREIRA, 122
LISBOA
CAPITAL: 50 000 000$00

ASSEMBLEIA GERAL

De conformidade com a Lei e ao abrigo do artigo 14.º dos estatutos, convoco a Assembleia Geral desta Sociedade para reunir na Rua de S. Sebastião da Pedreira, 122, no dia 31 de Março de 1969, pelas 12 horas, a fim de:

— **Apreciar e votar o Relatório, Balanço e Contas e o parecer do Conselho Fiscal relativo ao exercício findo em 31 de Dezembro de 1968.**
— **Ratificar a substituição do membro do Conselho de Administração representante da EMAÇO — Empresa de Administração e Construções, S. A. R. L.**
— **Autorizar o Conselho de Administração a dar ao Fundo de Turismo ou a outras entidades oficiais as garantias necessárias para a realização de determinados contratos.**

Lisboa, 4 de Março de 1969

O PRESIDENTE DA ASSEMBLEIA GERAL
LUIZ DE AZEVEDO COUTINHO

ALPEDRINHA

José Augusto de Borja Falcão Tarouca

FALECEU

Fernanda Martins de Borja Falcão Tarouca, Maria do Carmo de Borja Falcão Tarouca, Elvino da Cunha Tarouca, Maria da Conceição Falcão Tarouca Falel Freire, José Orlando Falel Freire e mais família participam que foi Deus servido chamar á sua divina presença o seu querido marido, filho e irmão, cunhado e parente e que o seu funeral se realiza hoje dia 4 pelas 17 horas, saindo da igreja da Misericórdia de Alpedrinha para o cemitério local.

ATENÇÃO

A ANTIGA CASA MAX
NA RUA D. ESTEFÂNIA, 191-193,
QUE ENCERRA NO SÁBADO,
DIA 8
CONTINUA A LIQUIDAR
TODA A SUA EXISTÊNCIA
A qual consta de Algodões, Lanifícios, Cobertores, Colchas, Atoalhados de Mesa e Turcos, Panos brancos, Lingeries, Malhas interiores e exteriores, etc. etc.
TUDO POR MENOS DE METADE DO SEU VALOR

CIDLA

COMBUSTÍVEIS INDUSTRIAIS E DOMÉSTICOS

Sociedade Anónima de Responsabilidade Limitada
Sede: Praça Marquês de Pombal, n.º 1-6.º — LISBOA

Capital: 250.000.000$00

São convocados os Srs. Accionistas para se reunirem em Assembleia Geral Ordinária na sede da Sociedade, no dia 24 de Março de 1969, pelas 11 horas, a fim de:

1.º — Discutirem, aprovarem ou modificarem o Relatório e Contas do Conselho de Administração e o Parecer do Conselho Fiscal relativos ao exercício de 1968;
2.º — Procederem ás eleições para os cargos vagos na Mesa da Assembleia Geral, no Conselho de Administração e na Comissão de Fixação de Retribuições.

Não havendo número suficiente, a Assembleia reunirá em segunda convocação, pelas 12 horas do mesmo dia e no mesmo local, com os accionistas presentes.

O depósito das acções deverá ser efectuado até ao dia 13 de Março de 1969 nos cofres da Sociedade ou nos dos seguintes Bancos: Borges & Irmão, Crédit Franco-Portugais, Crédito Predial Português, Espírito Santo e Comercial de Lisboa, Fonsecas & Burnay, Lisboa & Açores, Nacional Ultramarino, Pinto & Sotto Mayor, Português do Atlântico e Totta-Aliança.

Lisboa, 26 de Fevereiro de 1969.

O 1.º Secretário da Mesa da Assembleia Geral
MÁRIO DE CASTRO AREZ

O «Diário de Lisboa» vende-se no Porto

O «Diário de Lisboa» encontra-se á venda nas tabacarias da Leça, Matosinhos, Foz, Avenida da Boavista, Carvalhosa, Carvalhido, Rotunda da Boavista, Praça Marquês de Pombal, Rua do Conde Cabral, Constituição, Praça da República, Bonfim e Antas, a partir das 19 e 30, e na Tabacaria do Bar-Restau-

DE PARIS: ONDE BENFICA E AJAX VÃO RESOLVER A QUESTÃO

JACINTO OU JOSÉ AUGUSTO — DÚVIDA DE OTTO GLÓRIA

- Ajax treina hoje em Collombes
- As bilheteiras já encerraram
- Para o Benfica, repouso absoluto

Vista de longe, Paris é cinzenta. A cidade tomou forma e cor á medida que o avião se aproximava da pista de Orly. E foi uma cidade de sol tímido — mas, sol — que recebeu a comitiva do Benfica. Seis graus de temperatura e uma previsão meteorológica simpática: tempo estável, sem ameaça de chuva ou de neve. Alívio geral — compreensível. Porque o sacrifício de Amesterdão ainda está bem vivo na memória de todos. E Paris (sempre nova e fresca, alegre e imponente) fez questão de vestir galas de festa para receber o encontro que a Rádio e Televisão consideram «o jogo do ano».

Só no Aeroporto se notou uma certa frieza e indiferença á chegada do Benfica. Alguns portugueses estavam presentes: mas não muitos, o que não deixa de se compreender dado a hora da chegada — quatro da tarde. E, em todos, uma pergunta ansiosa:

Coluna não vem? Essa, aliás, é a preocupação geral, muito especialmente de Otto Glória:

— É um jogador de grande categoria, o «mandão» da equipa, o homem ideal para um jogo com estas características. Porém temos de nos resignar e pensar sómente em jogar com os dados que possuimos. E é isso que iremos fazer.

Qual a solução prevista pelo técnico?

— Francamente, no momento, ainda não decidi — afirma-nos Otto. Jacinto ou Augusto — um deles, entrará. Mas, só decidirei depois de ver o campo, de saber mais ou menos quem joga pelo Ajax e outros pormenores. Só próximo da hora do jogo decidirei.

Mas, para lá do caso de Coluna, há outras preocupações na equipa dos campeões portugueses. Eusébio, Simões e Toni contraíram lesões contra o Sporting. O dr. Alberto Silva, porém — o médico que acompanha a equipa — acredita numa recuperação total. Entretanto, o Benfica dirigiu-se para o hotel em Versailles. Repouso absoluto: que o esforço de domingo foi dos grandes. E *há confiança, isso é inegável.*

O «capitão» previsto (José Augusto) garante:

— Conhecemos o Ajax em duas faces. Não nos deixaremos surpreender como em Lisboa.

Ora tudo isto é o que observámos no pulo entre Paris e Lisboa. O que nos dá nota de consciência das dificuldades e do próprio valor. Lições como a da Luz são duras mas aproveitam-se sempre. Otto Glória, prevenido e cauteloso; conhece os seus rapazes, sabe aquilo que lhes pode pedir e não pretende malabarismos sensacionais.

— Nenhum programa puxado para esta rápida estada em Paris. Mais repouso e calma que outra coisa.

Assim, o programa traçado só incluí um treino muito ligeiro que se efectuou esta manhã, junto ao hotel em Versailles. Depois, até á hora da partida para Colombes, nada mais que sossego. Almoço cedo, ida para o campo e dormida em Paris para, no dia seguinte (quinta-feira) se fazer o regresso a Lisboa.

Um simples plano de campanha, já que o Ajax (estamos certos) chegará e sobejará para fazer suar...

Simões, José Henrique, Eusébio, Torres e Humberto Coelho junto do autocarro que os conduziu ao hotel, em Versailles

Lesigny: uma casa holandesa a 40 km de Paris

A história do estágio do Ajax, em Paris, tem uma história, história que nos foi contada por um português que é proprietário de uma agência de viagens e, por coincidência, tratou da instalação das duas equipas, aqui em França. Neste momento, surge um tal senhor de nome Muller, de uma agência holandesa, a quem agradou sobremaneira o hotel Trianon e, entusiasmado, pelos dirigentes do Ajax, tentou á viva força afastar de lá o Benfica e colocar o seu adversário. Um pouco tarde, pois as reservas do Benfica já estavam feitas e, no hotel onde fez a primeira tentativa, a desoladora resposta que recebeu foi de que «não conheciam o Benfica e sim a agência que tinha feito as reservas». O «nosso» Muller, ficou abalado mas não quebrou. E ei-lo que, mete pés a caminho e vai bater á porta da agência — que é de portugueses. Não descobriu o proprietário e chegou a tentar a arma do suborno... Afinal, o Ajax acabou por ir para Lesigny — um maravilhoso recanto de bosques, a cerca de 40 quilómetros de Paris. Estivemos lá: ambiente de alegria. Local muito social e essencialmente mundano, com direito a «cocktail» oferecido á Imprensa — reduzida aos colegas da Holanda quando nós chegámos, e surgimos no meio da festinha caseira... Esperámos que Rinus Michellis atendesse os compatriotas, mascando e saboreando as tostas de caviar que pródigamente se espalhavam pelas mesas.

Diálogo com Michellis

— Francamente, Michellis, esperava chegar a este jogo?

— *Antes do primeiro, não, pois acreditei que em Amesterdão ganhariamos o passaporte para as meias-finais. A seguir, e depois de passados os primeiros momentos de desilusão, voltei a acreditar.*

— E tinha razão, não é verdade?

— *Uma grande equipa, este Benfica, que todos respeitamos.*

— Mas que pode ser batida, também, em Paris?

— *Vai ser um jogo muito difícil, entre adversários que já se conhecem. Acredito, porém, que o bom Ajax aparece, para nos poder garantir vitória.*

— Qual é o verdadeiro Ajax: o de Lisboa ou o de Amesterdão?

— *Deve situar-se entre os dois. Mas, o de Lisboa é o que eu desejo para Paris.*

— Sabe que Coluna não jogará?

— *Sim. E lamento, pois é um magnífico jogador, que muito aprecio. Quanto a ser melhor para nós não acredito muito nisso, pois a minha experiência futebolística diz-me que os suplentes fazem sempre questão de fazer esquecer os titulares.*

— Qual será a formação da sua equipa?

— *Ainda não sei. Estão todos em condições: não tenho problemas de lesões. Depende de muitos factores e da forma como resolver que a equipa irá jogar. Alinhará um grupo para tentar ganhar. Essa é a única certeza.*

— Todas as «estrelas» presentes?

— *Sim. Não somos tão ricos que possamos andar a fazer substituições.*

Linhas prováveis

Perante aquilo que os treinadores nos disseram é de presumir que as equipas alinhem da seguinte forma:

BENFICA — José Henrique; Adolfo, Humberto Coelho, Humberto Fernandes e Cruz; Jacinto (ou José Augusto) e Toni; Jaime Graça, Torres, Eusébio e Simões.

AJAX — Bals; Suurbier, Vasovic, Hulshoff e Dervenbode; Groot e Pronk; Nuninga (Swart), Danielson, Cruyff e Keizer.

As bilheteiras de Colombes já encerraram. Venderam, portanto, mais de sessenta e quatro mil bilhetes, afirmando-se que trinta mil foram para a Holanda e dezassete mil para Portugal. O jornal «France Soir» dava uma notícia, em meia dúzia de linhas, sobre o jogo. E sensacionalmente, informava que o guarda-redes do Benfica, de seu nome Coluna, não jogaria, sendo substituído por José Henrique. Como informação é um mimo!

A. J. F.

DESPORTO

O TÉCNICO COMANDA O REGIONAL DE VOLEIBOL

A contar para a ultima jornada da 1.ª volta do Campeonato de Lisboa de voleibol, em seniores, realizou-se ontem na Escola Nuno Gonçalves, o encontro L. Ginásio-Técnico.

O triunfo pertenceu aos «engenheiros» por 3-2 (13-15, 15-2, 15-5, 13-15 e 15-6) tendo as equipas, sob a direcção de Alfredo Silva e Fernando Alves, apresentado:

L. GINÁSIO — Cazal-Ribeiro, Armando Jerónimo, Fernando Boleto, Marques Pereira, Rodrigo Carvalho, Fernando Simões e António Ribeiro.

TÉCNICO — Costa Reis, Ernesto Esteves, Carlos Canas, Pina Gil, António Correia, Luís Briz e Luís Nagy.

Vitória certa e indiscutível daquela que foi a melhor equipa sobre o terreno.

Os vencedores talvez tivessem encarado o encontro com certo á vontade não apresentando André Mendes, Wellington e Carregoso, pedras bases do seu conjunto.

Isto podia ter-lhes causado uma surpresa se o adversário não tivesse cometido faltas em excesso, podendo até afirmarmos que a grande parte dos pontos obtidos pelo Técnico foram mais consentidos do que conquistados.

Jogando com mais acerto e fazendo o seu jogo pela certa, os «engenheiros», que defenderam muito bem, acabaram por conquistar um excelente triunfo.

O L. Ginásio obteve melhor resultado do que a exibição efectuada, pelo que o encontro não atingiu o nível que seria desejado.

Para o campeonato de «reservas» o Técnico repetiu o triunfo sobre o L. Ginásio com 3-2 (8-15 13-15, 16-14 e 15-8).

*

Foi apresentada á Federação Portuguesa de Voleibol a sugestão de se efectuar um encontro entre «veteranos» (antigos e actuais praticantes com mais de 30 anos) que se realizaria a anteceder o próximo encontro entre as selecções do Sul e do Norte a efectuar em Lisboa no próximo dia 15 do corrente.

O dr. Santos Silva, presidente da F. P. V. com quem contactámos, mostrou-se entusiasmado com a ideia e prometeu o maior apoio á iniciativa não podendo, no entanto arcar com a responsabilidade da sua realização em virtude de estar assoberbado com os trabalhos de selecção.

Vão encetar-se algumas diligências no sentido de se obter a anuência do maior número de praticantes, a fim de que este encontro seja uma autêntica jornada de propaganda e camaradagem.

CICLISMO

Joaquim Andrade comanda o «regional» de Aveiro

Na área da Associação de Aveiro prosseguiram as competições com a participação apenas de ciclistas do Sangalhos.

Na prova do regional de fundo de profisionais a classificação foi a seguinte: 1.º Joaquim Andrade, 5.36.46 (média: 31,713); 2.º Herculano de Oliveira, 5.41.10; 3.º Albino Mariz 5.42.22.

Joaquim Andrade dispõe já de apreciável avanço, tudo indicando que será o campeão. Na geral Joaquim Andrade tem 10.25.48 enquanto Herculano de Oliveira ocupa o 2.º lugar com 10.14.34.

Nas outras corridas Manuel Santos ao vencer o contra-relógio de 30 Km. com 51 m 31 s sagrou-se campeão regional de populares e na de seniores registou-se a vitória de Lineu Matos no tempo de 5.42.51.

Humberto Fernandes, Humberto Coelho, Cruz, José Henrique, Adolfo, Toni, Raia, Malta da Silva, Jaime Graça (encoberto) e Otto Glória já em Paris

HOJE À NOITE

ATLETISMO — Encerramento das inscrições para o torneio de pista, na Associação de Lisboa ás 20 h.

BASQUETEBOL — Campeonato Nacional da II Divisão: Oriental-Atlético, ás 22; C. I. F.-Cruz Quebradense, ás 21, no pavilhão da Ajuda; Técnico-Lisgás, ás 21; Belenenses-Algés, ás 22, no pavilhão da Ajuda.

BILHAR — Campeonato de Lisboa de equipas ás três tabelas: Benfica-Sporting, na secretaria do Benfica ás 21 horas.

TÉNIS DE MESA — Torneio Popular de seniores: Série A — Palmeiras-Os Económicos, Academia Biotense-B-Oriental e Os Combatentes-Lusitano Clube. Série B — Paço de Arcos-Cova da Moura, Ramiro José-Caixa Económica e Mem Martins-G. S. Cruzeirense. Série C — Estrelas de Alvalade-Madre de Deus, Leais Amigos-Academia Biotense-A e Academia 1.º de Junho-Os Económicos-B, nas mesas [illegible] horas, ás 21 e 30 h.

VOLEIBOL — Reunião de delegados na Associação de Lisboa para a realização de um torneio de juvenis, ás 21 e 30.

No Porto

Ténis de mesa — Campeonato individual do Porto — Jogos nas salas do F. C. do Porto e do C. D. U. P., a partir das 21 e 15 horas.

Campeonatos universitários de basquetebol: Economia-Engenharia e Ciências-Medicina a partir das 21 e 30, no pavilhão do C. D. U. P.

Campeonatos militares — Regionais de andebol de sete — Cavalaria 6-Infantaria 6 (praças), Cavalaria 6-Infantaria 6 (sargentos); Cmd 1-Caca 3 (oficiais). A partir das 14 horas, no Pavilhão do Palácio de Cristal.

Diversos — Associação de Futebol do Porto: sorteio dos jogos para a segunda fase do «Regional» da III Divisão, ás 22 horas.

Conta Juventude
BANCO DO ALENTEJO

PANORÂMICA
DO CICLISMO INTERNACIONAL

■ *Os sócios do Flamengo manifestaram-se contra os dirigentes pela anunciada venda dos jogadores João Carlos ao Vasco da Gama por 100 000 dólares e de Silva ao Racing de Buenos Aires, por 63 000 dólares.*

■ A Federação Peruana de Futebol está a diligenciar no sentido de assegurar a presença do Real Madrid na cidade de Lima, no mês de Abril próximo, a fim de realizar dois encontros — um contra o Colo-Colo e o outro frente à selecção do Peru.

■ *O Atlético de Bilbau não desiste da ideia de reestruturar os serviços técnicos do clube segundo o figurino britânico, e está agora em negociações para contratar o «manager» inglês Ronnie Allen.*

■ *A selecção do Paraguai tem programados cinco encontros para o período de 19 a 30 do corrente: a 19, em Rosário, contra a Argentina; a 23 em La Paz contra o Bolívia; a 26 em Lima contra o Peru e a 30 em Quito contra o Equador.*

O futebolista grego Sofoklis, que representa o Aris de Salónica, deslocou-se a Lisboa para ser operado pelo dr. Silva Rocha

PUGILISMO INTERNACIONAL

URTAIN PROVOCA ESCÂNDALO!

EM ESCASSOS 65 SEGUNDOS ALCANÇOU EM BARCELONA O OITAVO K. O. CONSECUTIVO

A nova vedeta do pugilismo espanhol Urtain, de seu nome completo José Manuel Ibar, acaba de alcançar em Barcelona, frente ao jamaicano Ivar Backer, a sua oitava vitória por K. O. consecutiva. E uma vez mais houve bronca, pois o combate teve apenas a duração de 1 minuto e 5 segundos, pelo que os lugares mais caros junto do «ring» saíram a 101 pesetas por segundo.

Foi grande o assombro do público, que se transformou depois em decepção, quando Urtain pôs fora de combate o seu adversário, a quem infligiu duro castigo no curto espaço de tempo que durou o «match». Backer quase nem pôde responder aos golpes do pugilista espanhol. Com a primeira direita que lhe aplicou o jamaicano foi às cordas e logo de seguida Urtain com uma série de direitas e esquerdas obrigou-o a ajoelhar-se. E foi nesta posição, perfeitamente incapaz de reagir, que Backer ouviu o árbitro contar os dez segundos, acabando vencido a sangrar pelo nariz e pela boca.

Perante certa estranheza a facilidade com que Urtain «liquidou» o adversário e, muito mais, a rapidez com que Backer cedeu aos golpes do espanhol, a Federação Catalã de Boxe em reunião urgente e extraordinária resolveu reter a bolsa do pugilista jamaicano e abrir um inquérito para averiguar as responsabilidades desportivas em que poderia ter incorrido na sua actuação.

A facilidade demolidora com que Urtain alcançou o seu oitavo K. O. consecutivo deixou dúvidas no espírito de toda a gente, tão inacreditável se apresentou o poder de soco do pugilista espanhol.

Entretanto o árbitro explicou:

— Sou testemunha de excepção pela minha situação no «ring» para confirmar que os golpes de Urtain são terríveis, insuportáveis. O problema dos seus combates durarem tão escasso tempo reside portanto na qualidade dos seus adversários. Urtain entre homens de terceira fila é um campeão pela simples razão de que os seus oponentes se intimidam e não atacam, se deixam aniquilar e deixam a Urtain por completo, os seus golpes não se encaixam. A única forma de travar Urtain é atacando-o, repelindo-lhe para que não seja ele o único a golpear, mas para isso é necessário, naturalmente, rivais experimentados e de categoria

XX VOLTA A PORTUGAL EM AUTOMÓVEL

No Clube 100 à Hora sortearam-se ontem os números dos concorrentes

Realizou-se ontem, á noite, na sede do Clube «100 á Hora», o sorteio para atribuição de números aos concorrentes da XX Volta a Portugal, que se inicia na noite da próxima quinta-feira.

Para os 27 concorrentes inscritos foram os seguintes os resultados do sorteio:

1 — Américo Nunes/Evaristo Saraiva («Porsche 911 S»); 2 — N. N.; 3 — N. N.; 4 — Policarpo de Brito/Tony Caixinha («NSU TTS»); 5 — João Paulo Barbosa/Eduardo M. Carvalho («Austin Cooper»); 6 — Alvaro Lamy Viçoso/António B. Almeida («NSU TT 1200»); 7 — Manuel Gomes Pereira/F. Carpintéiro Albino («Volkswagen 1300»); 8 — Christian Melville/Jorge Dias Duarte («Porsche»); 9 — Fausto Lucas Martins/J. M. Lucas Martins («NSU TTS»); 10 — Fernando Baptista/Nani («Austin Cooper S»); 11 — Francisco Romãozinho/Jocames («Cintroen»); 12 — Luís Netto/Garcia e Costa («Austin Cooper S»); 13 — N. N.; 14 — Sarmento Rebelo/eng.º Maia Nogueira («NSU TT); 15 — Albio Pinto/Silva Pereira («BMW 2002»); 16 — José Carpinteiro Albino/José Raposo Magalhães («Saab VA»); 17 — N. N.; 18 — César Torres/Giovani Salvi («Austin Cooper S»); 19 — Liszt de Melo/Carlos Prazeres Ferreira («Porsche 912»); 20 — N. N.; 21 — Aurélio Horta e Silva/Fernando Fonseca («Volkswagen 1300»); 22 — eng.º Heitor Morais/José Bernardo («Morris Cooper S»); 23 — José Lamprela/Jorge Nascimento («BMW 2002 TI»); 24 — Passanha/Passanha («Escort 1300»); 25 — Fernando Tordo/Amadeu S. Ferreira («Austin Cooper»); 26 — Horácio Santos/Jaime Vieitas («Austin Cooper»); 27 — Odendaal/Schoonrad («Alfa Romeo Super»); 28 — N. N.; 29 — Jorge Abrantes Carvalho/Manuel Costa Silvério («Cortina GT»); 30 — N. N.; 31 — António Pile/António Acácio Leite («BMW 1600»); 32 — António Gonçalves Bastos/José Marçal («R8 Gordini»); 33 — Francisco Santos/António Morais («Lotus Cortina»); 34 — Hermínio Martins/Artur Silva («Saab VA»).

NOTÍCIAS DO FUTEBOL

Consta que o Benfica, através de uma comissão de sócios, se propõe assegurar para a próxima época a colaboração de Artur Jorge, Vieira Nunes e Nené, da Académica; Fonseca, do Leixões; Gualter, do Vitória de Guimarães e Guerreiro, actualmente ao serviço do Vitória de Setúbal.

●

Entretanto o Belenenses, cuja carreira neste final de época tem entusiasmado os seus dirigentes, estabeleceu já contactos com o prometedor Quinito, do Académico. Ao que parece existe já um compromisso verbal do jogador para ingressar no clube do Restelo.

●

A repetição da final de juvenis entre o Sporting e Benfica e a final de juniores entre os mesmos clubes, deverá disputar-se na noite de 12 do corrente no Estádio do Restelo.

Começam hoje as reuniões da U. E. F. A.

Iniciam-se esta tarde as reuniões da Comissão Financeira e Executiva da U. E. F. A., cujos delegados começaram ontem a chegar a Lisboa, encontrando-se já na nossa capital o presidente Gustav Wiederkeher, o secretário Haris Bangester, o presidente da Federação grega, general Dermetro Vordanis e o vice-presidente da Federação da Suécia, Tore Broad.

A estes dirigentes foi ontem oferecido pela F. P. F. um jantar íntimo.

A selecção de juniores treina-se amanhã em Pina Manique

Dentro do programa estabelecido para a preparação da equipa nacional de juniores de futebol, com vista ao segundo jogo com a Itália, a contar para o Torneio Internacional da U. E. F. A. e que se disputará em Como no dia 2 de Abril o seleccionador nacional dr. David Sequerra convocou para o treino de amanhã á tarde, no Estádio Pina Manique, os seguintes jogadores: Vítor Manuel (Sporting), Luz (Boavista), Lino (V. Setúbal), Laranjeira (Sporting), Tomás (F. C Porto), Barbosa (Boavista), Peixoto (Atlético), Jacinto (Benfica), Hélder (F. C. Porto), Carlos Serafim (Belenenses), Louceiro (Benfica), Belo (Portalegrense), Armando Machado (Sporting), João Machado (Sporting), Vítor Manuel (Marinhense), Domingos (Lusitano de Vila Real de Santo António) e Eduardo (F. C. Porto).

Acontecimentos DE ONTEM

A assembleia geral da Associação de patinagem do Porto

Por proposta do delegado do F. C. Porto na reunião da assembleia geral da Associação de Patinagem do Porto, que ontem, á noite, se realizou, os trabalhos foram adiados para o dia 8, ás 16 horas, a fim de permitir a presença do respectivo presidente da direcção, impossibilitado de o fazer por motivos de saúde, que não lhe consentem saídas á noite.

Basquetebol

Em jogo a contar para o campeonato feminino de basquetebol realizado ontem á noite em Setúbal a Cuf venceu o Benfica por 40-27.

TIRO A CHUMBO

OS «MUNDIAIS» APROXIMAM-SE... E A PREPARAÇÃO CONTINUA

Com os campeonatos mundiais á vista, continuaram neste fim-de-semana, com duas jornadas, as provas em fosso olímpico, taça «Monte das Perdizes» e taça «Campeão do Mundo», organizadas pelo Clube Português de Tiro a Chumbo, para preparação dos seus atiradores.

Resultados que se verificaram:

Fosso olímpico

Sábado: *1.ª cat.* — 1.º, arq. Carlos Tojal (24/25); 2.º, Guy de Valle Flor (22/25). *2.ª cat.* — 1.º, arq. Carlos Tojal (24/25); 2.º, António Lopes (22/25). *3.ª cat.* — 1.º Fernando Terenas (18/25); 2.º, António Pedro Brito (17/25).

Domingo: *1.ª cat.* — 1.º, dr. Simões de Lemos (22/25); 2.º, Guy de Valle Flôr (19/25). *2.ª cat.* — 1.º, João A. Janz (21/25); 2.º, António Lopes (18/25). *3.ª cat.* — 1.º, António Pedro Britto (21/25); 2.º, António Lopes (18/25).

Taça «Monte das Perdizes»

11.ª Sessão — 1.º, Fernando Simões (25/25); 2.º José António Martins (24/25); 3.º Fernando Terenas (14/15).

12.ª Sessão — 1.º Guy de Valle Flor (6/6); 2.º António Lopes (5/6); 3.ºs Fernando Terenas, Cipriano Raio e Olímpio Resende (4/6).

Taça «Campeão do Mundo»

10.ª Sessão — 1.º, Fernando Simões (18/18); 2.º, Olímpio Resende (17/18); 3.º, Romeu Pizarra (13/14).

Classificações actuais

Taça «Monte das Perdizes» — 1.º, Guy de Valle Flor, 42 p.; 2.º, Carlos Cruz, 34 p.; 3.º, eng. Andrade e Sousa, 31 p.

Taça «Campeão do Mundo» — 1.º Gueifão Ferreira, 46 p.; 2.ºs, Luís Soares e Carlos Silva, 33 p.

SANTA CASA DA MISERICORDIA DE LISBOA

2 APOSTAS 3$00 · 4 APOSTAS 6$00 · 6 APOSTAS 9$00 · 8 APOSTAS 12$00 · 10 APOSTAS 15$00

TAÇA DE PORTUGAL: 1 Vizela - Guimarães; 2 Barreirense - Atlético; 3 Setúbal - Belenenses; 4 Tirsense - Sanjoan.; 5 Varzim - Famalicão; 6 Beja - U. Tomar; 7 Benfica - Porto; 8 Leões - Académico

ESPANHA: 9 Barcelona - R. Madrid; 10 Granada - Elche

ITÁLIA: 11 Nápoles - Bolonha; 12 Roma - Inter; 13 Torino - Palermo

NOME

MORADA

MATRIZ 4 DE MARÇO DE 1969

27 APOSTAS MUTUAS DESPORTIVAS — TOTOBOLA

(A não indicação do nome torna o bilhete nulo)

TOTOBOLA — 27.º CONCURSO

Classificações dos Campeonatos de Espanha e Itália

ESPANHA

REAL MADRID	38 pontos
BARCELONA	30 »
Las Palmas	30 »
At. Bilbau	24 »
Valencia	24 »
Sabadel	24 »
At. Madrid	23 »
R. Sociedade	22 »
Corunha	22 »
ELCHE	22 »
Málaga	20 »
Espanhol	20 »
GRANADA	19 »
Pontevedra	19 »
Saragoça	19 »
Córdova	12 »

ITÁLIA

Cagliari	30 pontos
Milão	29 »
Fiorentina	29 »
Juventus	23 »
INTER	22 »
TORINO	21 »
ROMA	21 »
Verona	20 »
NAPOLES	19 »
PALERMO	19 »
BOLONHA	17 »
Varese	16 »
Lanerossi	14 »
Atalanta	14 »
Pisa	14 »
Sampdoria	12 »

CARTAZ DOS CINEMAS

TIVOLI

(M 17 anos) Tel. 28995

Às 3 da tarde (p. r.)
e 9.30 da noite

A tentativa de um homem estranho que joga com a vida e a morte dos outros

JOGO PERVERSO

com Anthony Quinn, Michael Caine e Candice Bergen

ESTÚDIO

Tel. 48560

As 15.30, 18.30 e 21.45 (Adultos)
Technicolor — 3.ª SEMANA

UM CORAÇÃO SOLITÁRIO

Um filme de Robert Ellis Miller com Alan Arkin e Sandra Leke

ALVALADE

(Adultos Tel. 763089

As 15.45 e 21.45

Um filme de Roman Polanski

A SEMENTE DO DIABO

c/ Mia Farrow e John Cassavetes

POLITEAMA

(M 12 anos) Telef. 326305

As 15.15 e 18.15 (P. r.) e 21.30
4.ª SEMANA E ÚLTIMA DE GARGALHADA

com AMILCAR DE OLIVEIRA

O LADRÃO DE QUEM SE FALA

ODEON

(Adultos) Tel. 326283

As 15.15 e 18.15 (P. r.) e 21.30

ESPANTOSO ÊXITO
UM FILME DE
SENSACIONAL FEROCIDADE
com TERENCE HILL

VIVA DJANGO

Nunca o ódio teve mais alto preço na ponta de uma bala...
(Eastmancolor) Versão Inglesa

EUROPA

(M. 12 anos) Tel. 269729

3.ª SEMANA

As 15.15 e 21.30

Quando os cavaleiros partiam para a guerra, deixavam os seus «bens» em segurança... Deixariam?

Tony Curtis e Monica Vitti em

O CINTO DA CASTIDADE

CONDES

Telefs. 32 25 23 - 32 67 10

(M 12 anos)

As 15.15, 18.15 e 21.30

RICHARD BURTON CLINT EASTWOOD MARY URE

Um espectáculo que é um desafio à sua coragem!

O DESAFIO DAS ÁGUIAS

— Where Eagles Dare —
70 mm Panavision Metrocolor

IMPÉRIO

(Adultos) Tel. 356134

As 15.15 e 21.30

4. SEMANA

Não foi uma vulgar história de amor

TECHNICOLOR

ROMEU E JULIETA

MONUMENTAL

(M 12 anos Tel 555131

As 15.15 e 21.30

2.ª SEMANA

Fred Astaire Petula Clark — Tommy Steele em

O VALE DO ARCO ÍRIS

Technicolo Panavision

QUINZENA A INFANCIA NO CINEMA

Amanhã — 18.30 h.

UMA AVENTURA FANTASTICA, de Anton M. Leader, com Alan Badel, Barbara Ferris, etc (Adultos)

Dia 7 — «Todas as Noites às Nove» (Adultos)

AVIS

(M 12 anos) Tel. 47163

As 21.45

UM ÍDOLO DA CANÇÃO!

ROBERTO CARLOS EM RITMO DE AVENTURA

EASTMANCOLOR

Um movimentado filme com belas canções!

LUMIAR

(M 17 anos) Tel. 791574

AR CONDICIONADO

Parque privativo

As 15.30 e 21.30

QUANTO MAIS QUENTE MELHOR

com Marilyn Monroe, Tony Curtis e Jack Lemon

LIDO

Praça D. João I — Amadora

(M. 12 anos) Tel. 937593

As 15.30 e 21.30

Uma soberba e emocionante realização com Marlon Brando e James Mason á frente de um grande elenco!

JÚLIO CESAR

CHIADO TERRASSE

M/17 anos Tel. 320917

As 21 horas

O GRANDE CARNAVAL
ASSALTARAM O BANCO!

RESTELO

(M. 17 anos) Tel. 610375

Um extraordinário filme de violência implacável

A NOIVA ESTAVA DE LUTO

com Jeanne Moreau e Jean Claude Brialy

SÃO LUIZ

(Adultos) Tel. 227172

As 15.15 e 18.15 e 21.30

Um filme de Roman Polanski

A SEMENTE DO DIABO

c/ Mia Farrow e John Cassavetes

SÃO JORGE

(M 17 anos) Tel. 64153

As 15.15 18.15 e 21.30

3. SEMANA

Um novo estilo de jovialidade

DOUTOR... VAMOS A ISTO!

com Sidney James, Charles Hawtrey e Jean Sims

MUNDIAL

(Adultos) Tel 538743

As 15.15, 18.30 e 21.45

(Adultos)

Carrol Baker, Jean Sorel e George Milton

no empolgante filme em Scope colorido

O DOCE CORPO DE DEBORAH

Metro: estação Picoas

ROMA

(M. 12 anos) Tel. 727778

As 21.30

2. SEMANA

Um acontecimento memorável na história do Cinema!

O DESAFIO DAS ÁGUIAS

com Richard Burton, Clint Eastwood e Mary Ure

70 mm — Metrocolor

O filme de fundo começa a projectar-se 5 minutos depois do início da sessão

ESTÚDIO 444

(Adultos) Tel. 779095

7.ª SEMANA

As 21.45

LE VIOL — o desconhecido desejado

com Bibi Andersson e Bruno Cremer na mais perfeita ligação franco-sueca

EASTMANCOLOR

IMPERIAL

(M. 17 anos) Tel. 45933

As 21 horas

100 000 DÓLARES POR RINGO
TESOURO ANTIGO

CASINO ESTORIL

(M. 17 anos) Tel. 260729

As 17 e 21.30

COM A PEDRA NO SAPATO

com Rex Harrison, Rosemary Harris e Louis Jourdan

EDEN

(Adultos) Tel. 220768

As 15.15, 18.30 e 21.45

2.ª SEMANA

TECHNICOLOR

De simples pistoleiro a chefe da Máfia até ser condenado pela própria família
Kirk Douglas em

OS DOIS IRMÃOS SICILIANOS

LIZ

(M. 12 anos) Tel. 48560

As 21 horas

SHALAKO
MISSÃO EM HONG-KONG

Teodósio Gouveia, jovem músico que tem percorrido o Continente com o «show» organizado por Marques Vidal, formou um conjunto que vai gravar diversas composições para a etiqueta «Marfer», da Grande Feira do Disco

OUTROS ESPECTÁCULOS

TEATROS

CASA DA COMÉDIA — Às 22: «A caixa de Pandora» (12 anos)
VASCO SANTANA — Às 21 e 45: «Noite de Verão» (12 anos)
CAPITÓLIO — Às 21 e 45: «Tango» (17 anos)
VILLARET — Às 21 e ás 23: «A preguiça» (17 anos)
TRINDADE — Às 21 e 5: «Sabina Freire» (17 anos)
LAURA ALVES — Às 21 e 45: «O Jovem Menteroso» (17 anos)
A B C — Às 20 e 45 e ás 23: «Elas é que sabem» (17 anos)

CINEMAS

COLISEU (Cinema) — Às 21 e 15: «Bailarino» (12 anos)
CINEARTE — Às 21: «Um idiota em Paris» (17 anos)
PARIS — Às 21: «O sargento Ryker» (12 anos)
ROYAL — Às 21: «Camarada Mini-Saia» (17 anos).
ARCO ÍRIS — Às 21 e 30. «Os 7 ladrões da cidade»
CINE-MOSCAVIDE — Às 21: «A morte espera em Atenas» (17 anos)
JARDIM — Às 21: «Sebastian» (17 anos)
SALÃO LISBOA — Às 19. «Kid Rodelo» (12 anos)
S L BENFICA — Às 21 e 5: «Nunca digas sim» (12 anos)
VOZ DO OPERÁRIO — Às 21: «A vingança de Fu-Manchu» (17 anos).
CINE-ORIENTE — Às 21: «Por mais alguns dólares» (17 anos)
UNIVERSAL — Às 21: «Duelo com o diabo» (17 anos)
BAIRRO DA ENCARNAÇÃO — Às 21: «Só se vive duas vezes» (17 anos)

● Linha de Cascais

OEIRAS — OEIRAS-CINE — Às 21: «Sansão o terrível» e «O vingador atira á esquerda» (12 anos)
PAREDE — ROYAL-CINE — Às 21: «Mogambo» e «A maior atracção» (17 anos)
ESTORIL — CASINO — Às 17 e ás 21 e 30: «Com a pedra no sapato» (17 anos)
CASCAIS — S. JOSÉ — Às 21 e 30: «Uma mulher no cimento» (17 anos)

● Linha de Sintra

DAMAIA — D. JOÃO V — Às 21 e 30: «Brigada do Diabo» (17 anos)
AMADORA — RECREIOS DESPORTIVOS — Às 21 e 5: «Este difícil amor» (17 anos)
QUELUZ — QUELUZ-CINE — Às 21 e 15: «Operação tubarão branco» e «A mulher que sabia sofrer» (17 anos)
SINTRA — CARLOS MANUEL — Às 21 e 30 «O fundo da garrafa» (17 anos)

● Outra Banda

ALMADA — INCRIVEL — Às 21 e 15: «O marido é meu mais o quando quiser» (17 anos)
COVA DA PIEDADE — UNIÃO ARTISTICA — Às 21 e 5: «Os bonecos verdes» (12 anos)

CONCURSO «MAJA DE PORTUGAL»

com o patrocínio da IBERIA
(Lineas Aereas de España)

Nome .....

Morada ..... Tel. .....

Idade ..... Profissão .....

Juntar duas fotos (uma de rosto e outra de corpo inteiro) e remeter para o «Diário de Lisboa» Rua Luz Soriano, 44-4B Lisboa

FARMÁCIAS DE SERVIÇO

● Em Lisboa — Turno G

AJUDA — Moura, Trav. da Memória, 55 (630944) * Blotmar, Rua D. João de Castro, 27-B (638824)
ALCÂNTARA — Bairrão, R. Prior do Crato, 25 (663211)
ALMIRANTE REIS — Confiança, Av. Almirante Reis, 46 (424531)
ALVALADE — Zil, Av. do Igreja, 9-D (7 780) * Roma, Av. de Roma, 85-B (772466) * S. João de Deus, R. Pedro Ivo -A-B (725140)
AMOREIRAS — * Britânica, Trav. Légua da Póvoa, 5-B (689250)
AREEIRO — Garantia, Av. Padre Manuel da Nóbrega, 5-A e 5-B (727300) * Imperial, Av. Guerra Junqueiro, 30-B (726860)
AVENIDAS NOVAS — Alcântara, Av. da Repúb., 14-A (77379) * Vale, Av. Marquês de Tomar, 45-49 (773043) * Dalve, Av. Duque de Ávila, 25 (45225) * S. Sebastião, Largo de S. Sebastião da Pedreira, 1-9 (48642)
BAIRRO DA ENCARNAÇÃO — Ascenso, R. 27 n. 4 (3 2 6)
BAIXA — Fernandes, R. de S. José 87 (326476) * Azevedo, Filho, Pr. de D. Pedro IV 3 (327478)
BENFICA — União, Est. de Benfica, 592-594 (700092) * Alegria, Est. de Benfica, 80-A-B (7805)
CAMPO DE OURIQUE — Lobet, R. de Infantaria 6, 98-B (688807) * União R. Sarraya de Carvalho, 119 (663643)
CAMPOLIDE — Salutar, Rua B, 75-A, B. Bairro da Liberdade (683694) * Pinto, R. de Campolide, (68261 0)
CONDE REDONDO — Sousa Martins, Rua Sousa Martins 25 (553468)
ESTRELA — Andrade Ribeiro, Av. Infante Santo, 66-B (666971)
ESTEFÂNIA — Mundial, L. D. Estefânia, 9 (45578)
GRAÇA — Ziller, R. de S. Tomé, 54-56 (862835)
LUMIAR — Central do Lumiar, R. do Lumiar, 77 (790480) * Deusa, Alam das Linhas de Torres, 93-A-B (791131)
MADRAGOA — Eduardo A. Cêsar, R. das Trinas 102 (662631)
OLIVAIS — Olivais, R. Alves Gouveia, 19 (311237)
PALHAVÃ — Canto, Est. das Laranjeiras, 202-B (788641)
PENHA DE FRANÇA — Central, da Penha, R. Penha de França, 58-60 (849245) * Vitalis, R. Morais Soares, 66-A (8480)
PICHELEIRA — Luzmar, R. João do Nascimento Costa 6-A (728395-720703)
PRINCIPE REAL — Albano, R. da Escola Politécnica, 59 (326150)
REGO — Baptista, R. Francisco Tomás do Costa, 3-C (77 873)
ST. AMARO — Correia de Azevedo, R. Luís de Camões 42-B (638625)
S. BENTO — Mas Teixeira, Rua Poço dos Negros, 15 (67996)
DE SANTA APOLÓNIA AO BEATO — Freitas, Rua Zonmo Pedroso, 3 (38 36 * Benfica, Est. de Chelas, 73-75 (38224) * Frazão, R. da Cruz de St.ª Apolónia 90-92 (347019)
MOCAVIDE — Império — R. de Oliveança, 44 (Tel 251 1870)

● Linha de Cascais

ALGÉS — Branco, Av. Comb. G. Guerra, 29 (21208)
CAXIAS — Nova, Rua Bernardim Ribeiro -A (242839)
PAÇO DE ARCOS — Godinho da Silva, Av. Patrão Lopes 4 (Tel 2432039)
OEIRAS — Central, Rua João Teixeira Simões, 8 (2430058)
PAREDE — Aizir, Av. Gago Coutinho — Bairro das Caixas de Previdência (2472948)
ESTORIL — Parque, Arcadas do Parque, 3 (260191)
CASCAIS — Cordeiro, Av. Comb. G. Guerra, 40 (280170 — Nova, Estrada de Alvide — Fontainhas (281044)

● Linha de Sintra

AMADORA — Caveca, R. Elias Garcia, 209 (930019) — Fiama, R. Elias Garcia, 78-13 Tel 932485) — Confiança, Av. D. Nuno Alvares Pereira, 5-A (938 49)
DAMAIA — Damaia, P. Alexandre de Gusmão, 9-A (970529)
QUELUZ — André, Av. Elias Garcia 5 (950043) — Queluz, Av. Miguel Bombarda, 123-A (951841)
CACÉM — Central, R. Elias Garcia 55 (2940034)
MEM MARTINS — Química, Est. Mem Martins 285, (29100121).
S. PEDRO DE SINTRA — Valentim, (980456).
SINTRA — Simões, R. Heliodoro Salgado 26 (980832).
VENDA NOVA — Nova, R. Elias Garcia (933920)
COLARES — Colares, Abroia, (Tel 299088))

● Outra Banda

ALCOCHETE — Nunes, L. Coronel Ramos da Costa 0 (Tel. 234137)
ALHOS VEDROS — Portugal, Av. da Bela Rosa, 8 (224250)
ALMADA — Algarve, R. Fernão Lopes, 1 (270771)
BAIXA DA BANHEIRA — Nova Fátima, Est. Nacional 22-B (224 41)
BARREIRO — Avenida, Av. Alfredo da Silva, 88 (22732 2)
COVA DA PIEDADE — Império — R. Cano da Boa Esperança 3-A (274356)
MOITA — União Moitense, Av. dr. Teófilo Braga (239025)
MONTIJO — Montepio — R. Almirante Reis, 93 (230035)
SESIMBRA — Leão, Av. Salazar (22947)
SETUBAL — Soromenho, P. Machado Santos (22691) * Alice P. da Quebedo (23743)
SEIXAL — Soromenho, R. Paiva Coelho 38 (22 8560)

SERVIÇOS URGENTES

Telefones

AGUA, GAS e ELECTRICIDADE — Companhia das Aguas 361353 * Companhias Reunidas, 537011 * Gazcidla 538821 * Gazcidla (dom. e feriados) 852069.
BOMBEIROS — Sapadores 222222 * Voluntários 538524
POLICIA e G N R — Serviço de emergência, 115 * Segurança Pública 366141 * Judiciária, 535380 * Marítima, 326456 * Internacional, 362721 * Viação e Trânsito 42205 * G N R (área rural) 36865
SAUDE — Cruz Vermelha, 665342 * Enfermagem permanente, 766161 * Enfermagem de urgência 43738 * Hospital de Santa Maria, 775171 * Hospital de S. José 860131 * Sangue, oxigénio e soros, 771168 e 771169 * Transfusões, soros e oxigénio 538524 * Centro de Intoxicações (informativo), 767777 761176 e 763456
TRANSPORTES — Aeroporto, 720111 * Caminhos-de-ferro (C P.) 869029 * Caminhos de ferro (Estoril) 361121 * Estação Fluvial T. Paço), 325345 * Estação Marítima de Alcântara, 663195 * Estação Marítima de Rocha, 672445 * Estação fluvial (Belém) 638531

BOM APETITE

XANGAI
Av. Duque de Loulé, 20-B
Telef. 5 73 78
(frente à Embaixada Americana)
ESPECIALIDADE DIÁRIA
GALINHA YO LYN
e o célebre arroz CHAO CHAO

MONTE ALTO
Rua Filipe Folque, 10-B-C-D
Telef. 51085
TODOS OS DIAS PRATOS VARIADOS
SERVEM-SE BANQUETES
LANCHES DE CASAMENTO

MINABELA
Restaurantes Churrasqueira Pastelaria
Diàriamente variadas especialidades
AMADORA — Tel. 939191/2
QUELUZ — Tel. 951611

VIRIATO
RESTAURANTE CERVEJARIA SNACK-BAR COZINHA PORTUGUESA
Rua Tomás Ribeiro, 55-57
(Aberto até 6s 2 bs)
Telefone: 53 07 58

RESTAURANTE FRAMAR
RESTAURANTE, SALÃO DE CHÁ E CERVEJARIA
Esmerado serviço para casamentos, baptizados e festas, com salões próprios — Recebe Excursões
AVENIDA DA REPÚBLICA, 35 — TELEF. 95
VILA VIÇOSA

Diário de Lisboa
DL
Propriedade de
Renascença Gráfica, S. A. R. L.
Editor. João C. de Sá
Sede. Rua Luz Soriano, 44
Telef. 32 02 71-2-3 e 32 11 54-5
Publicidade 3 42 21
End. Te. DIBOA. Telex 1383
Lisboa 2 Portugal

JÁ FORAM EVAQUADOS OITOCENTOS ESPANHÓIS DA GUINÉ EQUATORIAL

MADRID, 4 — (R.) — Mais de 800 espanhois, na sua maioria mulheres e crianças, já foram evacuados da Guiné Equatorial nos ultimos dias devido aos incidentes ali registados, segundo revelaram hoje fontes bem informadas.

Muitos outros espanhois gostariam de partir imediatamente, incluindo engenheiros e outros técnicos que trabalham para o Governo, mas as autoridades da Guiné estão a procurar dissuadi-los de abandonar o país.

«A grande maioria dos funcionários espanhóis partiria imediatamente se tivesse possibilidade de o fazer devido ao subito panico que se apoderou deles, disseram os mesmos informadores.

Entretanto, as mulheres que chegaram ontem á noite de avião a Madrid vindas de Fernando Pó revelaram ter sido maltratadas pelos soldados da Guarda Nacional da Guiné quando aguardavam o embarque. Esses soldados revistaram-nas e trataram-nas com brutalidade ao passo que os homens foram forçados a varrer as ruas e a fazer outros trabalhos destinados a humilhá-los.

Até agora só chegaram de avião a Madrid 375 pessoas evacuadas da Guiné Equatorial, mas outras 460 partiram no domingo de Rio Muni num barco espanhol que se dirige ás Canárias.

Outro barco espanhol encontra-se actualmente no porto de Bata a embarcar mais refugiados sob a vigilancia de uma unidade da Marinha de Guerra e um terceiro barco de passageiros é esperado em breve para continuar a evacuação dos espanhóis.

A maior parte das pessoas evacuadas vieram de Rio Muni onde viviam cerca de 2 mil espanhóis. O Governo espanhol tem 400 funcionários publicos e técnicos a colaborar com o Governo da Guiné, havendo ainda outros espanhóis que trabalham em empresas particulares na extracção da madeira e nas plantações de café e cacau.

Actualmente o país encontra-se em regime de recolher obrigatório desde o pôr ao nascer do Sol, tendo o presidente Francisco Macias declarado o estado de emergência.

Os destacamentos da Guarda Civil Espanhola que vieram para as ruas a fim de proteger as vidas e bens dos subditos espanhóis já recolheram aos seus quartéis e o serviço de manutenção da ordem é assegurado por forças locais da Guarda Nacional.

Ontem o presidente Macias insistiu novamente para que a guarnição espanhola na Guiné Equatorial seja substituída por soldados da O. N. U. e ao mesmo tempo acusou os guardas civis de terem ferido dois africanos durante os incidentes.

A Espanha negou qualquer interferência nos assuntos internos da Guiné e disse que está disposta a retirar a Guarda Civil se o presidente Macias se responsabilizar pela segurança de todos os cidadãos espanhóis.

Segundo fontes da Guiné nesta cidade, o unico incidente registado desde a imposição do estado de emergência verificou-se com dois americanos que não respeitaram o recolher obrigatório na cidade de Santa Isabel e lutaram com os soldados que pretendiam prendê-los, um dos quais ficou ferido.

o tempo

INFORMAÇÃO DO SERVIÇO METEOROLOGICO NACIONAL

SITUAÇÃO GERAL AS 9 HORAS DE HOJE — Em Portugal continental o céu estava localmente muito nublado, havia nebulina em alguns locais; caía neve na serra da Estrela; o vento era fraco. TEMPERATURAS DO AR, AS 9 HORAS — Coimbra, 2°; Faro, 9°; Funchal, 4°; Lisboa, 9°; Penhas Douradas —1°; Portalegre, 5°; Porto 4°.

TEMPERATURAS EXTREMAS OBSERVADAS NA REDE NACIONAL DO CONTINENTE ATÉ AS 9 HORAS DE HOJE — Máxima: Tavira, 15°; mínima: Penhas da Saude, —5°.

TEMPERATURAS OBSERVADAS, AS 9 HORAS, NA COSTA DO SOL — No atmosfera: 17°,5; na água do mar 13°,2.

PREVISÃO GERAL ATÉ AS 24 HORAS DE AMANHÃ

Períodos de céu muito nublado, alternando com boas abertas; vento fraco e moderado do quadrante Norte; possibilidade de aguaceiros dispersos e pouco frequentes; nevoeiro ou nebulina locais.

Amanhã
Nascer ás 8 e 4
Ocaso ás 19 e 34

Hoje Dia 11 Dia 18 Dia 26

MARÉS:

PREIA-MAR: Dia 4—4 e 27 (4,0 m), 6 e 49 (3,9 m). Dia 5 — 4 e 58 (4 m); 17 e 22 (3,9 m). Dia 6—5 e 29 (4,1 m); 17 e 52 (3,9 m). BAIXA-MAR. Dia 4 — 10 e 17 (0,8 m); 22 e 28 (0,9 m). Dia 5 — 10 e 48 (0,7 m); 23 (0,8 m). Dia 6 — 11 e 20 (0,7 m); 23 e 36 (0,8 m).

A actriz Vanessa Redgrave

VANESSA REDGRAVE:

«PODE HAVER AMOR SEM CASAMENTO»

LONDRES, 4 — (R.) — A actriz Vanessa Redgrave teria revelado que estava a viver com o actor italiano Franco Nero, mas que poderia nunca vir a casar com ele.

Vanessa Redgrave, de 32 anos, que tem dois filhos do seu casamento com o director cinematográfico britanico, Tony Richardson, de quem está divorciada, disse ainda que ela e Nero desejam um filho, segundo revela uma reportagem publicada na primeira página do jornal «The Sun».

De acordo com as revelações feitas pelo jornal a actriz teria declarado: «O casamento é belo quando é belo. A certa altura queria casar-me, mas agora não. Pode haver amor e afeição fora do casamento. Se casardes deverá ser depois de vos conhecerdes um ao outro durante muito tempo. Tendes de saber que não estais a viver um sonho.»

Vanessa e Franco Nero encontraram-se pela primeira vez quando trabalhavam na versão cinematográfica de «Camelot», cuja produção custou muitos milhões de dólares.

O ultimo filme da actriz, «Isadora», em virtude do qual o seu nome foi indicado para o Oscar á melhor interpretação feminina em 1968, será exibido esta noite em Londres, fazendo a sua estreia na Europa.

«GUERRA» SINO-SOVIÉTICA DE AVIÕES-ESPIÕES?

HONG-KONG, 4 — (A. N. I.) — O recontro fronteiriço de domingo, entre tropas russas e chinesas, teve como causa remota a destruição de vários aviões de reconhecimento da China Continental por mísseis russos — escreve o jornal «Star», de Hong-Kong, que se publica em língua inglesa.

GEORGE POMPIDOU

POMPIDOU ENVOLVIDO NO CASO MARKOVIC

VERSAILLES, 4—(F. P.) Os defensores de François Marcantoni acusado de cumplicidade no assassinato de Markovic pediram ao juiz Patard, encarregado da instrução, para ser ouvido o casal Pompidou afim de se esclarecer a contradição entre os depoimentos de Delon e de Alexandre Markovic, irmão da vitima.

Este último, afirma que uma vez esteve num jantar em que além do seu irmão Stevan, esteve também presente o ex-primeiro-ministro Pompidou e a mulher.

O juiz Patard declarou que, por enquanto, não tinha dado qualquer seguimento ao pedido de audição formulado pelos defensores de Marcantoni.

EM ITÁLIA: ATAQUE A UM POSTO MILITAR

ROMA, 4. — (F. P.) — Um comando misterioso atacou na noite passada um depósito militar perto de Pisa, anuncios o jornal romano «Il Tempo» que acrescenta: «Está em curso um inquérito mas, por enquanto, os resultados são conservados no mais absoluto segredo».

Segundo o jornal, o comando surpreendeu a sentinela de guarda ao depósito a quem bateram e esfaquearam. Depois, incendiaram trapos embebidos em gasolina que lançaram para o depósito que continha canidas e obuses. No entanto, a sentinela recuperou os sentidos mais cedo que o previsto pelo comando. Deu o alarme e o incendio foi dominado rápidamente. Os assaltantes conseguiram fugir. Os estragos — ainda segundo o jornal — seriam pouco importantes.

ISABEL WOLMAR EXAMINADA PELA EQUIPA DO DR. VASCONCELOS MARQUES

A popular locutora da R. T. P. e da Rádio Isabel Wolmar continua internada na Casa de Saúde da Cruz Vermelha, em observação e sem receber visitas, por ordem do seu médico assistente, dr. Vieira de Castro.

Em consequência do traumatismo craniano que sofreu num acidente de trânsito, ocorrido no passado dia 28 de Fevereiro, Isabel Wolmar, sentiu-se mal e o seu médico achou melhor que fosse internada e sujeita a observação, com exames radiológicos, análises e outros.

A conhecida locutora que há cerca de três anos foi vítima doutro acidente que lhe provocou um traumatismo craniano, sofreu desta vez, novo traumatismo e diversas contusões pelo corpo.

Aliás, Isabel andava em tratamento, estando afastada, com baixa, desde há tempos, do serviço na R. T. P.

O excesso de trabalho trazia-a nervosa e provocara-lhe cansaço e enfraquecimento.

Segundo nos declarou o dr. Vieira de Castro, Isabel Wolmar encontra-se bem mas como os traumatismos cranianos podem trazer posteriormente consequências graves, impõe-se uma certo período de vigilância.

Aliás, Isabel Wolmar foi observada ainda hoje, por médicos da equipa do dr. António Vasconcelos Marques, efectuando-se esta tarde, uma conferência entre os componentes daquela equipa e o dr. Vieira de Castro.

Joaquim Agostinho na corrida Paris-Nice

PARIS, 4 — (F. P.) — O vencedor da prova ciclista Paris-Nice, que se disputa de 10 a 16 do corrente, receberá, além dos prémios já anunciados, um pequeno automóvel.

A Eurovisão transmitirá directamente os ultimos 20 km de cada etapa.

Estão inscritos catorze equipas de oito corredores. O ciclista português Joaquim Agostinho representará a «Frimatic». Desta equipa fazem parte, entre outros, os belgas Jourden e Planckaert e o checo Daler. Figuras conhecidas do ciclismo como Poulidor, Anquetil, Wolfshohl (vencedor da edição do ano passado), Janssen, Aimar, Zimmerman, Van Coningsloo, Merckx, Reybroeck, Gimondi, Godefroot e Gomez Del Moral também participam na prova.

O dinamarquês Ole Ritter, recordista mundial da hora, estará igualmente presente, admitindo-se que seja incluído na equipa da «Frimatic».

CONFERÊNCIA DE IMPRENSA DO PRESIDENTE NIXON

(Continuação da 1.ª página)

a Casa Branca anunciou a noite passada que a conferência se realizaria hoje, ás 21 horas locais (2 horas T. M. G.).

Observadores diplomáticos desta capital julgavam que o presidente se encontrava preocupado com as novas medidas com que os alemães orientais ameaçaram, se a eleição se efectuasse em Berlim-Oeste, as quais poderiam criar sérios obstáculos á sua esperada série de conversações com a União Soviética sobre problemas de interesse mútuo.

Esses planos podiam ruir se os soviéticos encorajassem ou não conseguissem evitar uma crise por causa de Berlim, disseram observadores.

Diplomatas encontravam-se, também, atentos por causa de novas declarações presidenciais sobre a Guerra no Vietnam, especialmente quanto a indicações de possivel mudança de politica, devido a continuação dos bombardeamentos comunistas contra Saigão e outras cidades sul-vietnamianas.

GREVE GERAL NO PAQUISTÃO

DACCA, 4 — (A. N. I.) — O Paquistão Oriental está praticamente paralisado por uma greve geral, promovida pela comissão de acção dos Estudantes de todos os partidos.

Nas estradas não há praticamente movimento. As carreiras fluviais pararam e os voos internos foram suspensos, só ocasionalmente se forma um ou outro comboio fora dos horários ferroviários.

A greve é apoiada por dois partidos politicos militantes das esquerdas — o Partido Nacional Awami, pró-Pequim, e a Liga Awami do Paquistão Oriental.

Cadela perdigueira
DÁ-SE. TELEF. 243 924

Conta Universitária
BANCO DO ALENTEJO

Diário de Lisboa
Juvenil
N.º 612
DOS JOVENS PARA TODOS

O BILHAR

por António Madeira

As mulheres da limpeza varrem os papéis e as beatas que se acumularam no chão. O sr. José, «empregado competente e sério», limpa os bilhares com grande ternura, pois á noite a sala estará cheia, e é preciso que esteja tudo em ordem.

O sr. Lopes, possuidor de uma loja de pronto a vestir, é considerado o melhor jogador do café. Todos sentem grande pena de ele não participar nos campeonatos nacionais de bilhar. Dizem que ele era bem capaz de ganhar ao actual campeão, embora nunca tivessem visto este jogar.

A sala está sempre cheia de assistentes.

O Rodrigues, carteiro reformado, passa ali as suas horas livres, pois não tem onde gastar o dinheiro. Depois de almoço, vai até lá, senta-se a ler o jornal (de borla), e toma uma boa posição que lhe permita ver todas as jogadas. Quando surgem dúvidas no decorrer do jogo, é a ele que se dirigem a fim de esclarecer as jogadas.

O sr. doutor (é como lhe chamam), director da escola primária, julga ser dos melhores jogadores, sendo alvo de grandes gozos (sem ele ver, está claro!).

Quando falha a tacada surgem desculpas de todos os lados: é do taco, é do giz, é o bilhar que está a descair para a esquerda. A justificação do sr. doutor não tarda, e é aceite por todos como a mais certa. Quando ele vai iniciar uma partida, ouve-se com frequência: vão esfolar o pato. Também há quem diga que ele na escola é severo para com as crianças.

O sr. Felix, jogador de larga experiência, pertence a um clube da capital. Por isso, todos os seus movimentos são seguidos com atenção, o que lhe dá grande satisfação. Antes de começar o jogo escolhe um dos seus três tacos; verifica o seu estado; veste uns mangotes para não sujar os punhos da camisa; tira um giz especial (muitos dizem que é um giz vulgar); põe pó de talco nas mãos e vai esfregando no taco para este deslizar melhor; costuma pôr uns óculos escuros (uns dizem que são óculos graduados, outros que são para proteger a vista da iluminação), e começa a partida. As suas atitudes préviamente estudada fazem com que muitos dos assistentes adoptem o seu estilo.

O sr. Fernando Luís, despachante de alfandega (não se sabe bem a sua profissão, pois ele passa ali a vida), é um jogador fraco. Consegue atrair as atenções da assistência gracejando, fazendo gestos teatrais e difamando a mulher (dizem que é bem jeitosa). No fundo ele sabe que passa por idiota, mas não desiste.

O Carlos Morgado, rapaz novo, estudante e filho de gente de bem, passa os dias a jogar. Desde os catorze anos que ele frequenta a sala. Noutro dia ele disse: «Posso-me gabar de poder dar cartas a muitos, mas para isso tive de aprender bastante».

O seu maior desejo até há tempos era possuir um taco especial (igual ao do sr. Lopes). Sem o pai saber (sim, o pai não gosta nada que ele passe ali a vida; ás vezes até lá vai buscá-lo e repreende-o), conseguiu o que queria. Quando entra no café, sente orgulho de ver o seu taco reservado ao lado de outros tão célebres.

Hoje, o seu maior prazer quando joga é ver-se rodeado de veteranos. Ele pressente que qualquer dia poderá ingressar naquela tão ambicionada comunidade.

Há ainda aquele grupo de jogadores que pertencem à geração passada.

Dois desses, muito conhecidos: o sr. Ernesto, reformado da Marinha, e o sr. Alfredo, proprietário de terras em África. Quando jogam, ouvem-se queixumes, pragas...

No outro dia zangaram-se. Há quem diga que o sr. Alfredo tinha razão. Formaram-se várias opiniões. Naquela semana falou-se muito nisso.

Mas continuaram os jogos, os queixumes, as atitudes maliciosas, os aspectos coléricos... A maior revelação deste ano foi o Graça.

Na opinião do sr. Lopes (o tal campeão), a opinião mais válida do café, o Graça joga muito bem à defesa e tem uma boa seca.

Às duas horas da madrugada, quando fecha o café, apenas ficam o fumo do tabaco, os bilhares verdes sujos, os papéis e as beatas no chão que de manhã as mulheres da limpeza hão-de varrer

ANTIMUSA

por Hélia Correia

o poema
encontrei-o na rua.
Suportei-o nas coisas desiguais.
O merceeiro punha maçãs à porta mas
os meninos vendiam pentes.
Talvez o meu poema tenha morado
nos pés descalços
por isso trago vozes pó cansaço
trago um poema sujo
com cheiro a lenha e a caminhos
trago um poema que quero agreste
e malcriado.

O poema encontrei-o nas flores
O jardineiro cantava baixo.
As palavras que trago talvez
ele as dissesse antes de mim
por isso o meu poema se diz terra
vem suado dorido
e com orvalho colado aos ombros

O poema colhi-o nos outros
havia homens que falavam de coisas belas
há daquelas palavras que só se dizem
de mão em mão.
Foi daí que nasceram
todas as aves do meu poema

Talvez os barcos também trouxessem versos
algum dia
mas foi com eles que aprendi
os espaços vazios.
Os homens partem de madrugada
foi por isso
que enchi o meu poema de comboios
e o fechei em volta
A rima, desisti-a no passeio
um mendigo tocava
Foi então que eu fiquei com um poema cego.
Um poema de mãos fechadas

Há quem saiba de angústias e de luas.
Por mim,
trago-te os dias por que passo
nada mais.

RETICÊNCIAS

por Margarida de Paiva

Viajamos. Orelhas pendentes, olhar lambido, um osso nos dentes. Imaginamos. O caminho é fácil aqui penduradas nas colchas floridas da camarata. Penso filosóficamente na maneira de evitar erros lógicos, as flores das colchas não são tão verdadeiras como queria, mas lembram muitos Verões de ar pesado, mãos caladas e versos sem rima. Em resumo, Fernando, recuso o teu convite para nos embebedarmos, talvez nos rissemos ao som dos copos, mas a hipótese é uma chave para abrir, e como nós já não temos nada fechado seria falta de seriedade científica.

Há um cigarro a consumir-se no tapete, faz um buraquinho lentamente e por lá vêem-se estrelas a dormir porque já é noite feita. A Cila tomou café e não tem sono, recorda-se que nas tardes de sol o céu é azul, tão azul como o lírio do irmão que morreu sem ter crescido, que os meninos que crescem na guerra não sorriem como as flores, abrimos a persiana e vamos para a janela procurar Morfeu, a Lua e paz.

Dez e meia. Jantava com Freud á luz de uma tocha, ambientes vermelhos e arroz-doce. Tremia como minha avó no dia do casamento. Lemos Bernardim depois da sopa para esquecer tendências e não lembrar teorias. Saímos á sobremesa. Disse a Freud que era muito nova e ele sorriu e não se convenceu. Depois que dei uma demão de tinta branca no carro dele que era vermelho, levou-me a casa e pediu desculpa.

No canto do fundo a Natália chora. Diz que está triste mas a Zé nega, pede uma frase emprestada e explica-lhe que não chora porque está triste mas está triste porque chora. Abrimos a boca e suspendemos os olhos. Surgiu a dúvida e fez-se insónia, então eu procuro no bolor dos dicionários alguma coisa de consistente que preencha as horas vazias do dia seguinte que prevejo amorfo como os outros. Quando o sol surge apenas cheguei á conclusão que é preciso procurar a quatro mãos.

«Repetimo-nos todos os dias nos mesmos hábitos gastos», diz com um tremor de pestanas postiças a minha irmã mais nova. «Renovamos a cada momento a loucura cada vez mais louca desta mocidade», afirma a minha avó mais velha. Penduro um assentimento duplo nas bochechas flácidas, refugio-me na indecisão e quando as pessoas berram que é preciso tomar posições, sou levada, condenada e enterrada sem glória, sem história e com uma manta de retalhos por caixão.

AO SERÃO

por Elisabeth

Visitas mais a T. V. e aquelas palavras que andam no ar e são sempre as mesmas.

Estar aqui e ser só, sem ter quem se sente no chão comigo; diga palavras das outras, invente coisas e vidas, vidas onde a chatice não é morna o que pode é queimar-nos a todos e donde fugiram as poltronas-burguesia com o pêlo do veludo eriçado assustadas pela invasão!

A casa é um barco velho, um grande barco velho, e quero fazer saltar portas e tectos para os amigos entrarem por todo o lado e não serem nunca visitas, sempre que não vamos nas horas que não existem. Para aqui e para ali sentindo na saliva o gosto do vento.

ATENÇÃO A...

ANTÓNIO MADEIRA, o autor da narrativa «O Bilhar». Vários são os motivos de interesse reunidos nesta breve crónica. O mais valioso, porém, vamos encontrá-lo no aproveitamento do quotidiano, no carrear para a arte de elementos que os viciados na fantasia poderão considerar banais. Tais elementos insignificantes **tornam-se, pela habilidade do autor,** significativos **em tal lugar, em tal tempo e com tais pessoas o importante são os tacos, o giz, a carambola...**

ANTÓNIO MADEIRA desenvolve a narração com raro sentido do equilíbrio. A contenção de que dá tão boas provas no seu «Bilhar» traz-nos a esperança de mais um nome a escrever no activo do nosso «Juvenil».

MÁRIO CASTRIM

A POSSE DO SILÊNCIO

por Joaquim Luís Alves

Sentiremos então o posse do silêncio
na nosso carne
contendo os gritos
que construímos nas veias

Iremos pelo caminho do sol
levantar os braços à madrugada
e levaremos nas nossas mãos
as sementes do fruto
que ergueremos do sangue

Chegaremos a uma hora desconhecido
e teremos então dentro de nós
o espanto de não nos termos
conhecido antes

Não compreenderemos o porquê
das nossas unhas roídas
não saberemos o porquê de nada
porque voltámos ao princípio

HISTÓRIA DO POEMA

por João Manuel Farias

as palavras fizeram-se não
para açucarar o solo mas para
berrar nos olhos. e nasceram

com caneta ou vassoura foram
talvez em veículo qualquer passar
parar em papel. paragem sem sinal.

a máquina feita jornal. o homem
sócio do poeta. as palavras
as palavras mecanizados.
.....

o trolha bateu à porta. pediu.
pão duro sem obstáculos
em poemas embrulhado

algumas observações sobre «DUAS NARRATIVAS» de Augusto Frade

por Gilberto Sancho

Acabam-se de ler estas duas narrativas de A. F. e logo nos surge todo o significado de uma sociedade alienada, que neste caso é a nossa.

A primeira das narrativas situa-se num ambiente familiar que, apesar do seu anacronismo, é ainda hoje vivo entre nós. Quanto à segunda narrativa o mesmo se poderá dizer. Aliás, dentro de uma generalidade, poderemos afirmar que a segunda narrativa reflecte toda uma alienação da nossa sociedade, numa perspectiva mais usual do que a primeira.

Portanto, falaremos primeiro da segunda narrativa.

Pelo título notamos logo que se tratará de qualquer coisa isolada, encerrada num mundo estranho, estranho porque desadaptado. «A Ficha» lembra-nos toda uma burocracia que se nos torna insuportável, revoltante.

Mas, será que poderemos analisar ou encetar uma análise do trabalho pelo título? Não será uma mera gratuitidade?

As perguntas impõem-se-nos, face a uma liberdade de escolha nos títulos que, por vezes, encontramos em certas obras artísticas e da sua possível gratuitidade em consequência dessa mesma liberdade.

É claro que falamos aqui em gratuito, no sentido de não ligado ao contexto. Contudo este título de «A Ficha» é como que o resumo de toda essa pessoa que é Artur.

E quando atrás se falou em burocracia, foi exactamente com a intenção de mostrar que «A Ficha» neste caso é um ser humano.

Mas trata-se de um ser humano que «...há muito que descobriu que a humildade e a timidez são os «vícios» dele». E onde está o ser de todo este determinismo psicológico? A resposta dá-nos A. F. mais adiante «...a mãe domina-o por completo como a todos, o dinheiro lá em casa sempre na mão dela...».

Poderíamos afirmar que o assunto não é novo, que já «tem barbas». Com certeza que já muito se escreveu sobre toda essa problemática da nossa sociedade. Temos, por exemplo, um Soeiro Pereira Gomes, um Cardoso Pires, um Urbano Tavares Rodrigues, um António Reis, etc.

Apesar de tudo isso, qual o valor, qual a originalidade desta narrativa de A. F.?

Esse valor, essa originalidade estão no identificar-se Artur com essa pedra onde «limita-se a escrever a sua ficha... aliás escreve todos os dias sempre o mesmo...» porque ele é sempre o mesmo, ou seja **nada**.

E é **nada** porque a mãe é **tudo**. A mãe como que umbicalmente ligada a esse «...canto da arca, uma arca antiga...», que expressa a vida e a morte.

Reparemos, ainda, como a figura da mãe além do «...ninguém se fie nos filhos, sugam o mais que podem e depois batem a asa, não querem saber...» consegue que Artur sofra uma evolução psicológica acentuada quando «...não apagou a pedra...» e «teve coragem para riscar o nome dos pais e pôr à frente uma nota: não tenho».

E dizemos que sofreu uma evolução porque sendo aquela pedra ele mesmo, esse nome dos pais vivia com ele, até à altura em que o riscou. Desapareceu assim todo o resíduo afectivo que poderia ainda existir no espírito de Artur. «...não tenho» é o grito final de libertação, o remédio para esses «vícios» que o determinavam.

Consideramos que A. F. conseguiu, e muito positivamente, perspectivar toda uma evolução psicológica da personagem. E dizemos muito positivamente porque cingiu-se a identificá-la com objectos inanimados, aos quais concede vida real e específica para a personagem.

E quando falamos em objectos inanimados referimo-nos, designadamente, às figuras da mãe e do pai que não passam de meros autómatos.

Falemos agora de «A mulher do sr. António», narrativa que nos traz um sabor a Eça. E dizemos um sabor a Eça porque nela se retrata todo o burguesismo decadente das «famílias-bem».

Reparemos primeiro, na mentalidade da mulher do sr António. Quais as suas preocupações?

«conhecia muito bem as regras de etiqueta», «...interessava-se muito pelo segundo casamento da senhora Kennedy...», «...era viúva... nunca lhe passou pela cabeça tornar a casar, ela, a primeira dama da região...», «...habituara-se a matar moscas...», «...o chá e os bolos...», «...queixava-se de que o dinheiro não chegava para nada, que os pobres já não precisavam de trabalhar nos campos...», «...estou cheia de maleriados...», «...tocou o telefone... com certeza uma amiga dos velhos tempos que quer conversa e ela aceita encantada...», «...fala do passado da amiga que lhe telefonou, uma das famílias mais distintas do Porto...».

Após esta transcrição fica-nos bem presente a classe social que representa esta mulher. Aliás, logo no começo da narrativa, A. F. nos fornece uma achega importante ao escrever «...vinha o Zé, o Totó e a Luísa, a tia do Zé e o marido...». Toda uma série de nomes que nos elucidam quanto ao ambiente onde se desenrolará a acção. Devido à sua singularidade, estes nomes caracterizam muito bem o género de reunião que se irá efectuar.

Mas voltemos ainda à mulher do sr. António. Quando atrás enumerámos as preocupações da mulher não nos referimos àquela que representa como que a síntese de todas elas — o sr. António. Logo no começo da narrativa, A. F. chama-nos a atenção para a importância do sr. António na vida da esposa ao dizer «...quando o António vivia «aquela» sala era o ponto de reunião da sociedade da região...» Portanto a figura do marido continua presente naquela sala, naquela reunião. Reparemos até que A. F. colocou «aquela» entre aspas, precisamente para marcar bem essa existência do marido. A sala é aquela e não outra qualquer. «...se o António estivesse vivo o Arnaldo não ia ao queijo...», outra passagem bastante característica.

Ora a decadência da classe social insere-se, precisamente, nesta teimosia por parte da mulher, em querer viver à sombra do marido. A. F. tomou como exemplo a viúva inconformista para realçar uma época social já ultrapassada há muito, por mais paradoxal que pareça, ainda existente entre nós. E por ainda existir é que esta narrativa tem valor e significado.

Tomemos agora as duas narrativas em conjunto e tentemos descobrir onde está o ponto comum. Ressalta-nos a alienação social.

Na primeira, essa alienação é fruto de uma posição social que por ultrapassada se teima em manter. Na segunda essa alienação tem por base um deprivilegiada.

Já que estamos a tomar as duas narrativas em conjunto e já que falámos em alienação social como ponto comum, não poderíamos deixar de referir o modo subtil como A. F. nos perspectiva, por um lado uma alienação que se mantém, por outro uma situação alienatória que é ultrapassada, alcançando-se, talvez, outro tipo de alienação.

Reparemos que em «A mulher do sr. António» os ETC finais dão-nos a noção de que a situação se manterá, enquanto que em «A Ficha» aquele «...não tenho» final indica-nos que determinada situação é ultrapassada, que outra se seguirá. E é neste encadeamento que notamos uma certa sincronização entre as duas narrativas, quer dizer, a segunda como possível solução da primeira. É este **possível** que confere aos dois trabalhos uma continuidade e uma interpenetração admiráveis.

Tentemos agora detectar essas «pedras indispensáveis para uma construção pessoal... (neste) belo exemplo de aprendizagem da realidade».

Parece-nos que A. F. se baseia nos seguintes dados para arquitectar o seu estilo: poder de observação, liberdade na construção da frase e uma adjectivação precisa.

Esse poder de observação revela-se-nos na maneira hábil como A. F. enriquece o ambiente, onde decorrem as narrativas, introduzindo determinadas expressões que nos «falam» da personagem no sentido da realidade.

A este poder de observação alia-se uma adjectivação precisa que nos é transmitida a partir de certos atributos ou características que A. F. acidentaliza à personagem central.

Trata-se, portanto, de duas características estilísticas, intrinsecamente diferentes. O poder de observação existe na sua «forma bruta» mas e apesar do espírito de criação o modelar, a utilização das expressões adjectivas, confere a essa observação do real o que no fundo se denomina realismo literário. E porquê? Porque são elas que revelam não só quem é a personagem mas também o que é essa mesma personagem dentro de um contexto literário, social, económico, etc.

Por exemplo, na primeira narrativa, A. F. diz-nos o seguinte, referindo-se à personagem central «...mas depois de matar as moscas que estavam à mão e de exibir os tiques característicos batia com os dentes ou puxava o vestido para diminuir o decote...», «...interessava-se muito pelo segundo casamento da senhora Kennedy...». Temos, assim, aqui, dois exemplos que embora pareçam revelar apenas poder de observação, apresentam características diferentes. Reparamos que o segundo é, precisamente, um exemplo de expressão adjectiva, intrinsecamente diferente do primeiro, que revela apenas poder de observação.

Na segunda narrativa o mesmo se poderá dizer e exemplificar com «a... primeira coisa que viu foi a mesa posta...» e «...não se atreve a fitar ninguém nos olhos;».

A liberdade na construção da frase, em qualquer das narrativas é bastante evidente. Repare-se que A. F. utiliza uma pontuação que poderíamos denominar de «psicológica», ou seja, de acordo com o carácter realista que é necessário implantar no contexto. Assim, aparecem-nos as vírgulas, os pontos, as exclamações, os travessões, naquelas alturas onde talvez não esperássemos.

E para terminarmos no «Atenção a...» de Afonso Praça lemos a certa altura «O estilo precisa (ainda) de mais trabalho...» e achamos correcta esta observação, pois parece-nos que em A. F. o estilo não se encontra ainda bem delimitado, devido, essencialmente, à introdução de certas expressões que consideramos um pouco desadaptadas no contexto, como por exemplo na primeira narrativa «...eu era bem educado e sabia comer com ela à mesa, entre doutores, porque ela me tinha ensinado e também me tinha ensinado outras coisas sobre mulheres, a experiência que ela tinha!!»

E damos este exemplo porque mais adiante e na mesma narrativa A. F. escreve «...eu aproveitei a pausa para lhe servir o chá, eu sim, que era educadinho, vê-se logo que tinha tomado chá em pequeno, mas devia-lhe muito a ela...». Outro exemplo ainda encontra-se na segunda narrativa na expressão «...saiu o ano passado da escola...» ou neste aparte «...estou convencido que nunca mais fará».

O AMOR

por José Henrique S. Barros

O amor está em mim feito
Palavra
Vêm correndo devagar pela noite fora e bate,
bate ao de leve, depois com força à porta
do poema.
O amor ascende pela boca e entrega-se
o amor
marca em chamas os caminhos que ousamos pisar
quando se aproxima a madrugada. É assim que
na nudez primitiva das trevas, o amor
se revela se mostra.

O amor mexe com o sangue e as veias
que abalam a consciência do deus da criança do
sorriso
e traz uma filosofia que se cola ao corpo e
se estende se excita
pelas árvores
que crescem. Raízes e garrafas e maçãs
pendem
do mundo impaciente que o amor envolve.

O amor não tem alma nem usa luto
quando escorraçado pelo sangue do fruto
de gerações antigas, quando
cai em abismos verticais e cheios de cosas.
O cansaço espreita o amor e cinge-o
nos ossos agudos e seculares que se
demoram, e rompem e rasgam
os olhos cegos de paixões em cachos.

ESTE É O TEU NOME

(poema segundo)

por Carlos Gouveia Pinto

Estendo a tua face
sobre a cidade
ainda húmida
da chuva que caiu
e espero que o calor
me sufoque
como um rio
e chamo-te pedra ou
casa ou flor
porque esse é o teu nome
o nome que dou
ainda hoje
partindo te deixo um poema
como te poderia deixar uma maçã.
pois para que parta é preciso também ficar
em algo redondo, num ovo
ou num poema que arredonde a manhã.

MARTINHA COM GATOS, LÍNGUAS E TUDO

O único barulho estranho naquela casa era o miar dos gatos. De resto, tudo era silêncio, dum silêncio fantasma de pedra tumular. Era ali que vivia a velhota. Devia ser velha. Eu nunca a vira, crescera ali no prédio, junto a mim, paredes-meias, mas nunca, ou melhor vi-lhe um dia uns pelos brancos a espreitar na frincha da porta. Mas hoje duvido se eram dela ou de algum gato que tivesse ao colo. Chamava-se Martinha, de seu nome completo — e r a solteira. Que eu saiba, devia ter nascido com o prédio, construída pouco a pouco por um pedreiro mal treinado. Ainda me lembro, descia a escada a correr, uma fatia de pão com doce, os olhos ensonados a chorar, mas tinha sempre tempo de lhe encostar o ouvido á porta e deitar a língua de fora. Era assim que imaginava a vizinha. Rodeada de gatos, pantufas de feltro e chapeu na cabeça. Sentada junto a janela que dá prá rua, agarrava, com quantas forças tinha, o sol que batia na fachada. Era por isso que durava tanto a bailar teimoso nas folhas da tabuada. Maldita velha! Agora vou mudar para ali, o sol já está a fugir. Vá aproveitem também. Faz-lhes bem ao pelo. Vá, pró colo quiducho. Quiducho! Era capaz de mandar vir um grosso carapau no cesto que atirava pela janela, mas nunca foi capaz de dar uma carcaça a um pobre. Eu dei-lhe sempre dois tostões, e do meu mealheiro; carcaças não, deixava-as no patamar, queria-as antes comprar na taberna da frente. Enfim são gostos... Lá em casa não gostavam que eu lhe chamasse velha e, um dia que a ouvi ralhar com um dos gatos, por ter arranhado o seu irmão, cheguei a casa «oh mãe, oh mãe, a maluca da velha aqui do lado...» mais nada, dois estalos soaram no ar, «já te disse que não é assim que...» e o resto já sabem. Maldita velha, malditos gatos, maldito tudo. E saí, porta fora a chorar. Nunca a minha língua foi tão grande como naquela manhã. Era um homem quando voltei. Martinha morrera, mas ninguém viu sair o cortejo. Sério que sinto a falta dela. Pelos vistos sou o único. Minha mãe tem agora um casal jovem por vizinho. O senhorio aumentou a renda quase ao dobro. E ainda hoje a procuro pelas ruas numa desculpa de línguas de fora, que as línguas de gato que bocejam no quintal, (vá lá a gente comparar os laços de seda engomada com cordas molinadas de roupa estendida me fazem lembrar.

RECEPÇÃO

por Alice Vassalo Pereira

M. GIRALDES (Lisboa) — Parece-me que a prosa é o caminho mais indicado para ti. Os poemas são bastante fracos, muito a pender para a tristeza artificial (convence-te de que não é por falar em tristeza que um poema pode exprimir a verdadeira tristeza do autor...). O conto também não é nenhuma maravilha, mas se continuares a trabalhar — tens tanto tempo ainda para isso — poderás escrever contos com real interesse.

R. RODER (Sacavém) — Digamos que, por enquanto, estás em rodagem... Tanto os poemas como o conto querem dizer muita coisa e não lhes chega a boca para tanto... Seria muito útil para ti a leitura dos nossos poetas contemporâneos. Conheces a poesia de Sophia de Mello Breyner? Ou a de Herberto Helder? Ou a de António Reis? É claro que estes são apenas um exemplo, três nomes que por acaso me vieram á ideia. Mas há tantos outros! Vai escrevendo e dá notícias (mas não escrevas a encarnado porque isso levanta muitos problemas na tipografia).

MARGARIDA DE PAIVA (Lisboa) — Embora ainda com algumas falhas (pouca experiência? Pouca idade? Que laconismo este...) O teu conto tem interesse e gostava de ler mais coisas tuas. Peço-te, no entanto, que dês mais algumas informações, ou antes, que dês informações para eu poder ficar a saber um bocadinho mais de ti. Assim se podem conhecer os amigos! Estás a ver o que seria eu andar á procura de uma Margarida de Paiva por toda a cidade, se tivesse alguma coisa para lhe comunicar? Fala-me, pois, um bocadinho de ti e escreve quando quiseres.

TÓYA BARROCOSO (Setúbal) — Claro que podes colaborar no «Juvenil». Se os teus trabalhos tiverem qualidade, serão publicados. Nessa altura te direi qualquer coisa.

J. DA COSTA (Lisboa) — Ainda estou para saber por que razão gostei do teu poema... Analisando-o bem eu até lhe consigo encontrar certos defeitos, muitos lugares-comuns. De qualquer modo há qualquer coisa que nos prende à sua leitura. Portanto cá fico à espera de mais trabalhos. Quanto à colaboração com o «Panorama» podes mandar à mesma para o «Juvenil» mas endereçado ao «Panorama».

POEMA (para a Leonor) UM AZEVEDO

por Vítor Oliveira Jorge — por Diamantino Monteiro da Silva

A CHUVA, O CHÁ

por Luís Augusto Soares Lopes

Chove. O pequeno marçano escondido sob a saca de serapilheira feita para vedar mas que não veda, corre pela rua.

As velhas tagarelam. O chá está quase pronto.

Chove. Folhas mortas voam levadas pelo vento brincalhão.

As velhas tagarelam. O chá está quase pronto.

E há gente com a sopa ao lume que vem ver a chuva e queima a sopa e o pequeno marçano chora porque a rua não tem fim.

As velhas tagarelam. O chá está quase pronto.

O Azevedo? Bom, o Azevedo é a bola de pinguepongue que de manhã é empurrada pela mulher para o escritório, ao meio-dia do patrão para a mulher, desta para o patrão, que ás 6 horas lhe dá o toque final que o leva direitinho a casa. Anda nisto há uns vinte anos.

Noutro dia, quando o patrão chegou mal disposto, chapou-lhe na cara com umas páginas dactilografadas, que caíram até ao chão, donde o Azevedo, mudo, as apanhou, para as ordenar e pôr sobre a secretária. Tudo isto perante três «atarefadas» meninas, dois outros colegas e o olhar dum rapazito que era pau para toda a colher e a quem o Azevedo dava umas bofetadas. Mas o papel de chefe de família impunha-se a umas tantas coisas que o patrão merecia ouvir. Bolas, o Azevedo sempre tem mulher e dois filhos, mas principalmente a mulher que não gosta de caprichos.

Mas o Azevedo tinha que arranjar uma compensação, e principiou com um safanão no tal rapaz por estar feito basbaque a olhar para ele, marcou autoridade, depois arrepanhou uns papéis e dirigiu-se ás escadas que levam á cave, lugar da oficina, onde está aquela cambada de inferiores que só discutem futebol; que não lêem os artigos suplementares do jornal; que não conhecem a política mundial e só sabem refilar por aumento de ordenado. Faz o patrão muito bem não lhes dar nem mais um tostão. Agora ele, que entrou para aquela casa com o 2.º ano comercial, soube adquirir um todo de cultura (por jornais e «policiais» digo á guisa de informação das fontes), como nenhum outro havia lá dentro e arredores!

Porque o Azevedo não vai ao futebol. Devora novelas policiais e ao domingo leva a família á missa.

Chegou á oficina. Começou a distribuir os papéis e a dar informações que não lhe pediam com um sorriso gozão-superior, que tomava forma de advertência imperativa a um ou outro a quem já tinha apalpado o pulso.

Após esta ronda, mais aliviado, mais restabelecido, sobe até ao escritório onde abre a porta e a passagem ao patrão com um: Faz favor senhor..., todo sorrisos, todo mesuras.

POEMA

por Manuel Ribeiro Santos

descia a calçada
inventava um pôr do sol lá para as bandas da cidade
havia sempre um local com a inclinação prevista e ponderada
onde parava
então o sol caía-me de cima
enchia-me os olhos
nos dias de chuva como não houvesse sol
e o musgo estalasse sob os pés
fazia como o ormindo
«aproveitava esta inércia positiva
provando que E=mc²»
apesar dele ser um sujeito estranho
sem gestos e mãos a mais

talvez por fazer isso diàriamente
estranho-me sentado num café tardio e seculento
no fim de uma rua estreita e com prédios verdes
junto ao rio
com cacilheiros a aportarem vagamente ao meu largo
defronte de um copo vazio de laranjada
e uma garrafa verde
com outro rosto ao lado e à frente
cinzento da chuva que escorre na intimidade transparente dos vidros
onde me encosto mas
«dos rostos já nem os rostos»
como escreveu o ormindo numa tarde sem sol num café da baixa
a cheirar a literatura e revolução francesa
em ruínas

A CIDADE

por Mário Rui Cordeiro

«os anos lentamente nos trouxeram as casas com que formámos a cidade»

1. a cidade ondulando-se na noite nos olhos das pessoas que passam batendo com os sapatos engraxados nas pedras da calçada a cidade apertando nas mãos esperanças e ilusões silêncio e barulho choros e gargalhadas. há tudo na cidade.
no interior dos cinemas vêem-se filmes há restos volvidos na escuridão rostos encaixados no corpo das pessoas que trazem casacões e gabardinas pendurados nos ombros porque é inverno e as pessoas procuram abrigos para sonharem a vida e descem escadas que comunicam com caves caves onde se joga bilhar e se fuma e se lê o jornal e se enche a boca com o sabor da bica quente bastante quente.
os rostos que habitam estas caves são tristes e longinquos devoram cigarros e atiram o fumo para o ar como se atiram para a rua todas as manhãs e dizem que a vida é uma porcaria que nunca deviam ter nascido que isto que aquilo mas quando entram nas ruas caminham depressa pousando os pés em qualquer sitio e não cantam e olham o chão esquecem a noite esquecem que a noite é fria que é inverno.
é a cidade a comer o inverno a escrever poemas nas paredes geladas das ruas estreitas dissolvidas na noite porque é á noite que apetece pensar no amadurecimento no rumo que temos de dar ás nossas mãos.
a cidade não tem nome mas tem sangue tem árvores tem vida tem palavras e é o que basta para ser cidade.
e a noite avança as crianças há muito que adormeceram e os pais envelhecem ao serão e pensam que a cidade continua sempre que nunca acaba a cidade.

2. mas a manhã eis que chega e trás lembranças na carne e guitarras no sangue e pousa algas nas mãos das pessoas ainda com restos de sono nos bolsos das calças com os vincos bem vincados. eis que chega a manhã o sol o cheiro a gasolina dos carros que atravessam a praça. eis que chega a manhã e o que precisa de ser dito e o que precisa de ser pensado.
cordas existem cordas espalhadas pela cidade todas as ruas têm cordas e cada corda possui o som dum búzio que lembra o mar o mar tão longe desta cidade o mar tão perto desta cidade o mar que é amor o amor com que se constroem claustros os claustros que emolduram o céu o céu azul e com nuvens o horizonte com montes e com árvores a cidade com palavras e com rostos.

e a manhã existe fresca a nascer nas paredes nos fatos das pessoas e gera ecos que se consomem devagar devagar como o sol amorna os telhados com orvalho as ruas com vozes vozes que crescem e sufocam com as suas garras fortes o silêncio. vozes a cidade está de vozes de vozes ah as vozes que alimentam os coros das guitarras e existem carregadas de azul perto dos incêndios das esperanças que esmagam estátuas e povoam fronteiras.

mas nós? nós ah nós passeamos pensamos não pensamos em grades não nem sequer em rochas não há rochas nas manhãs sim nós ouvimos o vento as orações que rebentam nas manhãs nós deslizamos para o rio que encheu bastante com estas chuvas nós colocamos o nosso cheiro nas encostas do monte que gerou a cidade e rebolamos pela erva orvalhada.

lá em baixo corre o rio e há a ponte os barcos passando por baixo. nós nós sentimos a força do rio do rio a rebolar-se pela manhã e pensamos que o rio também pertence ao sangue da cidade.

MONOFOBIA

por Fernando Manuel

1 — Não foi no autocarro mas podia muito bem ter sido. A ti-qualquer-coisa vende castanhas assadinhas quentinhas baratinhas mas podia muito bem vender limões dois dois tostões.
O caso é que eu estava cansado parado em qualquer sítio ali próximo da esquina espinha da outra rua.
Não foi no autocarro não senhor senhor.
Foi aqui ali.

2 — Não fazia chuva uva va a. Não era rugada drugada madrugada.
E eu sentia-me cansado desbobinado desdobrado.
A desdobragem dos gestos restos rectos éthikós que não habitam habitações nem têm habitações como o Lusinho-da-farmácia-filho-do-sôdoitor-lá-de-coimbra-que-é-um-grande-ponto.
Não foi absolutamente au-to-car-ro não.
Foi cá-lá.

3 — Não foi no autocarro arro mas podia ia muito bem ter sido ido.
Eu estava cansado.
Disse digo e repito: cansado!
Mas não foi no autocarro.
A gente sabe lá: onde as coisas podem acontecer acontecem!
Acontecem tantas coisas que a gente gente dez-réis de gente passa o pente sente sói dói o dente e não recorda. Recorda corda que tudo rebola bola e não se fixa.

4 — Não foi no autocarro.
Sentia-me cansado.
Esperava o mim assim tal qual. Um i apertado entre 2 êmes lemes.
Esperava assim.
Esperava por mim.
Mas não foi no autocarro não.
Foi aqui ali aí lá.

CARTA

por Diamantino Monteiro da Silva

Olá mãe.
Eu
estou bem.
Tu
é que já não és
a imagem enganada
de bondosa deusa imacu-
[lada.
Desse tempo de adjectivos
hoje...
não resta nada

Olá, mãe...
eu não queria.
Foi o saber
que te olhava dia a dia
a dissecar.
A nitidez
a magia desfez.

Olá mulher
como disse Cristo.
Vê, mãe
que não mais és do que
[isto.
Mas não há diálogo, eu sei.
havia distancia sob as mes-
[mas telhas.
Mas, mãe
não é ingrato
quem arranca as máscaras
[ao trato

Olha agora.
Estou bem
Já sou livre.
Já serei eu.
Édipo já morreu.

UM HOMEM QUE VIVIA EM SOCIEDADE

por Jorge Massada

um homem que vivia em sociedade
vestiu-se de cravo na lapela.

mas vestiu-se de cravo na lapela
um homem que vivia em sociedade?

Não.
Vestiu-se em sociedade um homem
que vivia cravo na lapela.

ÚLTIMA NOTÍCIA

por Vítor de Sousa Ilharco

a cidade onde se fabricam livros
e só tem actos heróicos a contar
está vazia de monumentos.

tem multidão.

o presidente da câmara
já disse:
«se os monumentos são
consagração de heróis
a nossa cidade tem
um monumento em cada habitante».

e os garotos da escola
continuam a pedir
pedras para estudar.

POEMA

por Luís Vieira da Luz

O perfume da Rita sabe a alicerces, porque Rita é cidade descoberta.

Rita é pois cidade, e também distâncias mais pequenas

A PALAVRA COMO UM RUMO DE LÁBIOS

por Jorge Alves da Silva

a palavra como um rumo de lábios
a correrem loucos a casa
construção de silêncios armados
de ferrugem de brilho

a palavra a cair como sarro
a começar pelo chão um dedo
um voo de ave um outro
nome para a parede o prédio

a palavra por lavrar a terra
por abrir sementes ao fruto
algas ao mar só um modo
organizado de saliva nos dentes

a palavra a dizer imóvel
o sangue que move em viagem
uma ontologia de gestos
clandestinos na feira

a palavra a dizer alta o sono
curvando interna a arma a
inclinar o espelho na cara
pelos olhos um rumo de lábios